

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA “ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia

Luis Ricardo Ravagnani

Belém – PA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LABORATÓRIO DE ANTROPOLOGIA “ARTHUR NAPOLEÃO FIGUEIREDO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia

Luis Ricardo Ravagnani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da
Silveira

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcia Bezerra

Belém – PA

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Ravagnani, Luis Ricardo, 1980-
A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de
Marajó, Amazônia / Luis Ricardo Ravagnani. - 2015.

Orientador: Flávio Leonel Abreu da
Silveira;

Coorientadora: Márcia Bezerra.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, Belém, 2015.

1. Festas religiosas Marajó, Ilha do (PA).
2. Cultura popular Marajó, Ilha do (PA). 3.
Socialização. 4. Pescadores Aspectos sociais
Marajó, Ilha do (AP). I. Título.

CDD 22. ed. 306.6098115

Luis Ricardo Ravagnani

A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Belém, 26 de agosto de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Orientador – PPGSA/UFPA

Prof^a. Dr^a. Marcia Bezerra
Coorientadora – PPGA/UFPA

Prof^a. Dr^a. Fernanda Valli Nummer
Examinadora – PPGSP/UFPA

Prof^a. Dr^a. Edna Ferreira Alencar
Examinadora – PPGSA/UFPA

Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Examinador Suplente – PPGSA/UFPA

Belém – PA
2015

Este trabalho é dedicado aos pescadores e moradores da Vila de Joanes. Tenho certeza que ele não está à altura de suas contribuições, mas espero que lhes sirva como registro dessa festa de pescadores, de sua história e de sua cultura.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à orientação do professor Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira e da professora Dr^a Marcia Bezerra, que além das críticas para a construção do trabalho, procuraram me apoiar nos momentos de dificuldades pessoais e acadêmicas, muito obrigado.

Gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa de estudos cedida durante a realização do mestrado e pelo financiamento das viagens à campo e participações em congressos, que em muito contribuíram nas análises teóricas e práticas da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, em especial a todos os professores e professoras que contribuíram em suas disciplinas com discussões, e a todos funcionários e funcionárias pelo seu carinho e orientações. Sem o trabalho de todos vocês, este trabalho que apresento aqui, nunca teria existido, obrigado.

Aos meus pais e amigos, e aos pescadores e moradores da Vila de Joanes, em especial a Edineia e sua família, por ter cedido o espaço de sua casa e de suas vidas para que eu pudesse me sentir acolhido durante as etapas em campo, com seus cuidados e sua amizade.

E agradeço, especialmente, a minha amada companheira, Thiara, pelo seu suporte econômico e afetivo, sempre dispendido com tanto carinho e atenção. E à minha filha Martina e meu filho Vicente, que trouxeram mais um motivo para que essa fase se concluísse. Muito obrigado por vocês existirem e me aceitarem em suas vidas.

RESUMO

A Festa de São Pedro na Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Amazônia

A Vila de Joanes é uma vila de pescadores situada no município de Salvaterra, na Ilha de Marajó (PA). Historicamente, foi uma aldeia indígena e depois um assentamento religioso e militar, ganhando importância e destaque na economia local como um Pesqueiro Real. A vila possui o sítio histórico PA-JO-46, que é constituído pelas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de poços que remetem ao período colonial marcando as transformações no tempo. Os pescadores se destacam como um “grupo de ofício” reconhecido e valorizado na vila, pela economia que se movimenta através deles e pela cultura que compartilham. No presente trabalho o olhar esteve voltado para a “Festa de São Pedro” ou “festa dos pescadores”, por constituir meio de representação e sociabilidade do grupo de pescadores. Através do método etnográfico procurei descrever os diferentes rituais que compõe a festa e compreender as relações de sociabilidade que se estabelecem entre organizadores e participantes. Acredito que a festa constitui experiência importante na vida das pessoas e de grupos sociais e que através dela seja possível compreender as diversas dimensões da sociedade como: política, religião, parentesco, trabalho, lazer e economia, como “fato social total” (MAUSS, 1974).

Palavras-chave: Religião Popular, Sociabilidade, Pescador, Amazônia.

ABSTRACT

The Feast of St. Peter in Joanes Village, Marajo Island, Amazon

The Joanes Village is a fishing village in the municipality of Salvaterra, in Marajó Island (PA). Historically it was an indian village and then a religious and military settlement gained importance and prominence in the local economy as a Real Fishing. The town has the historic site PA-JO-46, which consists of the ruins of the Church of Our Lady of the Rosary and wells of the colonial period marking the changes in time. Fishermen stand out as a craft group recognized and valued in the village for the economy that moves through them and the culture they share. In this work the look was focused on the "Feast of St. Peter" or "party of fishermen", as it constitutes a means of representation and sociability of the group of fishermen. Through ethnographic method tried to describe the different rituals that make up the party and understand the sociability of relations established between organizers and participants. I believe that the party is an important experience in people's lives and social groups and that through it we can understand and explain the various dimensions of society: politics, religion, kinship, work, leisure and economics, like "total social fact" (MAUSS, 1974).

Keywords: Popular Religion, Sociability, Fisherman, Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES¹

Figura 1: Mapa de localização dos municípios de Belém e Salvaterra e da Vila de Joanes	13
Figura 2: Levantamento dos mastros, em frente ao Barracão de São Pedro	38
Figura 3: Barracão de São Pedro e Sede da ASTAPA – Associação dos Trabalhadores na Aquicultura e Pesca, em Joanes	51
Figura 4: Velho em primeiro plano e Pau Amarelo ao fundo, esperando a chegada de Foguete, para sair para pescar	58
Figura 5: Imagem superior: Pescadores esticando a rede no mar. Imagem inferior: Pescadores esperando para puxar a rede	60
Figura 6: Pescadores puxando a rede e separando os peixes dentro da embarcação	62
Figura 7: Da esquerda para a direita: Ovo, Bodinho e Papagaio	63
Figura 8: Pescadores lançando a rede no ponto de pesca chamado “Mete Medo”	64
Figura 9: Pescadores puxando a rede para dentro da embarcação	66
Figura 10: Pescadores levando peixes para serem vendidos no mercado de Joanes	67
Figura 11: Bala, ficou com a bandeira da festa de 2013, tornando-se juiz da bandeira dos homens para a festa de São Pedro de 2014	74
Figura 12: Caixa de madeira acondicionando o espinhel, apetrecho pode ser composto por mais de 150 anzóis	75
Figura 13: Barcos acomodados na Praia Grande de Joanes	82
Figura 14: Concentração de pescadores e da Banda Papa Chana, para o início do cortejo dos mastros de São Pedro, iniciando pelo Mastro dos homens	84
Figura 15: Mulheres enfeitando o Mastro dos homens com flores durante o cortejo. Ao fundo pode-se ver Bala com um balde cheio de tiborna e uma cuia na mão	85
Figura 16: Crianças participando do cortejo com o Mastro das crianças. Ao fundo a Banda Papa Chana seguia animando a caminhada	86
Figura 17: Da esquerda para a direita: Mastro das crianças, das mulheres e dos homens, fincados, marcando o início da Festa de São Pedro de 2013	87
Figura 18: Marreca com as bandeiras da festa de 2013. Ele foi o juiz do mastro dos homens da Festa de São Pedro de 2014	91
Figura 19: Seu Simão, Presidente da ASTAPA	93
Figura 20: Dona Terezinha com seu livro de memórias e histórias sobre a localidade de Água Boa, vizinha à Joanes	95
Figura 21: Parte da Banda Papa Chana tocando na brincadeira de boi, no centro de preto, Chirrano, um dos filhos de Seu Valentim	99
Figura 22: Cortejo dos Marujos, Marujas e Marujinhos, no Círio de Nossa Senhora do Rosário	100
Figura 23: Seu Valentim brincando boi. (Fotos cedidas pela família)	101
Figura 24: Cirene (esquerda) e Bucho (direita), organizadores da Festa de São Pedro	102
Figura 25: De cima para baixo: mastro dos homens passando em baixo do mastro das mulheres (mete o pau); mastro das crianças passando em baixo do mastro dos homens (mete o pau); mastro das crianças colocado de pé (levanta o pau)	104

¹ Todas as fotos do trabalho são de minha própria autoria, com exceção dos mapas que foram extraídos a partir da ferramenta *GoogleMaps* e da figura 25, pois as fotos foram cedidas pela família de Seu Valentim.

Figura 26: Bichão com seu pandeiro de couro de sucuriçu	106
Figura 27: Zebu em sua casa trabalhando na manutenção de seus apetrechos de pesca	107
Figura 28: Zebu preparado para iniciar o Cortejo dos Marujos, que segue à frente do Círio de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Joanes	108
Figura 29: Chirrano, pescador, além de atuar na Banda Papa Chana, mostrando como se “estrova” o anzol	111
Figura 30: Mapa do trajeto percorrido pela Regata, e seus pontos de largada e chegada	112
Figura 31: Barco São Jorge participando da regata dos pescadores na Festa de São Pedro	113
Figura 32: Barcos alinhados, disputando posições durante a Regata dos Pescadores, na Festa de São Pedro	114
Figura 33: Entrega de prêmios para os participantes da Regata	115
Figura 34: Menina desferindo golpes de machado para derrubar o Mastro das Crianças	117
Figura 35: Mastro dos homens sendo derrubado e amparado pelo Bucho	118
Figura 36: Mastro das Mulheres sendo derrubado	119
Figura 37: Descanso e última parada do cortejo dos mastros, na Praia Grande de Joanes	120

LISTA DE SIGLAS

ASTAPA - Associação dos Trabalhadores na Aquicultura e Pesca

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPESPA - Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PPGCS - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

PPGSA - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	11
1.1 – Sobre a vila de Joanes	13
1.2 – Entrada no campo de pesquisa	15
2 – SOCIABILIDADE FESTIVA – aspectos teóricos	22
2.1 – A Quadra Junina – aspectos teóricos e empíricos	33
2.2 – Festas e o método etnográfico	39
3 – UMA ETNOGRAFIA DA FESTA DE SÃO PEDRO	45
3.1 – A tradição da festa e suas mudanças	48
3.2 – O <i>tempo</i>	52
4 – SAINDO PARA A PESCA	55
4.1 – Velho, Foguete e Pau Amarelo	57
4.2 – Ovo, Papagaio e Bodinho	62
5 – A FESTA DE SÃO PEDRO: 2013 E 2014	69
5.1 – Os Mastros como Marcadores de Tempo	80
5.2 – O Levantamento dos Mastros	83
5.2.1 – O cortejo do mastro dos homens 2014 e a relação com Água Boa	89
5.2.1.1 – ASTAPA e a Vila de Água Boa	92
5.3 – A Família de seu Valentim e a Banda Papa Chana	98
5.4 – Regata dos Pescadores	112
5.5 – A Derrubada dos Mastros	115
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
BIBLIOGRAFIA	129

1 – INTRODUÇÃO

A Festa de São Pedro se constitui como objeto etnográfico² dessa pesquisa. Foi a partir das relações estabelecidas no âmbito da festa que procurei refletir sobre a estrutura social, política, econômica e religiosa na Vila de Joanes. A festa além de foco de observação principal no trabalho de campo, se apresentou como uma perspectiva interessante de observação sobre determinados temas. A imagem de um prisma transparente pelo qual se olha com a luz irradiada pela Antropologia, parece-me válida por revelar um arco-íris de relações, facilitando a visualização das diferentes nuances de cores pelo pesquisador atento ao mundo social.

A partir da etnografia penso que o evento se apresenta como um “fato social total” (MAUSS, 1974), pois através de diferentes relações que articulam dimensões econômicas, políticas e religiosas no contexto de Joanes, possibilitou-se que a festa exista até os dias de hoje, certamente, passando por adaptações e reestruturações ao longo do tempo, mas sem perder suas principais características.

A dissertação está dividida de forma que se possa apresentar para o leitor conceitos e relações que puderam ser observados e também conhecidos através do trabalho etnográfico, das entrevistas e conversas que foram traçadas junto aos interlocutores. Como resultado pretendo apresentar a história do lugar, apoiado em fontes históricas e arqueológicas que já foram levantadas por outros autores, aproximando-as das próprias narrativas dos pescadores e participantes da festa, possibilitando, assim, demonstrar como se estabeleceu essa vila de pescadores no decorrer do tempo. A tentativa é a de refletir sobre esse passado que remonta ao período colonial do Brasil e que se faz presente nos dias atuais através da pesca, que aparece como principal meio de produção local, pela presença das camboas³ (BEZERRA, 2012) que podem ser vistas nas praias, bem como das festas e celebrações de santos católicos, sendo as principais o Círio de Nossa Senhora do Rosário e a Festa de São Pedro, esta última conhecida também como a Festa dos Pescadores.

² O uso do termo “objeto etnográfico”, pode ser levado em dois sentidos. Para essa dissertação, seu uso se aproxima das colocações de Oscar Calavia Sáez, em seu artigo “O lugar e o tempo do objeto etnográfico”, por se tratar de uma tentativa de construção do objeto da pesquisa, que parte de um sujeito presente, podendo ao final da pesquisa ter alcançado êxito ou não. Outro sentido que pode ser dado ao termo citado, e que não tenho pretensões de aproximação, segue pelas colocações de Lucia Hussak van Velthem, em seu artigo “O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises”, onde ela enfoca sobre as discussões do objeto etnográfico relacionado com as coleções etnográficas de museus. Utensílios, ferramentas, armas, que são resgatados de seu lugar de origem e tornam-se objetos de pesquisa de antropólogos dentro dessas instituições.

³ As camboas se constituem em armadilhas de pedra que, na maré cheia os peixes conseguem acessá-la, e na maré baixa eles ficam aprisionados, podendo ser aproveitados pelos pescadores. Mais referências podem ser observadas na p. 97, deste trabalho.

Para tanto, um histórico da Festa de São Pedro na Vila de Joanes também deve ser apresentado, buscando a origem e os responsáveis pela sua continuidade, a partir das memórias e da oralidade dos pescadores e pescadoras que vivem no local, desvelando assim outros aspectos da vida e da estrutura social.

Alguns atores presentes neste cenário são de grande importância para a execução da festividade⁴ enquanto um acontecimento no calendário joanino. Apresento a história da festa sendo contada a partir de histórias de vida do sr. Valentim e demais familiares, tendo em vista que é um núcleo de referência para construir a festa como um problema social. Quando seus filhos são questionados sobre o porquê de seu pai assumir esse papel, principalmente na Brincadeira de Boi, e eles ainda manterem essa tradição, a resposta é simples e direta: “porque a gente gosta de tá no meio dessa bagunça”!

A trajetória desses festeiros foi contada, também, através da Banda Papa Chana, uma banda de instrumentos de percussão corda que segue animando os cortejos e as festas de santos, além das apresentações de quadrilha e de Boi, que ocorrem no mês de junho. A banda é formada, em sua maioria, por senhores de mais de 60 anos, e quase em sua totalidade, todos têm algum tipo de relação de parentesco com Seu Valentim.

Um dos principais objetivos da pesquisa foi buscar junto aos interlocutores, o máximo de informações que a memória do grupo pudesse trazer para a reflexão, tentando relacionar o histórico da Festa de São Pedro com a própria história de vida do sr. Valentim e de seus familiares, que ainda hoje são indicados pelos moradores da vila como referência sobre qualquer questão concernente às danças, músicas e os eventos festivos do local, principalmente quando se trata da banda “Papa Chana”, seus componentes e sua história, sempre na tentativa de compreender qual seu papel na realização da Festa de São Pedro.

É válido ressaltar que essas pessoas e suas histórias se confundem com a estrutura e a composição da Festa de São Pedro, bem como de outras festividades e brincadeiras juninas que ocorrem no local. Torna-se importante, assim, entender as complexidades dessa memória conservada através de gerações que possibilita a continuidade das atividades festivas, bem como a manutenção desse momento de sociabilidade entre os pescadores e moradores de Joanes, que se repete ano a ano.

⁴ O conceito de “festividade” descrito por Rita Amaral, no capítulo “Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro”, incluso no livro “Festa como perspectiva e em perspectiva”, organizado por Léa Freitas Perez, Leila Amaral e Wania Mesquita, pode se aplicar sobre a Festa de São Pedro, bem como o conceito de festa “sacro-profana” também. A Festa de São Pedro, permite a apropriação de ambos os conceitos, porém, por uma necessidade de se referir a Festa em diversas partes do texto e na tentativa de não se tornar repetitivo em demorado, utilizei a palavra festividade em alguns trechos, mas nem sempre diretamente relacionada ou aplicada, necessariamente, ao conceito antropológico do termo.

Por isso, as descrições e as interpretações etnográficas sobre a Festa de São Pedro, englobando aí os preparativos para o levantamento dos mastros, bem como as atividades que são realizadas durante os dias que antecedem o início da festa do santo, até sua desmobilização, após a derrubada dos mastros, também estão nos resultados desse trabalho.

Para tanto, o texto foi organizado de forma que temas mais específicos fossem tratados e descritos de maneira separada, pois imagino que assim será possível discorrer sobre a estrutura da festa com mais clareza e objetividade.

1.1 – Sobre a vila de Joanes

A vila de Joanes está localizada no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó, estado do Pará. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “o município de Salvaterra, foi colonizado por volta do século XVIII, pelos frades jesuítas que se instalaram, a princípio, na vila de Monsarás, sede do município. Entre os povos que habitavam esta região na época, predominava os índios da tribo Sacaca descendente dos Aruans. Salvaterra, que era distrito do município de Soure,



Figura 1: Mapa de localização dos municípios de Belém e Salvaterra e da Vila de Joanes

foi elevado à categoria de município pela lei estadual nº 2460, de 29-12-1961, e hoje é constituído de 5 distritos: Salvaterra, Condeixa, Joanes, Jubim e Monsarás”.⁵

⁵ Acessado no site do IBGE em 18/05/2015:

http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?lang=_ES&codmun=150630&search=para%7Csalvaterra%7Cinograficos:-historico

Quando questionei algum morador, pescador ou não, como ele apresentaria a vila para as pessoas, ouvia quase sempre a mesma resposta, que passava pela explicação de que Joanes, se tratava de uma vila de pescadores.

A pesca aparece como a principal atividade produtiva do lugar, ela divide espaço com o turismo e os pequenos comércios que estão instalados na vila, como panificadoras, mercadinhos, papelarias, lanchonetes, entre outros estabelecimentos.

De acordo com sua história (LOPES, 1999) a atividade pesqueira no local iniciou o seu desenvolvimento bem antes da colonização portuguesa, portanto, é anterior ao momento em que a Vila de Monforte (um dos nomes dados a atual Vila de Joanes) torna-se um Pesqueiro Real e um assentamento indígena, religioso e militar.

Veríssimo (1970) traz relatos sobre a Aldeia de Joanes desde 1691, momento em que o trabalho da pesca, principalmente de espécies como as tainhas e a gurijuba, chamava a atenção do então governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que pretendia estabelecer pesqueiros para prover a Fazenda Real. O autor relata que: “[O] pão de munição, a etapa como dizemos hoje, era pago aos soldados em tainhas do pesqueiro de Joanes” (p. 111). Pelo que consta de suas pesquisas, a tainha serviu por algum tempo como moeda direta para o pagamento de diversos cargos públicos, como o de ministros e de soldados, além dos próprios pescadores.

O autor também destaca que em Joanes, tanto no período de suas pesquisas como hoje em dia, se praticava a “pequena pesca” (p. 69), tendo em vista que sua produção não é industrial e nem de larga escala, servindo “apenas [como] um recurso de alimentação individual [familiar] ou uma pequena indústria auxiliar de suprimento local” (p. 13-14).

Recentemente, Joanes tem sido campo de pesquisas acadêmicas (RAVAGNANI, 2011; SILVA, 2011; SILVA, 2012; FERREIRA, 2012), porém acredito ser importante destacar que com relação ao contexto e formação histórica da atual Vila de Joanes, a dissertação de mestrado de Alexandre Silva (2011), intitulada “TANTA TAINHA, POUCA FARINHA: Antropologia Histórica da Vila de Monforte (antiga aldeia de Joanes) nos tempos do Diretório (1759-1769)”, se mostrou muito rica pelos resultados obtidos que combinam dados históricos com a pesquisa etnográfica realizada pelo autor.

Silva faz uma extensa pesquisa no arquivo histórico do Pará sobre a antiga aldeia de Joanes, que depois se tornou Vila de Monforte. Sua dissertação combina os dados e informações coletadas nesses documentos históricos com as entrevistas e memórias dos moradores da vila, na atualidade, proporcionando observar o passado e o presente, em uma única viagem, para o mesmo lugar.

Dentre as explicações de Silva (2011), as que mais interessam para essa introdução, são as informações que ele apresenta sobre o local ter sido um dos principais pontos comerciais da Ilha do Marajó e também responsável por grande parte da produção pesqueira, demonstrando que essa relação com a atividade da pesca, se deu desde muito tempo.

A vila de Joanes, atualmente distrito do município de Salvaterra, na Ilha do Marajó, se origina de um dos aldeamentos fundados na ilha na segunda metade do século XVII. Elevada à categoria de vila no XVIII, passa, por um tempo, a se chamar Monforte e, posteriormente, volta a seu antigo nome. Ainda nos tempos de aldeia, lá foi implantado o pesqueiro real, responsável pelo abastecimento da cidade de Belém por praticamente todo período colonial. [...] Se no passado a pesca se constituiu na principal atividade econômica do local, isto também vale para o presente. Não obstante, nas últimas décadas, verifica-se um forte crescimento do turismo em Joanes; em decorrência da beleza de sua extensa praia, a vila é o destino de turistas vindos de Belém e outras localidades (do Pará, de outros estados e países) durante a temporada do verão e alguns feriados ao longo do ano. Ao atrativo natural, soma-se o arqueológico e histórico: vestígios de antigas construções coloniais; com destaque para as ruínas de “uma antiga igreja construída com pedras, tijoleira e barro misturado com conchas” (LOPES, 1999, 89), associada à missão religiosa estabelecida no século XVIII - não se sabe ao certo se erguida pelos jesuítas ou por membros da ordem de Santo Antônio que assumiram o controle da aldeia um pouco depois de sua fundação. (SILVA, 2011, p. 7-8)

Vale ressaltar que apesar do presente trabalho se propor em realizar uma pesquisa antropológica, voltada à Festa de São Pedro, e às relações que se estabelecem a partir dela, não poderia deixar de lado o fato de que o local da pesquisa, onde a festa acontece, trata-se de uma vila de pescadores, existe um *ethos* presente. Espero que no decorrer deste texto ele possa ser percebido também, pelo leitor.

1.2 – Entrada no campo de pesquisa

Esta dissertação é um desdobramento da pesquisa realizada para a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (RAVAGNANI, 2011), que teve como resultado a monografia intitulada “O passado, a escola e o sítio: O patrimônio arqueológico na percepção de professores e alunos da Vila de Joanes, Ilha do Marajó”, orientada pela Prof^a. Dra. Marcia Bezerra⁶.

Nesse trabalho me preocupei em evidenciar as relações das pessoas que vivem na Vila de Joanes com a cultura material local, que pode ser representada pelas moedas, cachimbos e fragmentos de cerâmicas portuguesas e indígenas que são descobertos pelas ruas da vila e que

⁶ A Vila de Joanes foi objeto de estudo de vários pesquisadores (Bezerra 2010, 2011, 2012, 2014; Canto, 1999, Marques e Bezerra, 2009; Schaan e Marques, 2012). Sobretudo do grupo de pesquisa do CNPq “Arqueologia Pública” coordenado por Marcia Bezerra e Anne Pyburn, do qual faço parte desde 2009.

muitos moradores colecionam. Não obstante, é preciso destacar as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de dois poços artesianos que compõem a paisagem do lugar (SILVEIRA e BEZERRA, 2012).

Durante a realização do TCC trabalhei a relação dos professores, funcionários e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Joanes com estes artefatos encontrados e colecionados por eles, além de buscar sua percepção em relação às ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e, também, com um antigo Farol que foi retirado pela Marinha.

Em minhas conclusões ficou demonstrada a importância dos artefatos, das ruínas da igreja e do Farol nas relações de sociabilidade e na composição das memórias das pessoas que pude entrevistar, principalmente a partir das narrativas que teciam sobre um tempo passado de coleguismos, namoros e brincadeiras que ocorriam às proximidades daquele Farol, que aparecia como emanando sua luz, não só para as embarcações que passavam ao largo, mas também para os moradores da vila que se reuniam ao seu redor.

Pretendo agora nesse retorno à Vila de Joanes abordar outros temas etnográficos, utilizando-me de outro olhar/outra escuta (OLIVEIRA, 1998), a partir do qual poderei entender, descrever e analisar quais estruturas são necessárias para que a Festa de São Pedro possa ser realizada anualmente. Podendo identificar os diferentes aspectos das relações humanas, através das dimensões econômicas e políticas, e inclusive daquelas que tangem o campo da religião, através das representações entre sagrado e profano e, entre o oficial e o popular.

Para tanto, uma descrição densa (GEERTZ, 2013) sobre o cotidiano do grupo que dá a titularidade da “Vila de Pescadores”, principalmente no que tange à preparação e à execução da festividade, me pareceu uma tarefa necessária para identificar e compreender os vínculos simbólico-afetivos e práticos dos moradores com o seu lugar de pertença (SILVEIRA, 2007).

O processo relativo ao “estar lá” e “estar aqui” (GEERTZ, 2009), proporcionado pela antropologia, foi um movimento de suma importância para que eu pudesse alcançar algumas das reflexões apresentadas nessa dissertação.

Durante os dois anos de realização do curso de mestrado, que compreenderam de março de 2013 a março de 2015, foram realizadas quatro visitas a campo, totalizando 40 dias de trabalho efetivo de observação direta e participante sobre as atividades relatadas aqui.

No ano de 2013 foram realizadas duas visitas, sendo que uma ocorreu durante a Festa de São Pedro e outra durante o Círio de Nossa Senhora do Rosário, que aconteceu no terceiro final de semana de novembro do mesmo ano. O Círio que celebra a Santa Padroeira da Vila de Joanes, proporcionou a oportunidade de presenciar algumas características desse evento, que

parecem ser bastante singulares e que gostaria de continuar desenvolvendo pesquisas sobre essa outra festa de santo, nesse caso de santa, em trabalhos futuros.

No ano de 2014 realizei apenas uma visita a campo para acompanhar a Festa de São Pedro, durante a última semana do mês de junho. Porém, em janeiro de 2015, foi possível realizar minha última visita a campo, onde pude falar com as pessoas e entrevistá-las, fora do período da festa, longe daquela agitação e euforia característica da semana em que ocorre a festividade.

Todas as incursões a campo aconteceram com o objetivo de conversar e entrevistar o maior número de pessoas. Porém, durante as visitas que aconteceram nos períodos de festas, São Pedro 2013 e 2014; e Círio 2013, não foi possível realizar muitas entrevistas, devido à agitação dos dias que compreendem as festividades. Dessa forma, foi mais proveitoso realizar as observações e conversar com as pessoas, sem gravador ou papel e caneta nestas ocasiões.

Já na última visita a campo, em janeiro de 2015, o objetivo central foi o de realizar algumas entrevistas, com uso de gravador. Essas entrevistas serviram para fechar lacunas nas histórias e nas minhas interpretações sobre a festa de São Pedro e sua relevância social, para a Vila de Joanes.

É bom ressaltar também, que ainda durante o ano de 2012, eu fiz uma visita a Joanes, onde permaneci durante uma semana no mês de agosto, com o intuito de preparar meu projeto para ingressar no PPGCS (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais), atualmente é o PPGSA (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia). Durante essa primeira estada em campo, ainda pretendia definir um tema que pudesse ser trabalhado diretamente com os pescadores.

A princípio meu interesse foi sobre o trabalho da pesca, mas em seguida, me direcionei para a festa dos pescadores, e aqui está o resultado dessa pesquisa sobre a Festa de São Pedro, na Vila de Joanes, Salvaterra, Pará, Amazônia, Brasil.

Entendo que o tema da pesquisa está diretamente relacionado ao âmbito da Festa de São Pedro, envolvendo, portanto, o trabalho que a realização de um evento como esse necessita, e conseqüentemente, as relações que se estabelecem para que a festa ocorra, proporcionando uma (re)visita às memórias e às paisagens coletivas, que todo ano pode ser revivida juntamente com as gerações mais novas, garantindo, assim, que a festividade tenha continuidade ao longo do tempo.

Como se trata de uma festa considerada como a “Festa dos Pescadores”, tomei-os como principais interlocutores na pesquisa, sem desconsiderar as pessoas que atuam na realização do evento e que não pescam mais, se reunindo nesse período do ano para promover a celebração.

Assim, minha intenção passa por conseguir conhecer a festa e o processo necessário para que ela se efetive. Como se dão os preparativos, quem são os financiadores e trabalhadores, além daqueles que celebram e agradecem pelas graças alcançadas.

Sendo assim, achei necessário aprofundar e procurar conhecer um pouco mais sobre o universo da pesca, na prática do dia a dia do pescador. Teoricamente pude verificar que a descrição sobre o trabalho da pesca e as relações que se estabelecem a partir dele são recorrentes nas pesquisas antropológicas produzidas no país e, especialmente, na Amazônia (ADRIÃO, 2003; ALENCAR, 1991; AVIZ, 2002; COSTA, 2000; DIEGUES, 1980; FURTADO, 1987 e 1993; LEITÃO, 1997; LOUREIRO, 1985; MANESCHY, 1995; MOTTA-MAUÉS, 1993; SAUTCHUK, 2011; SILVEIRA, 1978; VERÍSSIMO, 1970).

Dentre as observações feitas no âmbito dessas pesquisas, destacam-se, sobretudo, aquelas que descrevem o repertório material (FURTADO, 1993; MOTTA-MAUÉS, 1993), a forma de transmissão do conhecimento e as distintas técnicas de pesca (SAUTCHUK, 2011), que acompanham os avanços tecnológicos de materiais e aprimoramentos técnicos.

Outra característica que pode ser citada é o caráter de atividade coletiva que a pesca apresenta, principalmente no trabalho embarcado, onde sempre estão presentes pelo menos duas pessoas, sendo que o mais comum é que estejam três pescadores trabalhando juntos em cada barco. As funções são bem definidas e específicas, e são acionadas durante o desenrolar da pescaria. Como exemplo dessas funções é possível citar a ida e o retorno ao ponto de pesca, o lançamento da rede na água, bem como a sua puxada, seguindo-se a limpeza dos peixes que são capturados e vendidos sem suas entranhas.

Mesmo nos momentos de manutenção e reparo das redes, ou do barco, existe uma “parceria”⁷, uma relação de ajuda mútua e companheirismo. De modo geral, são atividades socializadoras e coletivas que estabelecem relações entre aquele que é o “dono do barco” e dos equipamentos principais - como boias e redes - e os “parceiros” que trabalham juntos no barco de pesca. Muitas vezes as relações de parceria e de trabalho vinculam-se a relações de parentesco, tendo barcos tripulados por irmãos, pais e filhos, tios e sobrinhos, cônjuges.

A relação de “parceria” inclui também o acordo de divisão do dinheiro proveniente da venda dos pescados. As duas tripulações que tive a oportunidade de acompanhar, apresentaram

⁷ As falas que forem dos interlocutores serão apresentadas sempre entre aspas.

o mesmo tipo de divisão, por exemplo: para um barco com três pescadores a divisão do ganho monetário é feita em quatro partes, sendo uma do barco, e as outras três, uma para cada pescador. No fim, o dono do barco ganha duas partes e os outros pescadores uma parte cada um. Essa divisão é tida como justa pelos pescadores, por entenderem que o dono do barco investe dinheiro na pescaria sem ter a certeza de um retorno, gasta com combustível, com a manutenção tanto de redes quanto do próprio barco e, por vezes, como dizem a pescaria “num dá nem pra comer”.

Porém, nas vezes que não se consegue pescar peixe suficiente para vender, quando “dá só o da boia”, os peixes são divididos entre os pescadores de maneira diferenciada, levando-se em consideração o pescador que tem a família mais numerosa, principalmente se tem crianças e idosos morando em sua casa. Esse pescador tem prioridade sobre a qualidade dos peixes, bem como sua quantidade, na hora da partilha. Esta é uma prática recorrente narrada pelos pescadores e a qual presenciei em diversas ocasiões.

Acompanhei uma pescaria que retornou para terra com poucos peixes, e na hora da divisão, o próprio dono do barco não ficou com nada, pois fez questão de que um dos outros “parceiros”, que também é seu irmão, ficasse com a maioria dos peixes que conseguiram pescar. Quando questionei do por que daquela divisão diferenciada, ele respondeu: “A família dele é maior, tem menino pequeno pra cuidar”.

Quando se pergunta sobre quem é o dono de determinado barco, normalmente a pessoa indicada é o pescador mais velho ainda em atividade, ou pertencente a uma determinada família. Mas de fato, o grupo familiar se utiliza da embarcação de maneira coletiva, podendo o mesmo barco ser dividido entre diversos membros daquela família, em momentos e por motivos diferentes.

Esse sistema de trabalho consiste na composição dos pescadores que trabalham na mesma embarcação, e que são denominados de “parceiros”. Normalmente os barcos têm um “dono”, que é o dono do barco e das redes, é quem arca com os custos de combustível e manutenção em geral, tanto do barco como das redes. O “dono” é responsável também pelo provimento da alimentação dos pescadores nos períodos de pesca em alto mar, que podem demorar um mês ou até mais.

Nesse sistema de trabalho de “parceiragem”, além da figura do “dono”, que foi destacado acima, tem os pescadores que dividem o mesmo barco de pesca. Podendo ser até três pescadores, dependendo do tamanho do barco. Os “parceiros” são os pescadores que saem para pescar juntos, ou seja, tem o pescador que é o dono do barco e os pescadores que são donos de

sua força de trabalho. É comum que os parceiros mantenham essa relação por toda a vida de pescaria, bem como, que sejam parentes: irmãos, pais e filhos, marido e mulher.

A “parceiragem”, não ocorre apenas no momento da pesca embarcada, o trabalho em terra também é dividido pelos parceiros. A manutenção da rede, momento que se juntam para fazer os reparos nos buracos que são deixados na malha da rede de pesca pelas pedras e pelos peixes, é realizada pelos pescadores que trabalham juntos, no mesmo barco. A manutenção do próprio barco também é dividida entre eles, para uma pintura ou para lavar o barco, bem como o momento de “limpar o peixe” (desentranhar o peixe). A despesca de currais e a venda do pescado, também podem ser realizadas em conjunto.

A divisão dos ganhos nesse sistema de trabalho é sempre em partes iguais, porém o barco também entra nessa partilha, como uma das partes. Assim, em um barco onde trabalham três pescadores, a divisão dos lucros da venda do pescado, será dividido em quatro partes. Uma do “dono”, uma para cada “parceiro” e uma para o barco.

Nas vezes que “só dá peixe pra comer”, a divisão dos peixes é feita levando-se em consideração o tamanho e a composição das famílias dos “parceiros”. Aqueles que têm famílias maiores, ou compostas por crianças e idosos, sempre tem a prioridade na qualidade e na quantidade dos peixes que são distribuídos entre os pescadores.

Uma obra na qual encontrei muitas referências parecidas sobre essa relação de trabalho entre os pescadores, e também nomes e conceitos de embarcações, apetrechos de pesca e tipos de pescaria, foi no livro de Maria Angélica Motta-Maués (1993), intitulado “Trabalhadeiras” e “Camarados”, relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica”.

Em seu trabalho Motta-Maués (1993), propõe “a investigar com detalhe o *status* das mulheres e, implicitamente, dos homens, em uma comunidade de pescadores” (p. 01), na povoação de Itapuá, município de Vigia na microrregião do salgado paraense.

É possível afirmar que os pescadores de Joanes e de Vigia compartilham realmente de muitas semelhanças, os tipos de embarcações são os mesmos, com os mesmos nomes (montarias e reboques), os pontos de pesca utilizados são os mesmos também. Além disso, como vinha relatando sobre os parceiros de pesca em Joanes, em Vigia esses tripulantes que dividem o trabalho da pescaria são os “camarados” (MOTTA-MAUÉS, 1993, p. 27). As relações de trabalho se desenvolvem baseadas em parcerias e essas comumente entre os “camarados”, também estão fincadas nas relações de parentesco.

Motta-Maués não trata das questões religiosas ou festivas porque seus interesses eram outros, porém deixa explícito como essas relações de trabalho, parceiros e camarados, em

Joanes e Vigia, se aproximam nas técnicas e práticas comuns propondo o desenvolvimento de uma sociabilidade laboral, específica em cada caso, porém repetida e compartilhada na mesma categoria de trabalhadores.

Essa mesma sociabilidade na pesca é que me proponho a demonstrar na festa. Principalmente porque, são esses mesmos atores, os pescadores, que estão em destaque tanto na sociabilidade do trabalho como na sociabilidade da festa, o que a princípio me leva a acreditar que essa sociabilidade é pertencente ao pescador e sua cultura, independente do momento da vida que ela apareça, na hora da labuta ou no momento do lazer.

2 – SOCIABILIDADE FESTIVA – aspectos teóricos

Podemos encontrar nesse contexto diferentes formas de sociabilidade (SIMMEL, 2006), diretamente relacionadas ao trabalho e suas práticas colaborativas. A sociabilidade pode ser identificada durante as conversas e histórias que são contadas enquanto se tece uma rede ou se pinta um barco.

Todo pescador carrega consigo a fama de ser um ótimo contador de histórias, por isso, entendo que pode ser associado à figura benjaminiana do “narrador” (BENJAMIN, 1987; SILVEIRA, 2007), como um guardião da memória. Nessa categoria podem ser incluídos qualquer pescador, mesmo que os pescadores mais velhos sejam respeitados por sua maior experiência, e suas histórias e saberes estão baseados em outras (ou nas mesmas) histórias que ouviram de seus antepassados, além das suas próprias experiências de vida, que são relembradas a cada momento que é contada para outras pessoas, principalmente aos mais jovens.

Em “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin (1987) apresenta as narrativas literárias desse escritor russo, e as compara com as narrativas orais, ressaltando que a qualidade do trabalho estava relacionada a sua capacidade de se expressar no papel, em demonstrar os sentimentos e as interpretações do narrador. Os pescadores de Joanes são grandes narradores e suas histórias entretêm, ensinam e aconselham qualidades muito caras para Benjamin em sua análise.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. [...] “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. (BENJAMIN, 1987, p. 198)

Leskov era um viajante comercial, e os pescadores também podem ser considerados viajantes. “O saber, o conhecimento, vinha de longe” (BENJAMIN, 1987, p. 202), de terras estranhas ou de mares bravios e distantes. Benjamin ressalta que o fim do tédio, acaba com o “dom de ouvir” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

As relações que geram sociabilidade também se estendem ao cotidiano da vila, ficando bastante aparentes nas festas juninas, principalmente na Festa de São Pedro, que é a principal festividade dos pescadores e o foco de maior interesse nesta pesquisa.

A preparação da festa, como em qualquer outra celebração, é compartilhada entre diversas pessoas, para tanto existe uma diretoria que coordena as diversas atividades. Uma pessoa se apresenta como o “dono da festa”, o responsável principal para que a festa aconteça, pois ele é o elo de ligação entre os participantes mais importantes, como os “juizes de mastros

e de bandeiras”, os donos de distribuidoras de bebidas e das aparelhagens que vão se apresentar nos “bailes”.

São necessários três mastros e três bandeiras, e cada um deles tem uma pessoa responsável pela sua confecção para uso no dia da festa. Na Vila de Joanes, a pessoa responsável pelo mastro, ou pela bandeira, é chamada de “juiz ou juíza, presidente, padrinho ou madrinha”, do mastro ou da bandeira.

Mastros e bandeiras são divididos entre os “dos homens, das mulheres e das crianças”, sendo que existe expectativa maior sobre a pessoa responsável pelo mastro dos homens, principalmente em relação à quantidade de bebidas que é oferecida, além da “tiborna” e de “pistolas”, esta última é uma categoria usada para descrever fogos de artifício, especialmente, os rojões.

A “tiborna”, é um tipo de bebida produzida a partir do processo de fermentação da mandioca, é de baixo teor alcoólico e muito consumida durante os dias de celebração da Festa de São Pedro, sendo um componente essencial para a realização da festa. Ela é produzida por algumas pessoas na vila de Joanes e também das localidades próximas, e sua feitura é coletiva, reiterando a relação colaborativa e de sociabilidade que a organização do evento requer, principalmente de grupos e funções tão diversas.

O objetivo é que ano após ano, se consiga aumentar a quantidade de bebidas oferecidas. De qualquer maneira, todos os/as “presidentes” de mastro e bandeira precisam participar com alguma quantidade de tiborna e de pistolas para a realização do cortejo dos mastros, que ocorre no dia do seu levantamento, dia de abertura da Festa de São Pedro.

A “Banda Papa Chana”, que acompanha o cortejo que antecede o levantamento dos mastros, e também participa nas “Brincadeiras de Boi”, é composta por aproximadamente 13 pessoas, mas esse número de integrantes pode variar para mais ou para menos, dependendo da disponibilidade dos músicos para participar de uma ou outra apresentação. Praticamente todos os participantes dessa banda são parentes do S. Valentim. Seus filhos - Bichão, Chirrano e Zebu - são os componentes mais antigos e exercem um tipo de liderança dentro do grupo, netos e sobrinhos de sr. Valentim também compõem a banda.

Além das pessoas que tem um envolvimento direto para a realização da festa, pode-se citar as aparelhagens que tocam nos bailes de “Brega Saudade”⁸, os pescadores participantes da

⁸ Para uma melhor compreensão sobre as festas de Brega e suas variações, indico o livro de Antonio Maurício Dias da Costa, intitulado “Festa na Cidade: O circuito bregueiro de Belém do Pará”, principalmente a sua segunda edição que traz um pós-escrito que trata sobre os Bailes da Saudade.

regata e o público em geral que assiste todas essas diferentes atividades, que acontecem no período de uma semana, no mês de junho.

São essas relações pessoais, que serão mais desenvolvidas a seguir, e o sentimento de colaboração sobre algo comum, que possibilita aproximar uma das definições de Simmel (2006) sobre sociabilidade como “a *forma lúdica de sociação*”⁹ (p. 65) do que pude observar, ouvir e vivenciar durante minha pesquisa de campo na Festa de São Pedro. Entendo que essa condição para a sociabilidade, esteve presente em toda a estrutura do evento e nos contatos estabelecidos entre os participantes da festividade.

Outro ponto no pensamento de Simmel que se aproxima e fundamenta essa fala, trata do princípio da sociabilidade, onde:

[...] cada indivíduo deve *garantir* ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores *recebidos* por esse indivíduo, mesmo que em alguns momentos o que prevaleça seja *um jogo de cena* que traz um comportamento específico que é a cortesia, possibilitando a equiparação entre os mais fortes e os mais fracos, ou mesmo como se o mais fraco fosse o mais valoroso e superior (Simmel, 2006, p. 69).

Dessa forma, a sociabilidade pode ser entendida como um tipo de fluxo de sentidos e de formas sociais, podendo-se comparar com o fluxo da dádiva, que vem e que vai, e que traz em si um desejo de dar um pouco mais que antes, indo além do que foi oferecido no evento anterior.

Essa constatação foi observada na fala de todos os juízes e juízas de mastro e de bandeira. O ponto mais importante é poder oferecer sempre um pouco mais do que foi oferecido no ano anterior. Se na festa passada o juiz do mastro dos homens ofertou dez caixas de cerveja e cem litros de tiborna, o juiz de mastro da festa atual vai querer ofertar quinze caixas de cerveja e duzentos litros de tiborna, e isso se repetirá ao infinito, ano após ano. Marreca, um pescador de Água Boa, afirma que quando foi juiz do mastro dos homens em 2014, ele doou a maior quantidade de tiborna de todas as festas anteriores, distribuindo mais de trezentos litros da bebida durante os dias da festa.

Em Joanes e na Festa de São Pedro, essa sociabilidade pode ser observada nas relações que se estabelecem tanto nos momentos de trabalho dos pescadores como em momentos lúdicos, como as festas ou a prática desportiva.

A Festa de São Pedro, momento em que homens, mulheres e crianças se relacionam, e assim, proporcionam que esse evento aconteça, pode ser aproximado ao que Maffesoli (1994) pensa sobre a “*temática do espaço* [e a] sinergia que existe entre ‘espaço e sociabilidade’” (p.

⁹ Todos os itálicos desse parágrafo e do próximo fazem parte do texto original do autor.

59). Já que, segundo o entendimento do autor, o meio seria constituído pela “existência do social e [pela] existência natural” (p. 60), propondo que só se pode tomar consciência de si quando estamos em relação ao outro, ou ao lugar.

Para tanto, Maffesoli remete à ideia de “espaços de celebração” (p. 64), possibilitando uma aproximação daquilo que pode ser observado na vila de Joanes quanto à celebração da festa, pois nela se encontra a “celebração técnica, artística, lúdico-erótica, consumista, esportiva, musical, religiosa, intelectual, política e comemorativa” (p. 64), de que o autor fala, quando se observa as diversas atividades e confraternizações que acontecem durante sua realização, como um “fato social total” (MAUSS, 1974), já mencionado anteriormente.

Em minhas reflexões teóricas, venho perseguindo o diálogo e a aproximação tanto nos pensamentos de Durkheim (1996) como nos de Mauss (1974). De alguma forma, minha maneira de observar a sociedade e o sujeito que atua nela, segue na linha de pensamento sociológico e antropológico desses autores. Por isso, alguns diálogos teóricos partem de conceitos e temas recorrentes em suas obras, principalmente, sobre a relação entre o “sagrado e o profano”, em Durkheim, que entende que essas duas esferas não se confundem, são dicotômicas. Porém, como apresento no caso de Joanes, essa dicotomia, particularmente, no âmbito da Festa de São Pedro, não é observada. Em diversos momentos o que poderia ser considerado como alegoria do profano, como a tiborna, constitui um elemento fundamental no estabelecimento do contrato social entre o dono da festa e os donos de mastro e bandeira, que devem contribuir com grande quantidade da bebida. Ao assumir essa centralidade a tiborna passa a figurar como elemento da ordem do sagrado.

O conceito de “fato social total” de Mauss (1974) também pode ser estendido para a compreensão da dinâmica da Festa de São Pedro. Isso porque assim como o autor defende, durante a festa, é possível observar as inter-relações das diversas dimensões da organização social, evidenciadas por meio dos acordos políticos, econômicos, dos arranjos familiares e religiosos que impulsionam a preparação e a realização do evento.

Marcel (2004) fala sobre a relação entre Mauss e Halbwachs e a fundação de uma psicologia coletiva, ele explica que:

Halbwachs et Mauss vont de plus en plus parler de « psychologie collective » [...] dans les années 1920-1930, une certaine identité dans la posture intellectuelle que défendent les textes de Mauss et Halbwachs: il s'agit pour eux de promouvoir une sorte de phénoménologie rationaliste qui s'efforce de décrire comment l'individu vit son appartenance à la société. (MARCEL, 2004, p. 6-7)

Na pesquisa que desenvolvi sobre a Festa de São Pedro, busquei realizar uma descrição sobre o modo como o indivíduo pode ver e sentir sua participação na sociedade. Através desse

evento, é possível refletir também, sobre alguns temas recorrentes, como a memória e as relações sociais em uma classe de trabalhadores específica, neste caso, a dos pescadores.

Mauss s'efforce de baliser le champ et les méthodes de la psychologie collective, Halbwachs investit des objets particuliers (mémoire, Suicide, classes sociales), qu'il assortit de concepts appropriés à cette nouvelle perspective plus « psychologique ». C'est à une description comparée de ces deux versions durkeimiennes de la psychologie collective qu'est consacré ce texte, afin d'essayer de livrer une réflexion sur ce qu'on peut se risquer à interpréter comme une ultime tentative pour sauver une posture intellectuelle rationaliste et positiviste. (MARCEL, 2004, p. 7)

O que Marcel Mauss desejava realizar, sobretudo, era o estudo sobre o “homem total”, e por consequência a isso, do “fato social total”, como pode ser acompanhado no trecho a seguir: “*Mauss, [...] s'efforce de délimiter un champ de recherche pour ce qu'il nomme la « science de l'homme total », qui étudie des phénomènes humains particuliers [...] que tout fait individuel ne prend son sens que rapporté au tout de la société*”. (MARCEL, 2004, p. 8)

Diante de minhas observações em campo e das leituras sobre o tema, o que fica claro é que Mauss percebe que, de certa forma, as coisas enquanto fatos sociais, então todas interligadas. Quando pretende demonstrar o “fato social total”, com seus diversos significados sobre as grandes dimensões das relações humanas, como na esfera jurídica, econômica e/ou religiosa. É possível perceber que o autor segue por uma perspectiva que vê na totalidade, uma composição de muitas partes, que juntas constroem tanto o indivíduo, quanto a sociedade.

[la] théorie de la dynamique des sociétés, car de même que l'homme pense, agit et sent avec tout son corps, une société qui est une communauté « sent, agit, vit et veut vivre avec tous les corps et avec tous les esprits de tous ces hommes. Elle est leur tout » (Mauss, 1927, p. 203) (MARCEL, 2004, p. 8)

Outra questão que Jean-Christophe Marcel traz em seu artigo “*Mauss et Halbwachs: vers la fondation d'une psychologie collective (1920-1945)*” passa entre outras coisas por diferenciar e aproximar as linhas de pensamento nos trabalhos de Mauss e Halbwachs. Marcel afirma que o primeiro trabalha sobre as interferências que estão entre a consciência individual e a coletiva, e já o segundo entende a consciência coletiva diferente da individual, onde o sentimento de pertencimento influencia as percepções e os comportamentos das pessoas.

Mais, alors qu'Halbwachs s'attache plutôt à montrer comment, en chacun, une conscience collective différente de la conscience individuelle crée un sentiment d'appartenance au groupe qui influence perceptions et comportement, Mauss s'intéresse aux interférences, si l'on peut dire, qui sont susceptibles de naître entre conscience individuelle et conscience collective, et qui font que, dans certaines circonstances, celle-ci peut fonctionner sur des modes similaires à celle-là. [...] en évidence des états psychiques particuliers nés de la vie en groupe à partir de l'examen du sens que les hommes eux-mêmes donnent à leurs actes, et à partir de ces actes eux-mêmes. [...] il s'efforce de dresser une liste de concepts susceptibles de constituer un patrimoine commun aux psychologues et aux sociologues. (MARCEL, 2004, p. 9)

Dessa forma, os autores trabalham com reflexões que podem ser do domínio da psicologia coletiva, que trata sobre os estados de consciência na vida em grupo, e experimenta o conteúdo de uma parte da consciência que no indivíduo corresponde a existência da sociedade. Os atos do indivíduo são pautados nas relações sociais do grupo, em suas crenças religiosas, em suas leis, e na maneira como esse pensamento coletivo interfere diretamente nas decisões do indivíduo, tenha ele consciência disso ou não.

On peut, au bout du compte en tirer des conclusions qui sont bien du domaine de la psychologie collective parce que ces faits révèlent des états de conscience nés de la vie en groupe ou, si l'on préfère, qui expriment le contenu de cette partie de la conscience qui en l'individu correspond à l'existence de la société. (MARCEL, 2004, p. 09)

Assim, nessa relação entre o que é do indivíduo e o que é do coletivo, ou quanto de interferência de um existe no outro, o “símbolo” se destaca como ponto fundamental nessa dialogia entre a vida social e a vida individual, “*le symbole est un des points fondamentaux de la vie sociale et de la vie de la conscience individuelle. Il est donc plausible que la conscience*” (MARCEL, 2004, p. 11). Na Festa de São Pedro, pode-se apontar diversos símbolos que fazem parte da história do grupo e também das histórias individuais das pessoas. Acredito que não haveria engano em destacar que os símbolos mais marcantes e mais fortes da festa são o mastro e a bandeira, que terão sua composição e funções explicadas mais adiante. Tanto o mastro quanto a bandeira são objetos de significado (semióforos), através deles um tipo de poder é conferido aos seus doadores que, por sua vez, tornam-se responsáveis pelo fornecimento de bebidas, não apenas a tiborna, e as “pistolas”.

Isso porque, assim como o indivíduo tem uma ligação perene com a sociedade e é capaz de influenciá-la e ser influenciado por ela, uma relação semelhante se estabelece entre o mastro e bandeira, enquanto símbolos presentes na festa. Apesar deles terem juízes ou donos distintos para cada um, para que a celebração ritual esteja completa, todos devem estar presentes. Principalmente no momento de auge e aclamação da festa, que é a hora do levantamento dos mastros, onde finalmente, mastro e bandeira, se fundem em um só, pelo menos por uma semana, para voltarem a se separar na derrubada dos mastros, marcando o fim da festa.

Socialmente existe uma grande responsabilidade que é depositada pela comunidade sobre a pessoa que será o juiz ou dono de mastro, ou bandeira na Festa de São Pedro. Essa pessoa, tem o dever de oferecer para a festa não somente o mastro ou a bandeira, mas também, uma boa quantidade de “tiborna” e de bebidas em geral, como cerveja, cachaça, vinho e refrigerante. Obrigação que precisa ser quitada até o dia do levantamento dos mastros e que demanda de um investimento financeiro razoável.

Dessa forma, a festa só pode acontecer pela ação e colaboração dos indivíduos, podendo participar alguns mais e outros menos, mas é preciso que todos compartilhem de alguma forma para a realização da festa, mesmo que seja apenas com a presença e a alegria daqueles que acompanham os cortejos pelas ruas da Vila de Joanes ou pelo consumo de comida e bebida durante os bailes, contribuindo financeiramente para a manutenção dessa realização coletiva.

Essas e outras observações, que serão detalhadas adiante, foram feitas em momentos distintos da pesquisa e, por isso mesmo, com abordagens metodológicas diferentes. Durante as semanas que eu passava acompanhando a Festa de São Pedro, normalmente de 20 a 30 de junho em 2013 e 2014, preferi ocupar a posição de observador participante, enquanto realizava meu trabalho de campo. Abri mão do uso de gravador nas entrevistas, pois elas aconteciam a todo momento através das conversas mais despreocupadas. Assim, procurei manter meu diário de campo bem atualizado, dia após dia, para que não corresse o risco de esquecer alguma coisa. Acredito que essa escolha foi pertinente, pois consegui anotar algumas falas muito importantes de alguns pescadores e suas famílias, durante as conversas nas atividades de celebração da festa.

Porém, a pesquisa não estaria completa sem algumas entrevistas gravadas, por isso aproveitei as lacunas que tinham ficado nas histórias, além de outros questionamentos que surgiram durante o “estar aqui” (GEERTZ, 2009) em meu trabalho de escrita e fiz mais uma incursão ao campo. Em janeiro de 2015 passei dez dias na Vila de Joanes, com objetivos muito claros, pois algumas questões precisavam ser respondidas e entrevistas gravadas.

Nesses dias, foi possível conversar com praticamente todos os juízes de mastro e de bandeira, dos dois anos que compreendem o período da pesquisa, bem como os organizadores da festa e, inclusive, alguns novos interlocutores com quem tive contato na Vila de Água Boa.

A boa relação com os interlocutores no campo de pesquisa possibilitou que eu tivesse contato com um documento muito importante. Trata-se de um livro que foi escrito por D. Terezinha, e nele constam muitas descrições de diversas festas e eventos que ocorriam, e alguns ainda ocorrem, na Vila de Água Boa.

Dona Terezinha é uma senhora muito simpática e uma das moradoras mais antigas da vila. Explicou que não se chamava Água Boa antigamente, e sim “Vila da Água Doce, por ser o nome do igarapé que passa pela vila”. A relação das duas vilas sempre foi muito próxima, principalmente no período de comemoração da Festa de São Pedro. Isso porque o santo é o padroeiro da Vila de Água Boa, sendo que ali se comemora o Círio de São Pedro. As festividades de Círios que ocorrem nas diversas localidades do município, são as festas mais importantes no calendário da Paróquia de Salvaterra.

Por conta disso existe um levantamento de mastros, muito semelhante ao que acontece em Joanes, e para que não ocorra sobreposição de datas entre as duas festas, o levantamento de mastros que ocorre em Água Boa acontece um dia antes do levantamento de mastros da Festa de São Pedro na Vila de Joanes.

Dona Terezinha não empresta seu livro, nem para tirar fotos, mas me concedeu uma entrevista, onde leu alguns trechos de seus escritos que faziam referência somente ao Círio de São Pedro de Água Boa, colaborando assim para minha pesquisa, da mesma maneira que ela disse que faz para os alunos das escolas locais.

Para mim, a preocupação que ela demonstra em manter aquelas informações históricas registradas em um livro, remete a importância que a história do lugar tem para a comunidade. Sua ação de escritora e autora memorialista, foi resultado de uma pesquisa que ela mesma realizou com os moradores mais antigos da vila e será apresentada mais adiante neste trabalho.

Percebo que essa última etapa da pesquisa em campo, separando um momento, longe do período e da agitação da festa, para realizar apenas as entrevistas, com alguns interlocutores escolhidos, revelou o que Guérios (2011) menciona em seu trabalho como:

[...] o uso do método de *histórias de vida*, [demonstrando] como este método permite ao estudioso complexificar a observação dos fenômenos sociais quando sua análise opera criticamente com as implicações da mudança de níveis de análise. [...] utilizamos como definições terminológicas aquelas propostas por Maria Isaura de Queiroz (1987), incluindo suas distinções entre: 1. *histórias de vida*: uma técnica de entrevistas empregada pelo cientista social, que obtém um “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo” (*op cit*: 275); e 2. *biografias*: textos sobre a história de um indivíduo já objetificados, escritos sem a intervenção de um pesquisador. Definimos aqui também o *estudo de trajetórias* como as conclusões a que o pesquisador de Ciências Sociais chega a partir do estudo dos materiais obtidos a partir das biografias e das histórias de vida. (GUÉRIOS, 2011, p. 9)

Apesar de minhas entrevistas serem direcionadas a questões pertinentes à Festa de São Pedro, os questionamentos não deixavam de passar pelas “histórias de vida” dos interlocutores, até porque, quando pedia para uma pessoa comparar e apontar as semelhanças e diferenças entre a festa e sua maneira de celebração no seu tempo de criança e no contemporâneo, em muitos casos o “trabalho da memória” (BOSI, 2009) passava por um percurso completo da vida do entrevistado, trazendo lembranças e momentos marcantes de suas vidas, que ajudavam a rememorar como a festa acontecia.

Vale destacar que esse método foi criticado por outros autores, como Guérios (2011) demonstra na continuação de seu trabalho. Uma das críticas, apresenta também, outra possibilidade de manter uma pesquisa sobre um tema baseando alguns dados sobre as “histórias de vida” das pessoas, essa ideia seria chamada de “estudos de trajetórias”, e pode ser melhor compreendida no trecho abaixo:

[...] Bourdieu, em um curto e incisivo texto, lançou uma forte crítica sobre o que chamou de “ilusão biográfica”. Denunciando desde o início que “a história de vida é uma dessas noções de senso comum que entraram de contrabando no universo acadêmico”, Bourdieu (1986: 69), desqualificou tanto o método como seu objeto – de fato indiscerníveis segundo seu ponto de vista. O objetivo de Bourdieu era criticar nos estudos do “enfoque biográfico” a ausência do que considerava uma necessária objetivação dos dados. Para tanto, propunha que os esforços acerca do assunto fossem transformados em “estudos de trajetórias” (GUÉRIOS, 2011, p. 11)

Para Bourdieu (1996) as “histórias de vida” demandavam explicações e dados que dessem conta de contextualizar sociologicamente as condições em que aquela pessoa havia vivido, ou seja, quais foram as situações práticas da vida que ela experimentou desde sua infância até a passagem para a vida adulta, quais foram suas relações de parentesco, constituição de família e de trabalho, relações sociais, entre outras possibilidades de interferência na história de vida de qualquer pessoa.

Dessa forma, Bourdieu prefere trabalhar com a “noção de *trajetória*” (p. 81), acreditando que assim seja possível se obter dados importantes sobre como aquela história que está sendo contada aconteceu.

Para Guérios (2011), tanto um método como o outro demandam de cuidados especiais para serem utilizados pelo pesquisador, pois existe um:

[...] nó epistemológico das Ciências Sociais, [...] tanto a divisão entre explicação e compreensão quanto o problema da trajetória de um indivíduo em uma sociedade [...] em relação à dualidade indivíduo-sociedade, o método de *histórias de vida* pode oferecer, se levado a cabo com consistência, um bom locus de trabalho em prol desta tarefa. Ao tomar por foco de estudo a trajetória de uma pessoa nos ambientes sociais de que participa, ao oferecer a oportunidade de questionar como cada sujeito vive ligado a redes de interdependência (Elias 1994) que se estendem além de seu pertencimento social imediato, estes estudos deparam-se frontalmente com a questão da relação entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo. (GUÉRIOS, 2011, p. 13)

Assim, procurei realizar a pesquisa sempre levando em consideração quem era aquela pessoa que estava tendo a oportunidade de entrevistar. Diferenciando a abordagem e as perguntas, de acordo com a trajetória de vida de cada interlocutor e suas relações dentro das redes sociais locais. O modo como trato as pessoas com quem me relaciono em campo até agora tem me ajudado na construção de minhas interpretações e do meu entendimento sobre diferentes temas que já tive oportunidade de trabalhar, posso dizer que já desenvolvia essa prática, antes mesmo de conhecer a teoria.

Outra categoria que é apresentada por Guérios (2011), proveniente do campo da História, foi chamada de “microhistória”, e englobou as “discussões surgidas entre historiadores italianos no sentido da ‘redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em

um estudo intensivo do material documental’ (Levi 1992: 136)” (GUÉRIOS, 2011, p. 15). A tentativa de redução da escala de observação, vem sendo ao longo do tempo, uma das principais características da Antropologia, como marco diferenciador das outras disciplinas das Ciências Humanas: Sociologia e Ciência Política. Principalmente pela observação participante e pela etnografia trabalhada em campo.

[...] o ganho teórico da microhistória está em nos lembrar que cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos de dimensões e níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista microhistórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrossociais; é (...) uma versão diferente (Revel, 1998: 28). (GUÉRIOS, 2011, p. 16)

Teoricamente e metodologicamente, acredito que minha pesquisa e abordagem em campo, transitaram pelas três possibilidades conceituais. Essa etnografia sobre um grupo de pescadores que realizam anualmente a Festa de São Pedro, na Vila de Joanes, passa na verdade, pelas histórias e trajetórias de vida das pessoas, pois a festa é construída a partir de suas microhistórias.

Outro trabalho que chamou atenção foi o “Subjectivity and cultural critique”, de Sherry Ortner (2005), pois nele a autora apresenta suas reflexões sobre os significados de subjetividade e da crítica cultural, quando pensados em relação às reflexões de outros autores como: Bourdieu, Giddens, Marx, Weber, Durkheim, Geertz, entre outros.

Seu trabalho torna-se importante pois ele indica que a subjetividade e a crítica cultural, são categorias que devem ser pensadas em diferentes contextos, e demonstra isso na apresentação dos pontos de vista das teorias de alguns autores.

Partindo da perspectiva desses dois conceitos, e das possibilidades apresentadas por pensadores em contextos diversos, procuro me aproximar dessa discussão a partir de minhas observações sobre a Festa de São Pedro, na Vila de Joanes. Evento que é permeado por relações subjetivas, de colaboração mútua e confiança, e que tem uma estética cultural própria, trabalhada ao longo de gerações e festas realizadas.

Durante a Festa de São Pedro, a atuação desses sujeitos pode ser observada durante todas as atividades que compõe sua realização. Tanto no levantamento e na derrubada dos mastros, quanto na regata e nos bailes dançantes, os atores estão atuando conforme uma estrutura que já existe há gerações (*habitus*). Essa estrutura pode ser menos flexível em alguns

momentos, mas também é capaz de mudar e de se readaptar conforme a necessidade desses atores.

Um exemplo disso, pôde ser observado com a mudança na quantidade de mastros e bandeiras que são oferecidas para o santo durante a festa. Segundo contam os mais velhos, e reafirmam os mais jovens, antes a celebração era realizada com apenas um mastro e uma bandeira que eram “de São Pedro”. Porém, há alguns anos, as mulheres se posicionaram a favor de que pudessem participar com um mastro e uma bandeira, que fossem exclusivos para elas. Além disso, como muitas crianças “iam pelo meio dos adultos” durante o cortejo dos mastros, decidiram que fosse feito um mastro só para as crianças também, deixando assim, que participassem do cortejo sem ter o risco de se machucar, usando um mastro menor e mais leve, próprio para meninos e meninas até os 14 anos de idade.

As crianças participam de maneira tão integral quanto os adultos de todas as atividades da festa, excluindo-se a relação com as bebidas alcoólicas, mas mesmo aí com uma exceção para a tiborna, uma bebida fermentada da mandioca, que pode ser consumida pelas crianças, desde que estejam sob a supervisão de algum adulto.

A participação das crianças na festa, principalmente no levantamento e na derrubada dos mastros, pode ser considerada um caminho por onde os conhecimentos são repassados juntamente com as tradições, durante uma prática cultural, de forma lúdica e inter-geracional.

Para Ortner (2005), a subjetividade seria a base dessa agência, e por subjetividade ela entende uma consciência histórica e cultural específica, como pode ser observado abaixo:

In particular I see subjectivity as the basis of ‘agency’, a necessary part of understanding how people (try to) act on the world even as they are acted upon. Agency is not some natural or originary will; it takes shape as specific desires and intentions within a matrix of subjectivity – of (culturally constituted) feelings, thoughts, and meanings. [...] By subjectivity I will always mean a specifically cultural and historical consciousness. (ORTNER, 2005, p. 34)

A autora ainda faz uma diferenciação entre o que seria um nível de consciência individual, onde ela concorda com Giddens, e o que seria um nível de consciência coletiva, que foi usado por Marx e Durkheim, que torna essa consciência ambígua, sendo causada pelos diferentes níveis que ocupa nas subjetividades pessoais.

At the individual level, I will assume, with Giddens, that actors are always at least partially ‘knowing subjects’ [...] At the collective level I use the word consciousness as it is used by both Marx and Durkheim: as the collective sensibility of some set of socially interrelated actors. Consciousness in this sense is always ambiguously part of people’s personal subjectivities and part of the public culture [...] (ORTNER, 2005, p. 34)

Além disso, o tipo de pesquisa que realizei sobre a Festa de São Pedro, trata com atores de forma individualizada, mas também com grupos de atores, passando assim, por uma tradição de pesquisas e interpretação de nível cultural e político mais amplo: *“In addition to this kind of investigation at the level of individual actors or groups of actors, there is also of course a tradition of research and interpretation at a broader cultural (and political) level”* (ORTNER, 2005, p. 34).

Já que individualmente algumas pessoas assumem determinados papéis e responsabilidades, ao mesmo tempo em que os grupos de mulheres, homens e crianças, são formados para atuar durante a celebração, e principalmente no ato de levantamento e derrubada dos mastros. Os joanenses participam da festa, independentemente do fato de não haver qualquer interferência e sequer controle por parte da Igreja Católica ou de qualquer outra instituição oficial, como prefeitura ou associação de bairro sobre a realização da festa.

2.1 – A Quadra Junina – aspectos teóricos e empíricos

Como o objeto de estudo principal da pesquisa é a Festa de São Pedro, durante minha estada em campo acabava participando de outras festas de santos que são celebradas nesse período da “quadra junina” (ciclo junino). A possibilidade de acompanhar outras celebrações e rituais que acontecem na Vila de Joanes, também ajudaram na composição geral do trabalho etnográfico.

Gostaria de compartilhar os resultados dessa pesquisa, minhas observações em Joanes sobre esse período juntamente com a colaboração do artigo da autora Luciana Chianca, intitulado: “Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos”, onde ela apresenta “as comemorações religiosas relativas ao São João (ou ciclo junino) brasileiro que se inicia na véspera do dia de santo Antônio (12 de junho) e se estende até o dia 29 do mesmo mês (dia de São Pedro). O São João é festejado nos dias 23 e 24, que seriam a véspera e o dia do santo”. (CHIANCA, 2007, p. 50)

Segundo a autora, “[...] as festas católicas foram trazidas ao Brasil ainda no século XVI pelos padres jesuítas como o frei Fernão Cardim (1584) e sua aceitação foi imediata pelo conteúdo estético dos fogos e fogueiras”. (CHIANCA, 2007, p. 50). As informações históricas trazidas por ela corroboram com o que observei em campo.

Durante as festas juninas na Vila de Joanes, um som que se escuta muito são os estouros de rojões ou “pistolas”. O uso de fogos é constante nas celebrações e marcam o início e o

término de alguma atividade. Por exemplo, quando vai ser iniciado o cortejo dos mastros de São Pedro, rojões de doze tiros são usados para avisar a população que a festa vai começar. A regata que é disputada pelos pescadores também tem seu início marcado pelo barulho das “pistolas”, que pode ser ouvido de longe, por aqueles que ficam assistindo da praia.

Além dos rojões e de sua importância enquanto marcador de início das atividades na Festa de São Pedro, foi possível conhecer também as fogueiras de São João, isso porque a Festa de São Pedro dura sempre uma semana, normalmente entre o dia 22 e 29 de junho, logo minha estada em campo nesse período me possibilitou observar as celebrações de São João.

Nos dias 23 e 24 de junho, dias do santo, muitas casas na Vila fazem pequenas fogueiras, e as pessoas se sentam à frente delas e passam a noite conversando, recebendo vizinhos e familiares, compartilhando comida e bebida.

As fogueiras deixam as ruas iluminadas por pontos flamejantes que podem ser vistos ao longo de sua extensão. Toda família que queira fazer uma fogueira para celebrar o santo, pode acender uma em frente à sua casa. As fogueiras de São João também são marcadores de um ritual que promove o parentesco por afinidade, através do compadrio entre os moradores da vila, esse ritual é conhecido por batismo de fogueira, e será relatado mais adiante.

De fato, a festa de São João e os festejos juninos de maneira geral, são festas onde a família, a casa, a relação entre adultos e crianças, pais e filhos, é promovida constantemente. Essas relações podem ser vistas e sentidas durante os dias de festas na Vila de Joanes e corroboram com o que Chianca (2007) apresenta em seu texto sobre a origem dessas festividades:

[...] como salientou Lima (1961:18), um outro aspecto viabilizou a sua ampla aceitação pela população brasileira: “O São João é, particularmente entre nós, uma festa do lar, da casa, da família. É uma boa ocasião de reunir a família e os amigos mais próximos: nesse aspecto ela possui uma função sexual bem definida”. C. Cascudo (1988:404-6) também afirma que “a fogueira acesa diante de cada residência é uma responsabilidade familiar”, e que essa festa é celebrada “com abundância de alimentos, músicas, danças, bebidas e uma tendência sexual marcada nas comemorações populares”.

Assim, o São João é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. (CHIANCA, 2007, p. 50 e 51)

Apesar das festividades juninas, como a festa de São João e de São Pedro, serem festas católicas, a igreja católica do município de Salvaterra, pouco se envolve ou interfere na forma como essas festas são celebradas.

Quando estive na casa paroquial pesquisando os Livros de Tombo da igreja e entrevistando o padre local, ele afirmou que a igreja só se envolve com as festas de padroeiro

das vilas, ou os Círios como são chamados no Estado do Pará, sempre fazendo uma alusão ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, celebrado em outubro na capital do Estado, na cidade de Belém.

Ainda segundo o pároco, as recomendações da igreja sobre essas festas de padroeiros são bem severas com relação aos bailes e festas dançantes que segundo ele, são proibidas, bem como o consumo de bebidas alcoólicas pela população. Quando perguntado sobre as outras festas de santo que são celebradas nas vilas, ele afirmou que nessas conta com o bom senso da população, mas que a igreja não pode interferir, pois mesmo que quisesse, seria impossível estar presente em todas as festas que são celebradas pelas comunidades do município.

Chianca (2007), também retrata algo semelhante em seu trabalho quando ressalta que nas festas realizadas na cidade de Natal (RN) existe também:

[...] uma religiosidade católica amplamente difundida e partilhada numa sociabilidade cotidiana fundamentada nos vínculos familiares e vicinais. Embora as autoridades eclesíásticas locais emitam frequentemente restrições ao modo de festejar local, pode-se perceber que para seus atores não existe tensão entre a experiência festiva eclesíastica/oficial e laica, sendo ambas acionadas em contextos específicos. Assim, o calendário festivo dedicado aos santos é marcado por momentos alternados de devoção e diversão. (CHIANCA, 2007, p. 51)

Salvo durante o Círio de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da Vila de Joanes, onde realmente o indicativo eclesial é respeitado e não se vende bebidas alcoólicas, durante a Festa de São Pedro, o consumo é constante e a festa profana se mistura com a celebração ao santo católico desde a saída do mastro para o seu levantamento, até sua derrubada no último dia do evento. “A festa profana era celebrada, então, como um momento de sociabilidade familiar e vicinal, ou seja, nas imediações e residências e ultrapassando o espaço doméstico, indo ocupar as ruas da cidade [...] (CHIANCA, 2007, p. 52).

Além dessa relação complementar entre o sagrado e o profano que pude observar na Festa de São Pedro, outra característica relatada pela autora e que reverbera com minhas observações etnográficas, é a “relação pessoal e jocosa entre homens e santos, característica do catolicismo popular brasileiro.” (CHIANCA, 2007, p. 54), aparece de forma plena durante a celebração da festividade, afinal onde mais se poderia brincar com o “pau” de alguém, quanto mais com o “pau do santo”.

No cortejo dos mastros de São Pedro essa relação é bastante exacerbada. O próprio mastro é tratado como “o pau do santo”, deixando um duplo sentido para o objeto de devoção, que pode ser o pau da madeira de que é feito ou o falo, representado em seu formato (normalmente troncos retos de 5 a 7 metros de comprimento) e nos nomes que são dados para as coreografias que acompanham o cortejo.

O cortejo para o levantamento dos mastros é seguido por muitas pessoas, pescadores e familiares em sua maioria, e existem coreografias que podem ser feitas com os mastros, essas também deixam explícita a relação jocosa, como pode ser observado nos nomes desses passos: “levanta o pau”, “passa o pau”, “enfia o pau no buraco”, “enterra o pau”, entre outros.

Outra característica que se assemelha com o que a autora relata sobre a Festa de São Pedro no rio Potengi e que eu pude encontrar nos livros de Tombo da igreja de Salvaterra, está relacionada à procissão de barcos, que ocorriam no dia do santo. No caso de Salvaterra essa celebração acontecia todos os anos e nessa procissão o santo era levado em uma das embarcações, com convidados e padres. Porém, no ano de 1981, durante uma procissão, o barco onde estava o santo, os padres e muitos convidados, afundou. Nesse episódio, infelizmente, 37 pessoas perderam suas vidas e a procissão fluvial deixou de ser realizada pela paróquia da cidade. Como segue no relato extraído do Livro de Tombo da Casa Paroquial de Salvaterra:

Aconteceu em 29 de junho de 1981, festa de São Pedro e São Paulo. Morreram 37 pessoas, a maioria crianças. Na época eu tinha 29 anos e pude testemunhar, não exatamente o naufrágio, mas sim o resgate dos 32 afogados, e houve cinco desaparecidos. Se passaram 32 anos daquele dia [...] prenehe de dor. Hoje, voltando a Salvaterra, como pároco da cidade sinto que aquela lembrança permanece viva em mim e me leva necessariamente às lágrimas.

Naquela manhã, após a missa celebrada por frei Roman Echavarri, pároco naquele tempo, um grande número de fiéis estava no trapiche na frente da cidade para participar do Círio Fluvial. O frei Roman tinha deixado na sacristia, numa pequena sacola, a casula, o tabaco de porronca e o isqueiro de corda, e ia retomar tudo na volta do Círio.

Rio Paracauari, final de vazante, águas muito velozes engoliram a embarcação da “Santa”, o piloto deu uma virada radical no leme, e sem lastro ficou desequilibrado e adornou com os romeiros, apavorados, instintivamente, ocuparam o lado mais alto da embarcação e não puderam se equilibrar mais, vindo a naufragar [...] Graças a solidariedade das embarcações vizinhas que puderam resgatar bastante gente...uma freira nasceu por segunda vez, ao ser puxada pelos cabelos.

Por mais de três dias o céu parecia estar pintado de cinza. Mães e parentes dos desaparecidos, ficavam como colunas, no trapiche, para identificar os cadáveres resgatados. Aquela espera tornou os corações repletos de dor, vazio infinito e lágrimas amargas. [...] Uma criança, que estava viva foi arrastada pela correnteza, pôde se abrigar no Farol por um longo período de tempo, até a maré parar de vazar. Foi então que conseguiu atravessar pelas pedras até um lugar seguro. A mãe dela ainda esperava no trapiche pelo filho... este batendo nas costas dela, disse: “Oi, mãe!”

O pároco frei Roman, apareceu já em decomposição no terceiro dia. [...] Várias pessoas participantes do Círio comentaram que o frade ajudou a se salvarem a muitas pessoas, sobretudo crianças.

Hoje, no átrio da Paróquia, os nomes dos naufragados acolhem os católicos, com um nome lapidado em uma pedra que diz: “Eles deram a vida por Cristo. [...]”. (Frei Juan Antonio G. Espejel, atual livro de Tombo da Paróquia de Salvaterra, p. 146-147)

Na Vila de Joanes, a única procissão que é feita com barcos ocorre durante a festividade do Círio de Nossa Senhora do Rosário, no mês de novembro. Durante essa celebração a santa é trazida da vila de Água Boa para a Vila de Joanes, através de uma romaria fluvial, que é acompanhada de diversos barcos. Durante a Festa de São Pedro o único evento que acontece na

água e com barcos é a regata dos pescadores, não sendo observado por mim nenhum outro caso desse tipo durante as celebrações e atividades que compõe a festa.

Como mencionado anteriormente, durante os dias de comemoração de São João, as ruas da vila são tomadas por fogueiras. A maioria das famílias faz uma fogueira na frente de sua casa e transforma essa ação em momentos de sociabilidade, recebendo vizinhos e parentes para comer ou beber alguma coisa, enquanto se conversa em frente do fogo.

Além disso, as fogueiras são objetos de celebração e da constituição de parentesco por afinidade, na consumação de compadrios e batismos que são realizados através de um ritual de passagem sobre o fogo. Os rituais desse tipo que são descritos por Chianca (2007) são bem similares aos que foram observados e descritos por interlocutores da Vila de Joanes.

Essa forma de parentesco espiritual é muito comum na tradição cristã e se manifesta também no Brasil rural e urbano. [...] conhecidos como “compadrios de São João” [os] futuros compadres que face a face se davam as mãos direitas para saltarem a fogueira três vezes seguidas alternadamente e repetindo as palavras rituais: “São João disse, São Pedro confirmou/vamos ser compadres/ que São João mandou. Viva São João, viva São Pedro e viva nós dois, compadre! (CHIANCA, 2007, p. 64)

Esse tipo de “compadrio é chamado de ‘horizontal’”: como não há uma hierarquia entre as partes ele reforça as relações igualitárias já existentes no grupo, construídas sobre a amizade e a consanguinidade (CHIANCA, 2007, p. 64). Da mesma maneira, a intenção desse ritual na Vila de Joanes é o mesmo. A única coisa que se pode acrescentar e que não aparecem nas descrições da autora é que em Joanes foi relatado que quando se trata de um batismo de criança, a criança também é carregada pelos futuros compadres sobre a fogueira, confirmando assim a relação de compadres, afilhados e padrinhos de fogueira.

Para finalizar essa comparação entre as festas de santo relatadas por Chianca (2007) e o campo de pesquisa que desenvolvi na Vila de Joanes, gostaria de contemplar algumas observações e reflexões sobre os mastros e as bandeiras de santo, como a autora afirma que estão:

Presentes no Brasil nas procissões e festas religiosas desde o século XVI, as bandeiras e estandartes valorizam as imagens dos santos e anunciam também a imagem social da homenagem ali rendida; familiar, profissional, eclesíastica ou corporativa. A sua mobilidade torna as bandeiras de santo muito frequente nas procissões. Assim, seu uso e porte são objetos de uma vigilância atenta, e indicam geralmente a posição social hierarquicamente superior daquele que as empunham.

Diferentemente das bandeiras e estandartes, os mastros são fixos e marcam o local onde uma cerimônia se desenrola: diante de residências, praças ou igrejas. Os mastros podem ser erigidos para todos os santos, mas é, sobretudo, nas festas de São João e Santo Antônio que eles são presentes. (CHIANCA, 2007, p. 66-67)

No estudo realizado em Joanes, durante a Festa de São Pedro, pode-se afirmar que os mastros e bandeiras são doados pelos respectivos juízes ou juízas, já que nessa festa não se trata de apenas um mastro, mas sim de três mastros e bandeiras.



Figura 2: Levantamento dos mastros, em frente ao Barracão de São Pedro.

Os três mastros com suas bandeiras, são levantados na frente do “Barracão de São Pedro”, que é uma construção de alvenaria coberta com telhas, com um pequeno bar fechado nos fundos e uma área maior e aberta na frente, local onde ocorrem os bailes dançantes. Ao redor dessa construção existe mais uma área descoberta, onde se instala a aparelhagem sonora e são colocadas mesas e cadeiras para que as pessoas possam conversar, comer, beber e se divertir nas noites de bailes.

Ainda na descrição de Chianca, é possível encontrar grande semelhança sobre como são feitos os mastros e as bandeiras:

Trata-se de um tronco de árvore retirado da mata, subtraído de galhos e ramificações e fixado ao solo, o qual é decorado com muito cuidado; se possível com pinturas, papel e bandeiras coloridas. Segundo Bettencourt (1947:79) e Mello Morais Filho (1979:76), no seu cume seriam suspensas espigas de milho, flores e frutas como laranjas e limões por curtos barbantes. Lá se fixam também uma bandeira com a imagem do santo homenageado. (CHIANCA, 2007, p. 67)

A essa descrição posso acrescentar que os mastros de Joanes são enfeitados também com redes e boias de pesca, marcando assim o grupo profissional que está promovendo aquela celebração.

O que fica claro para mim, é que os temas memória, sociabilidade e paisagens, podem ser estudados separadamente, como um conceito individualizado, mas a partir do campo de pesquisa, fica notória a proximidade e a complementaridade que essas categorias apresentam em conjunto, diante das ideias e dos significados que são atribuídos a uma festa, por exemplo, e nas relações humanas, indicando que estudá-los em conjunto, buscando perceber onde se tocam e onde se afastam, pode ser um caminho interessante de reflexão empírica e teórica.

2.2 – Festas e o método etnográfico

Para desenvolver a pesquisa e, principalmente, minha relação enquanto pesquisador participante junto aos pescadores, optei pelo método etnográfico que, segundo Geertz, implica “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário [...]” em busca de realizar uma “descrição densa” (GEERTZ, 2013, p. 4).

Porém, o método descrito acima necessitou de algumas etapas complementares, como o levantamento de fontes secundárias de outros estudos que tratam sobre festas, especialmente sobre aquelas que ocorram em vilas ou pequenas comunidades rurais, além de trabalhos produzidos sobre a temática pesca, pois apesar de não ser o objeto principal da pesquisa, ela transpassa todo o campo empírico e simbólico local.

Os diálogos e as entrevistas com os moradores e os pescadores corroboraram muito para que eu encontrasse alguns interlocutores, e estes me ajudaram bastante com suas experiências e histórias, além de me levar a outras pessoas que pudessem colaborar com este trabalho, possibilitando uma rede de contatos, facilitando meu trânsito entre todos e o consequente desenvolvimento da pesquisa.

As entrevistas foram individuais ou em grupos, abertas e sem a necessidade de um questionário específico, sendo mais um tipo de conversa e, por vezes, um bate-papo informal em sua estrutura, porém focadas nos temas que demandam respostas e que gostaria de compreender melhor, por achar pertinentes aos resultados apresentados nessa dissertação. As perguntas norteadoras eram: Qual a diferença entre a Festa de São Pedro de hoje e do passado? Você se lembra como era a celebrações antigamente?

O uso de gravador ocorreu principalmente nas entrevistas e conversas com os músicos da “Banda Papa Chana”, no intuito de obter um pequeno acervo sonoro etnográfico das toadas e músicas que são parte importante nos cortejos e no levantamento dos mastros. Também utilizei o gravador nas entrevistas com os donos de mastro e de bandeira, bem como o “dono da festa”. O uso de gravador não foi possível nas duas oportunidades que tive de sair para pescar, já que dado o contexto da atividade e por necessitar de movimentação constante dentro do barco, não seria conveniente. Porém, as conversas que ocorreram nesses momentos tão importantes de contato e troca de conhecimento, puderam ser registradas em meu diário de campo e, por isso mesmo, alguns trechos podem ser vistos no decorrer desse trabalho.

Outra ferramenta que utilizei como método de coleta de dados é a fotografia. As imagens compõem as observações descritas, dando uma profundidade maior na construção da narrativa etnográfica. Acredito que o uso de imagens proporciona ao leitor diferentes interpretações e análises dos dados que compõem o texto, possibilitando acessar outras perspectivas diferentes das apresentadas pelo antropólogo. Mesmo que nesse trabalho não tenha a pretensão de estender pesquisas e análises no caminho da fotoetnografia, utilizando-me das imagens como ilustração para as descrições e também como inclusões solicitadas pelos interlocutores.

Sobre o convívio com os moradores da vila e, principalmente, a participação no cotidiano dos pescadores é preciso relatar que minha entrada em campo não se deu agora, para a produção dessa dissertação. A primeira vez que trabalhei em Joanes, foi em 2009 durante a realização do projeto “Os Significados do Patrimônio Arqueológico para os Moradores da Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Brasil” (BEZERRA, 2009). Esse projeto visava à compreensão dos significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, a partir da perspectiva da Arqueologia Pública¹⁰.

Foi através desse projeto, orientado pela arqueóloga Marcia Bezerra, que realizei minha iniciação científica, com financiamento CNPq/FAPESPA (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará), que me proporcionou uma bolsa para a realização da pesquisa. Como produto final apresentei o relatório intitulado: “O Passado, a Escola e o Sítio: o Patrimônio

¹⁰ A pesquisa teve como focos principais: 1) as representações que as diferentes comunidades locais têm acerca das ruínas do Sítio Histórico de Joanes; 2) as relações entre a memória social e o patrimônio arqueológico da vila; 3) a lógica subjacente à prática de coletar e colecionar objetos arqueológicos; 4) o impacto do conhecimento produzido pelos projetos de arqueologia desenvolvidos na vila desde a década de 1980 e; 5) o ethos da Arqueologia em relação às comunidades locais na Amazônia. (BEZERRA, 2009).

Arqueológico na percepção de professores e alunos da Vila de Joanes, Ilha de Marajó” (RAVAGNANI, 2010). Esse relatório trazia em seus resultados principalmente a percepção de professores, alunos e funcionários da escola municipal de Joanes, sobre as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, um antigo Farol que foi retirado pela Marinha (que continua presente em suas memórias), fragmentos de cerâmicas portuguesas e indígenas, além das moedas de diferentes períodos, comumente colecionadas pelas crianças.

Durante a execução do projeto, meu campo de pesquisa se localizou mais especificamente na Escola Municipal da Vila de Joanes e no seu dia a dia. Conversava e entrevistava os interlocutores e as interlocutoras no próprio ambiente escolar. Tive a oportunidade de trabalhar com alguns professores e professoras em suas turmas, e conversar com os estudantes sobre o que colecionavam e quais os significados de colecionar aqueles artefatos para eles.

A iniciação científica propiciou que aquele relatório se transformasse em algo um pouco maior. Foi a partir dele que produzi minha monografia de conclusão de curso (RAVAGNANI, 2011) resultado do aprofundamento daqueles dados e das reflexões ali expostas. Possibilitando um campo mais longo e feito com mais cuidado. A monografia seguiu o mesmo nome do relatório, que ganhou outra estrutura de apresentação e as discussões e reflexões teóricas relacionados ao que o campo oferecia de forma tão positiva.

Realizei uma atividade com uma turma de sexta série, onde utilizando as moedas que os estudantes trouxeram de suas coleções, construímos juntos uma linha do tempo da história do Brasil, pois “[a]s moedas datavam desde 1922, comemorativas do Centenário da Independência do Brasil, até a mais recente de 1989, também comemorativa, mas esta do Centenário da Proclamação da República”. (RAVAGNANI, 2011, p. 31), cobrindo assim mais de 150 anos de história bem ali nas mãos daqueles estudantes, a partir de suas coleções.

O que quero demonstrar aqui é que minha relação com a Vila de Joanes é anterior ao meu ingresso no mestrado, embora os interlocutores, o tema e o campo, como lócus específico, sejam outros. Nesse novo momento, mostrou-se muito importante a relação que já havia estabelecido com os moradores da Vila, gerentes e donos de pousadas, de restaurantes, comércio em geral, e com os próprios pescadores. Já que meu interesse e maior admiração sempre foi mais relacionado a vida dessas pessoas que se lançam ao mar em busca de alimento, que criam suas histórias de vidas relacionadas de forma íntima com a força das águas.

Gostaria de produzir uma etnografia sobre o trabalho do pescador, suas relações comerciais e econômicas, sua vida religiosa e mística, suas crenças e festas, suas relações de

parentesco, tudo que pudesse ser relacionado com a figura do pescador e da execução do seu trabalho.

Porém, as disciplinas e os professores do mestrado, além de meu orientador me mostraram que isso seria grande demais para tão pouco tempo. Assim, a partir de recortes sobre temas que me levavam a entender como se forma a identidade do pescador de Joanes, me deparei com uma festa: “A Festa de São Pedro”, ou “Festa dos Pescadores”, como eles mesmos gostam de afirmar.

Entendi então que a partir de uma pesquisa sobre como a festa se estruturaria, quem são seus responsáveis e quais as relações que se estabelecem a partir dela, poderia me mostrar como é formada essa identidade de pescador, que me interessava entender melhor. Para isso, recomecei então, meu trabalho de campo na Vila de Joanes, mas agora bem mais próximo dos pescadores e de suas famílias e das relações que se estabelecem com a Festa de São Pedro, do que com qualquer outra coisa.

Para uma aproximação mais intensa decidi que, se possível, sairia para participar de pescarias com eles. De fato, por duas vezes pude realizar essa atividade em campo, o que possibilitou que a minha relação se estreitasse, principalmente com dois pescadores e seus parceiros que trabalhavam juntos em seus barcos. Acho importante destacar isso, pois as saídas para pesca que descrevo nesse trabalho, tem grande colaboração no desenvolvimento da pesquisa etnográfica e da relação que se tornou possível estabelecer com o grupo de pescadores em um outro momento, durante a festa.

Essas ações de aproximação e entrada no campo, foram muito importantes e trouxeram frutos positivos para a pesquisa, facilitando minha interação com eles, durante a Festa de São Pedro, a “festa dos pescadores”.

Ter a oportunidade de dividir com alguns pescadores suas rotinas de trabalho e de lazer me possibilitou não só observar, mas em certa medida, participar em suas relações “de sociabilidade e de sociação” (SIMMEL, 2006, p. 64-65) conquista de um trabalho de campo proveitoso, que possibilitou amarrar essa rede de informações e de relações, buscando assim sintetizar e expor como os grupos atuam e como as atividades são realizadas a cada ano durante a festa.

Sendo a festa um evento familiar, além dos pescadores que são as figuras principais, entrevistei também seus familiares e outros moradores da vila, na tentativa de compreender o olhar dessas pessoas sobre a festa e suas histórias ao longo do tempo. Existe assim, uma necessidade em buscar na memória dos mais velhos elementos para compreender como se dava

essa festa antigamente e, quais seriam as diferenças e as semelhanças com a festa como ela é realizada hoje.

Questões sobre como as atividades que compõem a Festa de São Pedro nos dias atuais se relacionam ou não, com as que aconteciam em tempos passados, ou desde quando existe a “Banda Papa Chana”, eram dúvidas que demandavam de uma busca nas memórias pessoais, nas histórias do local, nos modos de fazer e nos costumes presentes na vila.

Busquei me ater às orientações de autores do campo antropológico, e creio poder afirmar que encontro motivação em suas teorias para que elas contribuam com este trabalho. A começar por Malinowski e suas reflexões acerca da realização da observação participante e de manter um diário de campo durante o trabalho etnográfico. Em “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” (1976), o autor sugere algumas condições para que se tenha um trabalho etnográfico satisfatório: objetivos científicos pautados na etnografia moderna; viver efetivamente entre os nativos; recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas [...] “Um diário etnográfico, levado a cabo sistematicamente ao longo do tempo de trabalho numa região, seria o instrumento ideal para este tipo de estudo”. (MALINOWSKI, 1976, p. 33)

Para Malinowski, o objetivo final do Etnógrafo seria de “compreender o ponto de vista do nativo, a sua relação com a vida, perceber a sua visão do seu mundo”. (MALINOWSKI, 1976, p. 36). De maneira geral, este tem sido o método utilizado nos trabalhos de pesquisa antropológica que desenvolvi. Mantenho meu diário de campo e busco compreender “o ponto de vista do nativo”, que prefiro tratar por interlocutor. Sendo assim, nessa pesquisa procuro entender como os pescadores pensam e vivem a Festa de São Pedro e como ela pode ser determinante nas relações de sociabilidade que são estabelecidas entre eles. Uma sociabilidade que fica aparente nos momentos de trabalho, nas ações coletivas, no cotidiano da vila e na celebração da festa.

Penso na importância do trabalho realizado e dos métodos apresentados nessa obra de Malinowski (1976), mas entendo também, que algumas passagens de seus escritos, precisam ser contextualizadas para os dias de hoje. “Compreender o ponto de vista do nativo”, uma condição tão cara a Antropologia do início do século XX, hoje é melhor entendida e até mesmo aceita, quando pretendemos acessar a perspectiva do outro. Porém, acredito que o mais relevante seja mesmo, conseguir se aproximar daquilo que o nativo ou o outro ou o interlocutor, realmente sente sobre alguma “coisa”, enquanto “fato social” durkheimiano. No caso presente, o que os pescadores, seus familiares e vizinhos sentem a respeito da “Festa de São Pedro”.

Não poderia deixar de ressaltar também questões que são apresentadas por Clifford Geertz (2013), quando ele reflete sobre “[o] que faz o etnógrafo? [e ele mesmo responde] Ele escreve [...] ele observa, ele registra, ele analisa” (GEERTZ, 2013, p. 14), e também resalta uma das principais “características da descrição etnográfica [...] ela é interpretativa”. (GEERTZ, 2013, p. 15)

Apoiado em autores que apresentam metodologias de pesquisa etnográfica com as quais encontro sintonia e concordância, espero que durante a realização do trabalho de campo, tenha sido possível alcançar com mais clareza as relações que são estabelecidas ou praticadas durante a Festa de São Pedro, me mantendo atento para as interpretações e motivações dos pescadores durante as diversas atividades que compõe essa celebração.

3 – UMA ETNOGRAFIA DA FESTA DE SÃO PEDRO

A metodologia não se esgotou na pesquisa etnográfica e nas reflexões dos autores. Como este trabalho pretendeu realizar uma etnografia sobre festa, me apropriei de algumas metodologias. Dentre as que colaboraram para este trabalho, principalmente sobre os métodos possíveis para se pesquisar festas, gostaria de citar Rita Amaral (2012). Ela apresenta um questionário metodológico-organizativo¹¹, que pode ser utilizado para se sistematizar as informações relevantes sobre o desenvolvimento de pesquisas que passam por essa temática.

A autora explica que essa possibilidade de trabalhar com um modelo metodológico-organizativo, parte da premissa que, assim como no parentesco, a festa pode ser tratada como um fenômeno universal, como um “fato social total” (MAUSS, 1974), sendo ela carregada de elementos de significação que tem sob condição primeira, a participação em um sistema, pois “os fenômenos visíveis são o produto de algumas leis gerais, embora ocultas” (AMARAL, 2012, p. 67).

E continua afirmando que “[e]tnografar festas é um trabalho complexo que não principia – nem se esgota – na descrição da festa em si” (AMARAL, 2012, p. 69). Ela ressalta a necessidade de se ter um método para pesquisar uma festa, pois alguns dados não podem deixar de ser destacados.

Como exemplo de questões que devem ser problematizadas nesse tipo de pesquisa, a autora aponta para a *intenção* do evento e destaca os diferentes tipos de categorizações que podem ser aplicadas para uma festa, já que ela poderia ser classificada enquanto uma *comemoração*, *celebração*, ou um *rito sagrado*.

Para que se tenha mais segurança no processo de produção etnográfica, é necessário “conhecer [...] a história da festa, seu contexto sócio cultural, político e econômico, local e global, etc.”¹² (AMARAL, 2012, p. 70), podendo assim, aprofundar a pesquisa para que se possa chegar em algo maior que uma descrição apenas.

Posso dizer que procurei seguir todas as indicações que a autora prescreve, bem como, a de outros autores também. Acredito que essa pesquisa sobre a Festa de São Pedro, na Vila de Joanes, se apresente como algo mais que uma descrição etnográfica sobre um determinado evento, no caso, uma festa de santo. Porém, é preciso reconhecer, que esse documento é apenas

¹¹ Ficha Catalográfica para o Registro de Eventos Festivos - Ver ficha catalográfica completa em: “Festa *como perspectiva e em perspectiva*”, organizado por Léa Freitas Perez, Leila Amaral e Wania Mesquita, editado no Rio de Janeiro, pela Editora Garamond, em 2012, páginas 78 a 86.

¹² Itálicos da autora.

o começo de um universo de representações sociais que pode ser explorado, deixando transparecer que existe uma profundidade que ainda pode ser alcançada.

Ainda sobre categorizações ou classificações para festas, alguns autores que trabalham sobre a temática, como Durkheim (1996), Duvignaud (1983) e Brandão (1985), são capazes de apresentar de três a mais de dez características diferentes que possibilitam categorizar o fenômeno estudado, podendo o mesmo ser tratado como uma festa, uma festividade ou um festival.

Porém, entendo que o mais importante seria considerar a categoria êmica usada pelos próprios pescadores e moradores da Vila de Joanes, que sempre classificaram o evento como “festa”, a “Festa de São Pedro”, ou ainda, a “Festa dos Pescadores”.

Segundo Amaral (2012, p. 74-75), para definir se o que estamos estudando é uma festa, festividade ou festival, é preciso empreender a pesquisa em duas direções complementares: 1) a diacrônica, mostrando o desenvolvimento da festa no tempo; e 2) a sincrônica, que permite o estudo da festa em um dado momento histórico.

É preciso considerar também, todo o projeto organizativo, os custos, as pessoas que estão à frente do evento, bem como a relação dos comunitários com a festa, caso exija alguma colaboração financeira ou de outra natureza. A complexidade que envolve um evento assim, pode mudar gradativamente passando de uma comemoração individual para uma celebração religiosa, ou até mesmo um complexo festivo, caso que se assemelha ao pesquisado em Joanes quando pensamos a Festa de São Pedro à luz dessas categorias, principalmente pelo fato de trazer como suas características a anunciação do evento através de fogos, ser comemorada por vários dias, possibilitando inclusive misturar o sagrado e o profano, com a realização de competições, procissões e cortejos, danças e bebidas alcoólicas.

Diante das categorias apontadas por Amaral (2012, p. 76-77), é possível aproximar a Festa de São Pedro de duas outras categorias. Primeiro, a de festa “*sacro-profana*”, exatamente por se caracterizar como uma festa de santo, tendo aí seu caráter sagrado, mas muitas das diversas atividades que são realizadas durante a festa podem ser interpretadas como profanas, como os bailes dançantes, as competições esportivas e o consumo de bebidas alcoólicas.

No meu entendimento, as atividades realizadas ou os objetos utilizados e/ou consumidos durante a festa, podem ser classificados enquanto profanos por não fazerem parte de uma celebração eclesial formal, porém eles se sacralizam à medida que passam a compor uma rede de celebrações e homenagens dedicadas a São Pedro, um santo católico, uma figura sagrada. Poderia citar como exemplo dessa transformação do profano em sagrado os mastros,

a tiborna, os bailes da saudade, o bingo, entre outros momentos que ocorrem durante a celebração.

Uma segunda classificação possível para a Festa de São Pedro, segundo as reflexões de Amaral (2012) seria a de “festividade”. Pois, como ilustra a autora, trata-se de um evento que possui atividades de cunho festivo e lúdico, com momentos que não possuem um sentido estritamente religioso ou atividades eclesiais, como uma missa ou mesmo novenas. Pelo contrário, não se registra em nenhum momento a presença de um padre para acompanhar um cortejo ou celebrar uma missa, ficando a cargo dos leigos todas as celebrações e atividades. Além disso, a festa possui elementos que podem ser classificados enquanto profanos, como as “festas de brega” (bailes), os jogos (regata e bingo), cortejos com distribuição de bebida alcoólica típica, a “tiborna”.

Como a pesquisa que realizei também se preocupou em construir um relato etnográfico sobre a Festa de São Pedro, isso traz consigo a necessidade de se discutir o conceito de festa nas pesquisas antropológicas, e como ele pode ser aplicado para um estudo específico, como o que é apresentado aqui.

As reflexões apresentadas acima, são baseadas no livro organizado pelas autoras, Léa Freitas Perez, Leila Amaral e Wania Mesquita, intitulado “Festa *como perspectiva e em perspectiva*”, que foi publicado em 2012. Este trabalho traz diversos artigos sobre os mais variados tipos de festas, desde uma tradicional festa de santo até as festas proibidas do funk carioca, ou mesmo, um simples aniversário de criança, são revelados nesse livro através de etnografias que procuram tratar dos mais diversos contextos festivos.

Já na introdução do livro, Perez chama a atenção do leitor para nossa relação com a festa como “uma presença constante em nossa vida individual e coletiva, regulando-a no ritmo de sua incessante sucessão no calendário.” (2012, p. 22). É importante não perdermos isso de vista, pois a festa é algo constante em nossas vidas e pode, em alguns momentos, passar despercebida enquanto um fenômeno social, como algo comum que todo ano acontece.

Além disso, a festa tem em si a capacidade de se recriar através das pessoas, pois por mais que o evento possa ser tradicional, para cada participante ele terá um significado diferente, trazendo diferentes nuances no próprio evento, diante da celebração coletiva.

Como a festa apresentada aqui, trata-se de uma festa de santo, essa relação entre o individual e o coletivo, pode ser bastante discutida. Um ponto que gostaria de refletir trata dessa dialogia relacionada a continuidade da festa, que pode ser vislumbrada na expectativa do indivíduo para que a festa aconteça, possibilitando assim que ele participe pagando uma

promessa, agradecendo por uma graça que foi alcançada ou aproveitando o momento festivo para relaxar das obrigações diárias e celebrar com amigos e parentes.

Mas, vale ressaltar que para se suprir essas necessidades que permeiam o plano individual, o plano coletivo precisa acontecer, ou seja, a festa, enquanto uma entidade coletiva de relações precisa das agências individuais para que possa existir. Sem a festa o indivíduo não teria o que celebrar, ao mesmo tempo que sem os desejos individuais a festa não teria motivo para acontecer.

3.1 – A tradição da festa e suas mudanças

A Festa de São Pedro pode ser considerada uma festa tradicional, porém sua manutenção e continuidade é permeada de mudanças e novidades. Foi possível buscar nos relatos dos mais velhos como eram os bailes e as atividades que aconteciam antigamente durante a festa, o que possibilitou trabalhar comparativamente sobre o que teria mudado dessas lembranças passadas para os bailes e outras atividades que ocorrem nos dias atuais. “As mudanças via de regra, são vistas como ameaças à continuidade da tradição. [...] *porém*, mudanças não são ameaças à continuidade da tradição, ao contrário, são condições mesmo de sua perpetuação. A tradição permanece justamente porque muda.” (PEREZ, 2012, p. 31-32)

Tive a oportunidade de observar algumas mudanças que a tradição pôde sofrer. No caso estudado aqui, ao invés de negar essas mudanças, ou mesmo, criar algum tipo de resistência, foi possível verificar que mesmo sendo uma festa altamente ritualizada em alguns momentos, como no levantamento e na derrubada dos mastros, em outros a tradição tem se adaptado e adquirido feições mais modernas, mais tecnológicas, porém não menos ritualizadas.

Quando me utilizo do conceito de rito, procuro me apoiar em Durkheim (1996, p. 19) e suas reflexões sobre crenças e ritos. Para o autor, as “crenças são representações, é nela que a natureza especial do objeto se exprime”. Já o rito são modos de ação determinados [...] que nos prescreve uma maneira de agir, [...] e este só pode ser definido depois que a crença foi definida”.

Mariza Peirano (2002), em sua obra “O dito e o feito, ensaios de antropologia dos rituais”, apresenta artigos relacionados com a temática mito e rito, porém sob uma abordagem moderna. No prefácio e no primeiro capítulo ela faz reflexões pautadas em teóricos que trabalharam com essas categorias, e diferencia o que seria uma abordagem clássica do tema, de uma moderna.

De maneira geral, os rituais clássicos, como as festas de santo ou comemorações cívicas, se diferenciam dos eventos modernos, como os *riots* pesquisados por Tambiah¹³, pois os primeiros são cíclicos e esperados, tem uma estrutura pouco flexível, enquanto os eventos podem ocorrer de maneira inesperada e tem a possibilidade maior de comportar atos não premeditados no momento de sua realização, sem planejamento prévio.

As pesquisas de Tambiah sobre os conflitos sul-Asiáticos, e sua aproximação da ideia de ritual, não parece se aplicar ao tipo de ritual que trato nessa dissertação. Primeiro, devo reconhecer que minhas reflexões teóricas e meu trabalho de campo repercutem um sentido mais clássico que moderno, como é a proposta do autor. Além disso, sua preocupação está pautada empiricamente em eventos violentos e não premeditados, o que afasta ainda mais nossas realidades empíricas. Mas, vejamos o que Peirano fala a esse respeito:

[...] entendemos que rituais são tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já estão recortados em termos nativos. Em outras palavras, tanto eventos ordinários, quanto eventos críticos e rituais partilham de uma natureza similar, mas os últimos são mais estáveis, há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, e uma percepção de que eles são diferentes. Eventos em geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura e propósito se o olhar do observador foi previamente treinado nos rituais. [...] rituais e eventos críticos de uma sociedade ampliam, focalizam, põem em relevo e justificam o que já é usual nela; se há uma coerência na vida social como antropólogos acreditamos, então o tipo de análise que se aplica a rituais também serve a eventos. [...] Estamos, portanto, lidando com fenômenos semelhantes em graus diversos. [...] Focalizar rituais é tratar da ação social. (PEIRANO, 2002, p. 8-9)

O trecho acima deixa mais clara a definição de minha tarefa e de meu campo de pesquisa, pois a Festa de São Pedro é um ritual no sentido clássico do termo, suas características são mais estáveis, com uma ordem estruturada, e representa um acontecimento coletivo. Ainda segundo Peirano, os “ritos continuam sendo a contrapartida das representações, mas muitas vezes analiticamente superiores pela dimensão imponderável, aspecto fundamental da vida em sociedade”. (2002, p. 10).

Tais afirmações me levam a compreender que o estudo de um ritual, como o que me proponho, deve alcançar uma análise social que vai além da festa em si. É certo que muitas temáticas se apresentaram durante esse trabalho, dificultando até certo ponto, manter um foco contínuo sobre um único objeto, mesmo porque esse era múltiplo. Porém, acredito que no decorrer da leitura seja possível perceber as composições diferentes que fazem com que a vida

¹³ Para um maior aprofundamento das pesquisas de Tambiah ver: TAMBIAH, S. J. *Leveling Crowds: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia*. California/London: University of California Press. 1996 e “Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 34, jun. 1997, p. 4-24, 1997.

social, o trabalho, a crença e outras dimensões apareçam recompondo o objeto principal da pesquisa. “No caso dos rituais, focaliza-los em sua especificidade para demonstrar que são momentos de intensificação do que é usual torna-os *loci* privilegiados – verdadeiros ícones ou diagramas – para se detectar traços comuns a outros momentos e situações sociais” (PEIRANO, 2002, p. 27).

De qualquer maneira é importante deixar claro, que a proposta da autora vai além daquilo que eu estou me propondo, pois nessa obra em especial, ela está mais interessada nas pesquisas sobre os rituais modernos ou eventos como citado anteriormente.

É minha proposta que o estudo de rituais, tema clássico da antropologia desde Durkheim, assume um especial significado teórico e, menos óbvio, político, quando transplantado dos estudos clássicos para o mundo moderno. Nessa transposição, o foco antes direcionado para um tipo de fenômeno considerado não rotineiro e específico, geralmente de cunho religioso, amplia-se e passa a dar lugar a uma abordagem que privilegia eventos que, mantendo o reconhecimento que lhes é dado socialmente como fenômenos especiais, diferem dos rituais clássicos nos elementos de caráter probabilístico que lhes são próprios. [...] Por enquanto, basta mencionar que, na análise de eventos, mantém-se o instrumental básico da abordagem de rituais, mas implicações são redirecionadas e expandidas. (PEIRANO, 2002, p. 17)

Na Festa de São Pedro, tanto a crença quanto o rito já estão definidos. A crença dos pescadores em São Pedro enquanto figura que pode protegê-los quando estão no mar, e ajudá-los para que o ano seja bom, “dê bastante peixe”, e não falte nem comida e nem saúde na casa de ninguém, é bem explícita desde os mais velhos até os mais novos. Importante ressaltar que não se trata de uma crença que seja exclusiva, pois além de São Pedro, existem outros santos e santas católicas que também são cultuados pelos pescadores da Vila de Joanes, como Nossa Senhora do Rosário, padroeira da vila.

Partindo então da crença estabelecida sobre o santo pescador, o ritual da Festa de São Pedro, também é prescrito e determinado. De forma bem simplória, os principais rituais seriam o levantamento e a derrubada dos mastros, marcando o início e o fim da festividade. Esse ritual que será descrito mais adiante passou por mudanças ao longo do tempo, mas manteve-se a tradição de realização da festa.

Um exemplo dessa relação entre a tradição e a chegada de novidades, pôde ser observado durante os dois bailes que ocorreram na Festa de São Pedro. Um deles, chamado de “baile da saudade”, “a música dos antigos”¹⁴, fato que poderia ser relacionado como uma

¹⁴ Ritmo de batida mais lenta, o brega ou brega saudade, normalmente toca em uma noite da festividade de São Pedro, nesse dia é visível à presença de um grande número de casais com idade que pode variar entre os 30 e os 70 anos ou mais, para dançar durante o Baile da Saudade.

tradição da festa. Porém, em outra noite é possível encontrar as festas de aparelhagens¹⁵ com suas grandes estruturas de som e iluminação, com DJs tocando a partir de *laptops* e da alta tecnologia.

Esses bailes acontecem no Barracão de São Pedro, que é uma construção ampla e coberta por telhas “brasilit”, constituído de um local de venda de comidas e bebidas durante “os bregas” (os bailes), e uma pista de dança, com algumas mesas ao redor.



Figura 3: Barracão de São Pedro e Sede da ASTAPA – Associação dos Trabalhadores na Aquicultura e Pesca, em Joanes.

O Barracão de São Pedro também é chamado pelos joanenses de “Barracão dos Pescadores”, trata-se de um espaço, como foi relatado acima, onde acontecem todos os bailes, o bingo e o levantamento e a derrubada de mastros que fazem parte da Festa de São Pedro. Além disso, muitas reuniões que são realizadas pelos pescadores também ocorrem lá, quando

¹⁵ Ritmo de batida mais rápida, como o tecnobrega ou o tecnomelody, com influência de sons eletrônicos. O palco onde o DJ fica tem a forma de uma nave que se move e lança fogos. Nessa festa a faixa etária dos presentes fica entre os 18 e os 40 anos, pois o ritmo acelerado da música atrai os mais jovens em relação aos mais velhos que preferem o Baile da Saudade.

existe alguma necessidade de recadastramento dos pescadores para a obtenção do seguro defeso¹⁶, por exemplo.

Nesse sentido compreendo que a tradição e a modernidade se misturam de maneira promissora, pois a festa continua a acontecer ano após ano e, além disso, ela aparece também como ritual, pois possibilita “uma ideia de um mundo extraordinário [...] onde a sociedade pode ter uma visão alternativa de si mesma” (DAMATTA, 1997, p. 38-39).

Seja no que diz respeito ao pagador de promessas em sua experiência com o sagrado, ou a entrega aos prazeres de uma noite de bebidas, dança e namoro sob uma ótica profana, as duas possibilidades são bem comuns de se presenciar durante os dias que marcam a vida daqueles que participam da Festa de São Pedro.

3.2 – O tempo

Uma situação que chamou minha atenção durante a realização da pesquisa de campo na Vila de Joanes, foi a maneira como se dá a relação de tempo entre as pessoas e seus afazeres. Em alguns momentos, compreender a forma como as pessoas lidavam com o tempo tornou-se algo intrigante e um pouco difícil, já que aquele tempo burocrático, marcado no relógio, é entendido de maneira diferente em lugares diferentes.

Acredito que a maioria das pessoas já tiveram a oportunidade de vivenciar essa relatividade temporal. Quando vivemos nas grandes cidades e em áreas urbanas e nos deslocamos para o campo ou para a praia, torna-se possível compreender essa diferença de velocidade que o tempo pode apresentar em lugares distintos. Muitos diriam que na praia o tempo parece estar parado enquanto na cidade o dia passa muito depressa.

O que foi possível compreender sobre essa relatividade do tempo em Joanes, é que a hora marcada, como estamos acostumados a fazer quando estabelecemos o horário em que começará um evento, ou que horas vamos nos encontrar em um determinado lugar, é usada mais como um tipo de referência pelos pescadores em Joanes, porém quando de fato vai acontecer ou se realizar algo, não será exatamente aquela hora previamente acordada.

Quando questionei um grupo de pescadores que estavam conversando, sobre essa relação com as horas e com o tempo, o que ouvi basicamente foi que “pescador num tem hora

¹⁶ De janeiro a abril de cada ano o pescador profissional tem direito a 4 salários mínimos que são chamados de seguro defeso, tendo em vista o período de procriação da maioria das espécies de peixes e, por isso, a necessidade de se evitar a pesca. O Defeso é assegurado pela Lei Nº 10.779, de 25 de Novembro de 2003 (Brasil 2003).

de sair nem de voltar”. Esse fato de “não ter hora” me fez refletir sobre essa relação temporal e observei como ela é percebida de maneira singular na Vila (tempo social versus o tempo da natureza, da maré, do peixe). A relação dos pescadores, por exemplo, com os momentos de sair ou voltar da pesca, acabam se refletindo também nos eventos festivos, ou outros tipos de celebrações e atividades que possam ser combinadas com “hora marcada”.

Na prática, existe uma temporalidade bastante flexível para que um evento, por exemplo, se realize. Algumas vezes não consegui participar de um evento, ou realizar uma entrevista, que havia sido combinada previamente, e isso me levou a observar uma maneira mais prática e menos burocrática de se lidar com o tempo, principalmente no sentido de só se fazer o que for possível de ser feito.

Encontrei uma semelhança entre minhas reflexões e interpretações sobre as perspectivas dos pescadores e dos moradores da Vila de Joanes, no trabalho de Regina Prado (2007), intitulado “Todo ano tem: as festas na Estrutura Social Camponesa”. Nessa obra a autora tem por objetivo “[...] percorrer, pelo menos uma vez, o ciclo completo das festas (em Bequimão e Alcântara, MA), a fim de formar uma ideia da posição relativa de cada uma no conjunto de todas elas, bem como perceber-lhes o significado no interior daquela estrutura social”. (PRADO, 2007, p. 32)

A autora também trabalha com as festas camponesas como rituais, e encontra em suas reflexões teóricas as aproximações com “Marcel Mauss de “fato social total” – que permitem a compreensão do sentido real das relações sociais” (PRADO, 2007, p. 39) como eu procuro também estabelecer em minha perspectiva teórico/prática.

Sobre o tempo encontramos novamente uma coerência em nossas observações de campo e interpretações, a autora afirma que “o tempo é antes vivido como uma oposição de contrários: tempo de inverno x tempo de verão” (PRADO, 2007, p. 45). Em Joanes, essa divisão temporal também é estabelecida, no inverno existe maior influência da água doce dos rios que espalha os peixes e traz “muita sujeira”, como galhos, árvores, pedras, que estragam as redes de pesca; já no verão com maior influência de água salgada, existe uma invasão de espécies de peixes do oceano, sua quantidade aumenta, a pesca melhora. Assim, fica representado também a oposição dos tempos entre o inverno e o verão, ou como os pescadores falam “o tempo da fomitura e o tempo da fartura”.

Além dessa relação que leva o tempo a ser dividido dessa maneira, principalmente por consequência de causas ecológicas, acabam por afetar diretamente o econômico e o social, o que torna importante destacar também o tempo da festa. “A passagem de um tempo comum

para um tempo de festa não se dá sem um ritual que qualifique o novo período. Na cultura regional, será a cerimonia do levantamento do mastro o marco indicador decisivo no início dos festejos [...] levantado nas vésperas da festa permanecerá até o final dos festejos sendo, então, ritualmente derrubado” (PRADO, 2007, p. 78-79).

Assim como foi relatado no trabalho de Regina Prado sobre os festejos de Barroso, no Rio de Janeiro, principalmente sobre a festa de Santa Teresa de Ávila, pude encontrar também diversas semelhanças na Festa de São Pedro em Joanes, no município de Salvaterra. A distribuição e estrutura das festas estudadas são muito similares, as categorias e conceitos e os costumes dos campos empíricos também apresentam características sociais e rituais muito parecidas. Por isso, outras citações serão pertinentes sobre essa obra, durante o restante desse trabalho, porém para as questões apresentadas até aqui creio que tenha sido o suficiente.

4 – SAINDO PARA A PESCA

Um fato que me chamou a atenção é que praticamente todos os pescadores com quem tive contato, conheci e conversei, possuem um apelido. Esse apelido, como eles mesmo dizem “*é o que substitui o nome de batismo*”. Não adianta procurar pelas pessoas, principalmente em se tratando dos pescadores, usando seus nomes formais que constam em seus documentos, pois dificilmente alguém na vila vai saber dar qualquer tipo de informação sobre essa pessoa. Por isso, o apelido ganha força nesse sistema de sociabilidade e de identidade entre os pescadores e os moradores, pois junto a um apelido sempre existe uma história que acessa a memória das pessoas e recontam como ganharam suas alcunhas.

Durante minhas viagens para a Vila de Joanes, um dos moradores com quem estabeleci uma boa relação foi um senhor chamado Bala. Certa vez, ele chegou a revelar que os pescadores estavam pensando em um apelido para mim, fato que me deixou muito satisfeito, pois ter um apelido na Vila de Joanes é como ser adotado, não por uma família, mas, sim, por uma comunidade. Não é a mesma coisa que ser um legítimo “filho de Joanes”, mas me fez sentir integrado como uma pequena parte do todo, como se isso fosse um tipo de reconhecimento comunitário, ou até mesmo, um ritual de passagem, que só se pode vivenciar quem alcança uma relação mais profícua e duradoura com o cotidiano da vila e, no meu caso em especial, com as melhoras no meu relacionamento com os pescadores.

De fato, enquanto pesquisador do campo antropológico, esta intensão dos pescadores em me apelidar, mesmo que não tenha se concretizado, aponta, penso eu, para uma auto avaliação positiva sobre o meu trabalho em campo e sobre minhas relações com todos os interlocutores com quem desenvolvi este trabalho.

Durante minhas incursões a campo o meu primeiro objetivo era ser “aceito” entre os pescadores da Vila de Joanes. Para alcançar isso, numa tentativa de aproximar minha observação ao máximo possível, tratei de me integrar a uma tripulação de pescadores. Assim, a cada oportunidade de sair com eles para pescar eu estava lá.

Nesse processo o primeiro desafio foi conseguir subir na embarcação, saindo diretamente da água para cima, ou para dentro do barco, depois aprender a controlar ou mesmo se relacionar com o repetido sacolejar das ondas, conseqüentemente a isso, a sensação constante de enjoo que se apresenta. Porém, existia algo ainda não alcançado, que se revelaria para mim como o ápice de uma tríade na iniciação de um pretense pescador: aprender a me deslocar sobre o barco, em movimento, com equilíbrio.

Essa revelação, ocorreu em um dia que saí com um grupo de pescadores, para “colher” uma rede que tinha sido “escorada”, no dia anterior, em um ponto de pesca chamado “Mete Medo”¹⁷. Quando chegamos lá, a rede ainda estava submersa, situação causada pela força da correnteza e da maré que quando ainda está “correndo” muito, puxa a rede para baixo, inclusive as boias de sinalização, fazendo com que todos pescadores do barco se coloquem em alerta e em constante observação à procura de uma boia que possa ser visualizada, possibilitando assim, que o processo de “puxada da rede” possa ser iniciado.

Entendendo que naquele momento eu de fato poderia ser útil para eles, me coloquei de pé sobre o teto do barco, e comecei a andar de um lado para o outro, firmando a vista no horizonte que dividia a água do céu, em todas as direções, tentando encontrar a tal boia¹⁸ tão procurada.

Nesse momento percebi que os outros três tripulantes tinham parado de olhar para a água e estavam olhando para mim, até que um deles falou em um tom de quem acaba de ver um bebê dando seus primeiros passos: “Olha só, o Luis já aprendeu a andar!” E todos começaram a comentar os avanços de minhas habilidades dentro da embarcação.

Enquanto eu os ouvia, me dava conta do que estava acontecendo comigo, a afirmação “aprendeu a andar”, se repetia em minha mente, pude lembrar como foi quando eu fiz a mesma observação com relação à minha filha, quando ela mesma conseguiu dar seus primeiros passos sozinha na sala de casa, e toda aquela alegria e sentimento de realização que eu, como pai, pude sentir naquele momento. Isso me remeteu a mesma sensação que aqueles pescadores transmitiram sobre os meus primeiros passos dentro da embarcação, já que antes disto, minha posição padrão era sempre sentado, quando muito engatinhava de um lado para outro no barco, saindo de posições que poderiam atrapalhar o desenvolvimento do trabalho deles.

Logo em seguida, a boia cor de rosa “buiô”, e o trabalho de puxar a rede para dentro do barco começou. Eu me sentei novamente para observar o trabalho dos pescadores, tirar fotos e fazer algumas perguntas.

Nesse dia três peixes foram trazidos para dentro do barco e um etnógrafo passou pela mais tenra infância, pelas primeiras descobertas, pelos primeiros passos, diante do mundo do pescador, ali eu tive a consciência de que havia sido iniciado, ou de pelo menos, ter alcançado uma confiança maior dos pescadores sobre a minha presença com eles.

¹⁷ O nome sugestivo está relacionado com a agitação constante das ondas no local.

¹⁸ A boia era um tipo de bola cor de rosa, do tamanho de uma bola de vôlei, que serve para sinalização marítima.

Essa motivação para participar não só da festa, como objeto principal deste trabalho de pesquisa, mas também, em me dedicar a observar, vivenciar e compreender sua forma de viver e de trabalhar, trouxe experiências muito enriquecedoras para as relações que se estabeleceram entre pesquisador e interlocutores, e também como material etnográfico rico para futuras pesquisas acadêmicas que se aproximem do tema pesca.

Como afirma a autora Regina Prado,

[P]ara o pesquisador, a receptividade ou a rejeição manifestada pela população interlocutora implicam diretamente na maior ou menor viabilidade de se prosseguir com a tarefa projetada. O acesso, o bom acesso ao informante se erige com condição fundamental de trabalho [...] O antropólogo pesquisador é antes de tudo um despojado que leva em sua bagagem a paciência de ouvir e a constância de observar (PRADO, 2007, p. 26 e 43).

A seguir, pretendo descrever duas ocasiões em que tive a oportunidade de sair para pescar com alguns desses pescadores, e de aprender com eles sobre o trabalho da pesca, o que significa ser pescador em Joanes, quais são algumas de suas crenças e como se solidarizam uns com os outros e como criam sociabilidade.

4.1 – Velho, Foguete e Pau Amarelo

Quando decidi que iria trabalhar com pesquisa relacionada à Festa de São Pedro, achei que seria muito importante que eu pudesse sair para pescar com alguns pescadores, quando surgisse alguma oportunidade, pois entendia que deveria me aproximar um pouco mais de seu ofício para ser melhor aceito em algo tão íntimo que é uma festa como essa.

Minha primeira experiência desse tipo ocorreu em uma segunda-feira, no dia 1º de abril de 2013. Naquele dia acordei às 5h da manhã e fui encontrar com Velho, que é um pescador que se mostrou um grande interlocutor e amigo, ajudando a entender as complexidades do cotidiano na Vila de Joanes através da perspectiva de um pescador.

Além de me aproximar mais do grupo de pescadores, compartilhando o seu momento de trabalho, essas “saídas para pesca”, como dizem, são momentos importantes para a observação da sociabilidade e da colaboração que podem ser experimentados e sentidos na prática cotidiana do trabalho do pescador.

Nessa ocasião, fui encontrar com os pescadores na Praia Grande para acompanhá-los em sua saída para pescar. Como eu já havia sofrido com alguns problemas em relação ao tempo e atividades previamente marcadas, e tendo percebido da pior maneira possível como os

desencontros na pesquisa podem ser muito ruins, resolvi aparecer bem mais cedo que o combinado, por volta das 5h da manhã, na tentativa de não perder essa oportunidade.

Velho só apareceu as 5h50, e logo que chegou fomos entrando na água rumo ao seu barco a motor. Como um aluno atento que repete tudo o que o mestre faz fui tentando repetir suas ações, caminhando dentro da água para chegar até a embarcação.



Figura 4: Velho em primeiro plano e Pau Amarelo ao fundo, esperando a chegada de Foguete, para sair para pescar.

O primeiro desafio que me foi imposto foi subir no barco, claramente pude perceber que tudo tem uma técnica e precisa ser praticado para que se aprenda a fazer, mesmo as coisas mais simples. Foi um grande esforço sair da água e subir no barco, mas, por fim, consegui fazer isso sem a ajuda do Velho, que num dado momento, percebendo minha dificuldade, me olhou com certo ar de piedade e perguntou: “Se garante?”.

Ficamos no barco sentados por um tempo, quando por volta das 6h10 da manhã chegou o irmão do Velho, seu Gilberto, que tem por apelido Pau Amarelo. Fiz uma piada sobre o apelido dele e achei melhor não perguntar o motivo daquele apelido, mas quando falei isso em voz alta, eles riram e o clima ficou mais descontraído. Velho estava meio impaciente esperando

outro irmão seu, Marinaldo, que tem por apelido Foguete, até que às 6 horas e 24 minutos, Velho deu um ultimato: “só mais seis minutos, se não chegar, vou embora!”

Foguete chegou bem na hora, às 6h30 e, imediatamente saímos rumo à pescaria. Velho entrou na parte onde fica o motor do barco e o ligou. Pau Amarelo foi para a proa (parte da frente da embarcação) e começou a puxar o ferro (âncora); Foguete ficou na popa (parte de trás da embarcação) cuidando da corda do leme e do acelerador e, assim, nós seguimos, comigo sentado na popa ao lado de Foguete, tentando não atrapalhar o trabalho que se iniciava.

A baía estava com as águas agitadas e algumas rajadas de vento, eu fui-me “tareando” (equilibrando) e também controlando a respiração, por causa da sensação de enjoo que se fazia presente. Com o barco em movimento essa sensação diminuía, porém, com o barco parado, ela se tornava quase insuportável. Depois de mais ou menos uma hora de viagem chegamos ao local onde a rede seria “esticada” ou “fundeadada”.

Velho deu uma olhada para Foguete e solicitou que ele fosse mais devagar. Em seguida, as posições mudaram: eu fui para a proa, Pau Amarelo começou a liberar as boias enquanto Foguete passou a liberar a rede pela popa. Velho ficou no leme e no acelerador. O barco foi seguindo bem devagar até que a rede toda estivesse fundeada, sendo ela amarrada na corda da âncora, na ponta da proa. Tendo sido feito isso, só nos restava esperar que os peixes se emalhassem na rede.

Esse processo demorou cerca de duas horas para ser concluído. Enquanto a rede estava na água todos sentaram no teto do barco e começaram a conversar. Das conversas que tivemos durante essa espera, a mais longa foi sobre o seguro defeso e as associações, ou colônias, que naquele ano estavam sendo investigadas por fraude no processo de concessão do benefício e do cadastro dos pescadores.

Durante esse momento de espera, com o barco parado, porém balançando para cima e para baixo, fiquei bastante nauseado. Pareceu-me que o barco começou a balançar muito e procurei me controlar por um tempo, respirando profundamente algumas vezes até que aquela sensação de mal-estar passasse.

Depois de mais de duas horas de espera chegou, então, o momento de puxar a rede. Uma nova arrumação nas posições de cada tripulante no barco foi necessária: Velho ficou arrumando ou “empatando”¹⁹ a rede bem no meio do barco, enquanto Pau Amarelo foi para a proa puxar a rede e Foguete passou a arrumar as boias na popa.

¹⁹ Empatar a rede implica na ação de arrumar a rede dentro do barco, pode ser antes de sair para a pescaria ou lá no meio da água mesmo, durante o processo de puxada da rede. Dessa forma a rede já fica preparada para o próximo uso, o que facilita no momento de jogar ou esticar a rede na água.



Figura 5: Imagem superior: Pescadores esticando a rede no mar. Imagem inferior: Pescadores esperando para puxar a rede.

Foi um momento de muita expectativa para todos, principalmente porque a rede vinha vazia a maior parte do tempo, um copo plástico aqui, outro ali, apareceu um peixinho miúdo que foi solto, depois duas arraias que também foram soltas. Diante de alguma frustração pela pescaria que não ia muito bem no dia, Velho começou a brincar com isso e conseguiu levantar o moral dos outros pescadores, quando olhou para mim e de maneira séria me explicou: “Aqui é pesca e solta, tipo pesca esportiva”. Pau Amarelo emendou: “assim até dá preguiça de puxar a rede”.

Apesar de fraca a pescaria, por fim apareceram duas pescadas e quatro bacus, cada um aparentando pesar entre 2 e 5kg, e isso foi tudo que a rede conseguiu trazer do fundo das águas para os pescadores.

Voltamos para Joanes direto para a Praia do Porto. Na areia três senhores esperavam ansiosos a fim de comprar os peixes para o almoço, infelizmente não veio nada. Velho, que é o dono do barco, dividiu o pescado com os parceiros ficando só com o bacu, distribuindo o restante dos peixes entre eles. Perguntei sobre essa divisão e ele disse que a família dos dois é maior que a dele, tem filhos pequenos e por isso precisam mais.

Foi possível perceber como a solidariedade ficou implícita nessa atitude, pois segundo Velho, quando dá bastante peixe se divide o dinheiro proveniente da venda em quatro partes, uma parte para o barco e uma parte para cada pescador. De zero a dez, Velho deu nota dois para essa pescaria.

De fato, consigo encontrar algumas aproximações entre a festa e o trabalho dos pescadores, um exemplo disso passa pela ideia de sociabilidade que pode ser verificada, tanto no trabalho como no lazer da festa, um tipo de sentimento comum nas duas ocasiões. Outro exemplo que pode ser apontado como algo que aproxima a festa da pesca é a continuidade da tradição que se mantém na festa, bem como no saber fazer de cada pescador, que também continua a ser praticado como um conhecimento geracional.

Além disso, essa primeira incursão ao campo confirmou que se o meu primeiro interesse era realizar uma etnografia com os pescadores, seguir pelo caminho que escolhi, ou seja, etnografar a sua festa, me levaria a conhecer e poder entender uma parte desse campo de pesquisa bem mais extenso e complexo, que compõe todas as outras atividades da vida dos pescadores e da Vila.



Figura 6: Pescadores puxando a rede e separando os peixes dentro da embarcação.

4.2 – Ovo, Papagaio e Bodinho

Na tentativa de me envolver com as atividades dos interlocutores e melhorar a aceitação de minha presença e dos meus questionamentos decorrentes da pesquisa, procurei participar de todas as atividades festivas durante o período em que permanecia em campo, e não somente daquelas relacionadas à Festa de São Pedro.

Além de tentar participar das festas e bailes juninos da vila, costumeiramente acabava sendo convidado para acompanhar os pescadores em seu trabalho, e sempre que tive essa oportunidade procurava aceitar. Isso foi algo que me fez perceber que essa disponibilidade e interesse em participar das pescarias com eles era algo que repercutia muito bem entre os pescadores sobre minha presença no local.

Assim, acabei participando de uma segunda empreitada de pesca. Dessa vez fui acompanhando Ovo, Papagaio e Bodinho. Encontrei com eles em uma manhã para seguirmos até o ponto de pesca. Quando me dirigi até o barco a motor de Ovo encontrei-o junto de

Papagaio. Os dois estavam dentro do barco “empatando” a rede e preparando a embarcação para partir.



Figura 7: Da esquerda para a direita: Ovo, Bodinho e Papagaio.

Assim que terminaram essa arrumação, fomos tomar café na “Pousada Ventania”, que pertence à mãe do Ovo, chamada Edineia. Todos tomaram um café da manhã bem reforçado, com pão, frutas, suco e café com leite. Eu, porém, devido a minha pouca experiência em pescaria e navegação, e por não saber o que seria melhor para evitar o enjoo, decidi que não iria comer nada e tomei apenas uma xícara de café e um pouco d’água.

Sáímos rumo ao ponto de pesca conhecido como “Meté Medo”, e logo depois de algum tempo que havíamos chegado ao lugar, acabei passando mal com muitas náuseas. Pude constatar que durante o trajeto até o ponto de pesca, com o barco em movimento, não sofro grandes dificuldades, porém, assim que o barco parou de se movimentar e jogamos a rede, a embarcação começou a balançar bastante, causando-me grande mal-estar.

Foi uma situação bem difícil para mim, o balanço constante do mar, o vento e o cheiro do óleo me deixaram bastante atordoado. Acredito que nessa saída para pesca, um fato que ajudou significativamente para esse resultado desagradável, foi que na noite anterior eu estava acompanhando o Baile da Saudade que ocorreu no Barracão de São Pedro e, por isso, fui dormir muito tarde e descansei muito pouco, fatores que resultaram nesse mal-estar que durou cerca de meia hora, mas que não foi capaz de atrapalhar a pescaria, nem tampouco meu objetivo maior de acompanhar o trabalho desses pescadores.

O tipo da pescaria que executaram foi diferente daquele relatado anteriormente, em alguns aspectos. Uma primeira diferença que pude notar foi que na primeira pescaria só tinham boias de isopor na rede, já nessa haviam garrafas pet funcionando como boias. No lado oposto

ao das boias existiam grandes pedras amarradas, fazendo com que a rede ficasse submersa, alcançando uma profundidade maior que aquela da primeira pescaria que tivera oportunidade de acompanhar.

O ponto de pesca que visitamos seria composto por uma grande pedra no fundo, o que seria um atrativo para os peixes. A rede ficaria “fundeada” próxima dessa pedra, ela foi lançada pela parte de trás do barco (popa), do mesmo modo que foi feito na outra pescaria que acompanhei.



Figura 8: Pescadores lançando a rede no ponto de pesca chamado “Mete Medo”.

Eu me sentei na proa e fiquei tentando assistir ao trabalho que executavam. Eles liberaram no final da rede, uma grande boia redonda cor de rosa, que acredito já tenha sido vermelha um dia, mudando de cor pelo desgaste de uso e pela ação solar.

Essa boia marca outra diferença interessante em relação à pescaria anterior, pois a rede ficaria ali afundada e solta da embarcação até o momento de ser puxada. É a partir dessa boia que se começa a puxar a rede no dia seguinte, diferente da primeira pescaria, quando os pescadores mantêm a rede presa ao barco enquanto esperam por um determinado tempo para

em seguida recolhê-la. Nessa pescaria, eles deixam a rede no fundo da baía, completamente alheia ao barco, deixando para ir buscá-la no dia seguinte.

A primeira pescaria que acompanhei é chamada pelos pescadores de “pesca de arrasto”, pelo fato que a rede e o barco vão sendo arrastados pela maré, ficando à deriva até sua puxada. Essa segunda pescaria que relatei por último é chamada “fundeada”, pelo fato de deixar a rede esticada no fundo do rio ou da baía, completamente desconectada da embarcação.

Outro fato que merece destaque é a sabedoria dos pescadores em determinar onde se deve deixar a rede - os pontos de pesca (FURTADO, 2002) - e a que horas isso deve ser feito, pois é preciso estar atento à maré certa para que o material não se perca. A maré tem que estar “meio paradinha”, para que a rede fique bem posicionada, não se perca ou se rasgue, ou mesmo, que se prenda em alguma pedra impedindo sua retirada posteriormente. Os pontos de pesca são conhecidos por todos os pescadores, não há “donos” de pontos de pesca em Joanes. Os locais onde as redes são colocadas são compartilhados por um ou mais pescadores de acordo com a demanda. A exceção fica por conta da pesca feita com auxílio dos currais, estes sim têm “donos” e locais fixos, sendo considerado roubo o uso do curral por outro pescador que não aquele que tenha construído a armadilha de pesca.

Passada a noite com a rede no fundo da baía, no dia seguinte seguimos para “colher peixe” pela manhã por volta das 11h, quando retornamos ao “Metete Medo”, para “despescar” (VERÍSSIMO, 1970, p. 80; MUSSOLINI, 1980, p. 232) a rede que tinha ficado escorada no dia anterior.

O trabalho de despescar consiste em puxar a rede de volta para dentro do barco, soltando o peixe que ficou emalhado da própria rede. Enquanto um pescador desenrosca o peixe da rede, o outro já vai arrumando a rede, as boias e as pedras dentro do barco. Quando os peixes não são capturados em grande quantidade eles são eviscerados de imediato, tendo seus ferrões quebrados, sendo mortos e limpos. Caso a quantidade de peixes seja muito grande, eles são apenas desenroscados da rede e jogados no porão do barco para serem limpos apenas no final de todo processo da puxada da rede.

Quando chegamos ao local, ainda não dava para ver a boia de marcação da rede, aquela bola cor de rosa que citei anteriormente. Então, começamos a procura-la, demorando um pouco para achá-la. Isso aconteceu porque a correnteza ainda estava um pouco forte, ou como dizem os pescadores: “a maré ainda estava correndo muito”, fazendo com que a rede ficasse completamente submersa.



Figura 9: Pescadores puxando a rede para dentro da embarcação.

Foram momentos de tensão e de muita atenção no olhar de todos, até que finalmente a boia apareceu um pouco mais à direita do local onde estávamos. Ela emergiu redonda do tamanho de uma bola de vôlei, mostrando a todos que ali começaria o trabalho de puxar a rede, que acaba sendo sempre a parte mais pesada no trabalho do pescador.

No início a rede ainda estava bem pesada, por causa da maré que ainda corria, e nesse momento pude observar como a relação de força do pescador com a natureza fica em evidência, e reafirma também como a vida do pescador na Vila de Joanes está à mercê das marés.

Papagaio, Bodinho e Ovo puxaram juntos a rede, começando pelo guarda mão, que é uma parte só de cordas, sem malha, e depois quando a malha começou a emergir Papagaio assumiu a puxada. Enquanto isso Ovo foi empantando a rede que, em seguida seria posta novamente escorada no Mete Medo, para que todo o processo fosse repetido no dia seguinte.

Passado algum tempo em que Papagaio puxava a rede para dentro do barco, Bodinho assumiu a puxada da rede. Ele fazia um tipo de reza enquanto trazia a malha vazia para dentro do barco, e dizia: “Ôôô Pai Velho manda um peixinho pra mim (...) faz ele buiá pra gente Pai Velho!”. Isso se repetiu algumas vezes durante essa etapa do trabalho. Quando tive a

oportunidade de perguntar para o Bodinho para que entidade sagrada ele estava pedindo ajuda durante a puxada da rede, ele me revelou que sua reza era direcionada diretamente a Deus, e não era para nenhuma outra entidade ou santo.

Por fim, foram capturados dois filhotes²⁰, pesando cerca de 8k cada, e um bagre que pesou 5k. Um dos filhotes havia ficado preso na rede há mais tempo e estava morto, o que fez com que perdesse valor comercial, e por isso não foi vendido. Já os outros dois peixes puderam ser comercializados.



Figura 10: Pescadores levando peixes para serem vendidos no mercado de Joanes.

O peixe que estava morto há mais tempo na rede, foi retalhado, e suas partes foram distribuídas entre os três pescadores para poderem levar para suas casas.

Durante o tempo todo da pescaria existiu uma relação lúdica nas brincadeiras e nas músicas que cantavam. O objetivo principal desses momentos de sociabilidade durante o trabalho é encontrar na descontração forças para continuar a trabalhar.

Uma das músicas cantadas dizia: “Já mandei chamar o Luis ou já mandei chamar o Bodinho”, e assim por diante. Esse pequeno refrão foi repetido algumas vezes durante nosso

²⁰ Podem ser chamados de cadete, pelo baixo peso, já que esse tipo de peixe pode chegar a 70k ou mais.

tempo na água. Devido ao calor intenso, em alguns momentos todos entraram na água para se refrescar.

Ovo, num dado momento deu um mergulho, pois pensou que tinha algo bloqueando a entrada de água para o resfriamento do motor do barco, ele nadou por baixo do barco para verificar se tinha algum saco plástico ou pedaços de plantas, mas nada foi encontrado.

Os peixes foram eviscerados dentro do próprio barco, durante a viagem de retorno à terra. Pude aprender com eles que a bexiga natatória, que é chamada de “grude do peixe”, ou apenas “grude”, é muito valiosa, podendo chegar a R\$420,00/kg de grude da pescada amarela, e do bagre a R\$100,00/kg. O grude só pode ser obtido de algumas espécies como o bagre, a pescada amarela e a guriuba. Esses valores mudaram do ano de 2013 para 2014, chegando a custar R\$700,00/kilo, a grude de pescada amarela.

Já em terra, na casa de Ovo, ele terminou de retalhar os peixes e jogou os restos para os urubus, que esperavam os despojos no alto de uma palmeira. Ovo fez questão de falar sobre a importância dos urubus para a vida na Vila de Joanes, pois eles consomem grande parte dos restos de comida e dos pescados que são trazidos para terra pelos pescadores. Esse tipo de relação direta e sincronizada com a natureza sempre chama atenção pela forma simples que é apresentada pelos pescadores.

Por fim, fui convidado para participar do almoço do dia seguinte juntamente com toda a família, tendo como prato principal o filhote que foi pescado no dia anterior.

5 – A FESTA DE SÃO PEDRO: 2013 E 2014

Particpei da minha primeira Festa de São Pedro em junho de 2013, sábado, dia 22 e no dia seguinte seria o levantamento dos mastros, oficializando a abertura da festividade que seguiu até o dia 29 de junho, dia do santo e da derrubada dos mastros, marcando o término da festa.

O sentimento era descontraído e de muita alegria. As pessoas pareciam estar mais felizes, deixando transparecer uma euforia festiva não só pela proximidade da Festa de São Pedro, mas também, pela Quadra Junina Joanense, com as festas de São João, apresentações de quadrilha e de Boi que acontecem na vila.

Prado (2007) discute que “o período de festas é concebido como o de *recreação*, no duplo sentido da palavra: fuga do enfadonho pelo divertimento, e busca do desconhecido pela criação” (p. 116). Fato é, que durante os dias que antecedem a festa de São Pedro, ocorre um tipo de comoção, onde as pessoas se falam, tocam no assunto: “e a festa”? Para em seguida, trazer alguma informação: “esse ano o pau dos homens vai sair da casa do ...”, dois ou três dias antes da levantação dos mastros, a celebração se inicia entre as pessoas, um tipo de preparação para o momento do êxtase, da liberação obtida pela relação conjunta de sagrado e profano, que ocorre no momento do levantamento dos mastros, marcador do início da celebração.

Quando chego em campo procuro saber sobre as pessoas que tenho um pouco mais de intimidade, sendo essas as primeiras que procuro visitar. Não só para revê-las, mas também para saber através delas o que tem acontecido na vila e o que deverá acontecer nos dias que pretendo permanecer por lá.

Uma das pessoas que me apoiou em minhas estadas na vila, sendo a primeira que procurava ao chegar era Edineia, proprietária da Pousada Ventania. Ela, seus familiares e amigos, sempre muito simpáticos e receptivos, ajudaram na estrutura de apoio para a realização da pesquisa, não somente essa dissertação, mas também em outras pesquisas minhas e de outros pesquisadores que já passaram pela Vila de Joanes.

Começamos a falar sobre a Festa de São Pedro e Edineia relatou que a festa teria três mastros, e que ela era responsável pelo mastro das mulheres daquele ano. Edineia contou isso com grande satisfação e felicidade, que transpareceram em um sorriso em seu rosto enquanto relatava como seria sua participação na festa.

Enquanto conversávamos, chegaram Velho, Josimar e Fábio. Josimar é filho de Edineia e é conhecido em Joanes como “Ovo”. Ele também é dono de barco de pesca, e ajuda a mãe na

pousada e no curral²¹ que a família mantém. Assim que chegaram, me convidaram para ir buscar uma bebida chamada “Tiborna” na casa de uma senhora, Tia Maria, que conheci e pude conversar sobre o preparo da bebida, na tentativa de aprender como é que se produz a “bebida de índio”, como também é conhecida a tiborna.

Tia Maria, como é chamada por todos, tinha preparado pelo menos 230 litros da bebida, que é obtida pelo processo de fermentação da mandioca, que depois de cozida é deixada em repouso, “apurando”. Seu nome é Maria do Carmo dos Santos, tem 59 anos, e é uma das pessoas responsáveis pela fabricação da Tiborna, além de trabalhar com a produção de farinha. Segundo ela, a mãe fazia Tiborna e assim foi aprendendo a fazer junto dela. A tiborna não é apenas bebida de festa, pois serve também para quando se faz “convidado”, para ir para o meio do mato trabalhar, assim consegue reunir um grupo de pessoas que se ajudam mais.

O processo de preparo da bebida foi todo explicado por ela e eu vou apresentá-lo aqui. A primeira coisa é pegar uma carroça para ir buscar mandioca e lenha, em seguida descasca e rala a mandioca, que deve ser depositada em água fervendo, sendo mexida para que o caldo vá engrossando até dar o ponto.

Deve-se ir acrescentando água para manter a fervura e ir diluindo esse caldo de água com mandioca. Normalmente passa um dia inteiro fervendo, e no fim da tarde põe mais água, pode acrescentar açúcar ou cana e diluir, ou “distemperar” em outros dois ou três baldes. Passa uma noite para esfriar e coa no outro dia, deixando para apurar.

Segundo Tia Maria, há cerca de 10 anos a tiborna virou bebida de santo. Há outra bebida que se assemelha à tiborna que é chamada de “macaco”: essa é feita de outro tipo de mandioca, a mandioca-açaí, e “ataca as pernas”, dá um tipo de moleza nas pernas da pessoa que bebe muito. Ela é feita do beiju diluído, ficando com aspecto leitoso, sendo muito usada como estimulante para capinar a roça.

Uma panela de Tiborna custa em média R\$70,00, o que daria cerca de R\$0,50/litro. Porém, ela já viu o litro sendo vendido em festas por até R\$2,00.

É uma bebida muito apreciada e tomada em grandes quantidades durante a Festa de São Pedro, e também deve ser oferecida quando as pessoas “fazem convidado”. Fazer “convidado” implica em fazer um mutirão. A pessoa que convida os vizinhos ou parentes para ajudar na roça

²¹ Os currais de pesca são grandes estruturas feitas para aprisionar os peixes na vazante da maré. Os de Joanes, consistem em uma longa parede de galhos e troncos não muito grossos de madeira e sobrepostos por uma rede de pesca, que segue da praia em linha reta, entrando na água até uma certa profundidade, de forma que na maré cheia chegue a dois, três metros, mas que na maré seca seja possível andar a pé. No ponto que ficará completamente submerso, é construído um tipo de meia lua ou em um formato de seta que aprisiona os peixes quando esses tentam ir para o fundo, por conta da vazante da maré. Os peixes acabam entrando nessa armadilha e não conseguem mais sair.

ou para qualquer outra atividade que demande um trabalho coletivo, deve oferecer a bebida para os convidados. Dessa maneira, a “tiborna” pode ser considerada uma representação das relações e mobilizações populares, em certa medida, da sociabilidade local.

Antonio Candido em “Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, apresenta diversos aspectos do município de Bofete, no interior paulista. Em um dos capítulos intitulado “As formas de solidariedade”, ele apresenta um significado para mutirão, além de reforçar seu caráter festivo e de sociabilidade.

Na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o mutirão, cuja origem tem sido objetos de discussões. [...] todavia é prática tradicional. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira. Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho [...] Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas, não há remuneração de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. (CANDIDO, 2010, p.81-82)

Outro autor que relata esse tipo de trabalho social e solidário, mesmo em ambientes não camponeses ou ribeirinhos, é Ruben Oliven, em “A Antropologia de grupos urbanos”, ele faz uma relação entre os mutirões camponeses e os trabalhos de autoconstruções urbanas e dá destaque a duas regras principais sobre essas atividades que consistem basicamente em:

A primeira delas é a que se refere ao oferecimento da alimentação e da bebida aos que estão trabalhando como sendo uma obrigação do dono da casa. A importância atribuída a esse aspecto é tal que aqueles que não possuem recursos para arcar com as despesas que o cumprimento dessa regra acarreta nem sequer solicitam ajuda, "escolhem" de antemão tocarem sua obra sozinhos. A segunda está relacionada com o compromisso - "sagrado" como dizem alguns moradores - de atender pelo menos na mesma medida as solicitações de trabalho daqueles que trabalharam em sua casa. (OLIVEN, 2007, p. 43-43)

Por isso, procuro destacar a importância do papel da tiborna, na festa e na vida do trabalho coletivo, seja através de convidados, mutirões ou autoconstruções, a sociabilidade entre vizinhos e conhecidos se dá através do trabalho, da distribuição de comida e de bebidas, bem como acontece nas festas.

Retomando nossa missão de buscar a tiborna, enquanto carregávamos os toneis para cima de uma carretinha fixada ao carro de Edineia, pude experimentar a bebida pela primeira vez. Todos tomaram da bebida, eles da maneira tradicional, em grandes quantidades, sempre com uma cuia, um copo ou uma caneca cheia até derramar, e de um único folego. Eu como estava experimentando e já havia sido alertado para o poder de embriagues que a bebida tem, tomei só um pouco e pude atestar que a tiborna tem um gosto bem peculiar.

Pelo que pude observar no campo de pesquisa, todos tomam tiberna, crianças, idosos, homens e mulheres. Aqueles que seguem o cortejo dos mastros ou visitam uma casa onde seja ofertada a bebida, acabam tomando, mesmo porque se ela for oferecida, não se pode negar tomá-la, seria um desrespeito, pelo menos um pouco deve-se beber. Tradicionalmente toma-se a quantidade que lhe for servida, esperando tomar mais somente em uma próxima rodada, onde todos poderão se servir novamente.

Quando penso que a Festa de São Pedro, se aproxima do que Mauss (1974) denominou de “fato social total”, é pelo fato de conseguir tocar em diversos campos de representações, o mágico e o religioso, postos nas relações que os pescadores estabelecem com o santo padroeiro; a sociabilidade e a reciprocidade: que pode ser experimentada no momento do trabalho da pesca ou em momentos de lazer; a questão econômica nos produtos que são vendidos e/ou doados para que o evento possa acontecer, como é o caso da tiberna e das bebidas comuns (cerveja e cachaça, água e refrigerante) que são bastante consumidas durante os dias da festa; até o momento do êxtase: no que se refere à crença e fervor religioso, bem como aos sentimentos que estão guardados para aqueles que se tornam os donos da bandeira ou do mastro do santo, por uma perspectiva sagrada, além do que pode ser experienciado nos bailes e nas danças, diante do caráter estático, de um tipo de transe, embalados pelas sonoridades do tecnobrega, estimuladas ainda mais, pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Durante as pesquisas de campo e entrevistas, consegui conversar com as pessoas que estão em destaque por sua participação direta na realização da festa: juízes e juízas de mastro ou de bandeira. Uma dessas pessoas foi Celio Edison, também conhecido como Bala entre os amigos pescadores, ele foi muito solícito ao me receber em sua casa e tornou-se um interlocutor com o qual criei uma boa relação. Com 60 anos de idade, tem orgulho ao afirmar que “desses, 54 anos são só de Joanes”. É membro da Associação de Pescadores, e pesca no barco “São Lucas”, “no sistema de parceiragem”, tratado anteriormente, trabalha com o dono da embarcação.

Após me explicar sobre o sistema de trabalho dos pescadores, questionei Bala sobre o que considerava importante que se escrevesse sobre Joanes e seus moradores e ele foi bastante direto ao afirmar que: “O importante é falar bem daqui, que o povo recebe bem, com carinho!”

Em alguns momentos dessa entrevista que foi realizada em grupo, na casa do Chirrano, tentei tocar no assunto das visagens e assombrações que assustam os pescadores, no entanto, o tema era sempre desconversado.

Segundo Bala: “o medroso é que faz a visagem!” Porém, ele não diz que elas não existem, pelo contrário, cita um tipo de assombração que já presenciou e que chamou de “remorso”. Na sua explicação sobre o assombro revelou que se trata de situações em que se ouvem vozes no meio das águas, conversas e assovios que podem ser ouvidos no meio do mar, longe da mais remota porção de terra, ou de outro tipo de embarcação ou de qualquer tipo de presença humana.

Certa vez na “Ilha da Muroçoca”, um banco de areia desabitado, pôde ouvir um galo cantar por três vezes. Quando perguntado sobre o que seria isso, ele contou que “são os encantados”, e continuou explicando que “no tempo dos escravos, dos antigos, mataram uma mulher lá (na Muroçoca), e caiu tudo (a ilha afundou), sumiu! Agora apareceu de novo a areia”. Silveira e Bezerra (2012) ao tratarem das narrativas fantásticas em torno das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Joanes, relatam outras visagens ligadas à água, como o “navio iluminado” e a “calça molhada”, que aparece na beira da praia, indicando a centralidade da paisagem aquática na composição do imaginário local.

Na explicação de Bala, a ilha existe desde sempre, porém, devido a esse assassinato que uma mulher sofreu no local, a ilha afundou e sumiu das vistas de todos pescadores. Porém, há algum tempo a ilha emergiu novamente, agora ela apareceu como um banco de areia, sem nenhum tipo de vegetação e tornou-se um lugar habitado pelos “encantados”, daí o motivo dele ter ouvido um galo cantando no local, quando pescava em suas proximidades.

Além das histórias sobre visagens, Bala foi um dos pescadores que relatou algumas indicações interessantes sobre as potencialidades dos peixes, que vão além do saciar a fome ou do ganho econômico. Como exemplo, citou o peixe conhecido como “pacamu”, muito parecido com um sapo, uma das propriedades que a carne desse peixe apresenta para quem a ingere é a prevenção de qualquer tipo de câncer. Trata-se de um peixe que não tem muitos ossos e “ronca” quando é pego, “é um peixe muito bravo”. Pode ser usado também, como isca para pescar filhote, que é outra variedade de peixe que os pescadores locais costumam pescar.

Durante o período da pesquisa, Bala foi “juiz de bandeira” na festa de 2014. Ele sempre assume a responsabilidade por uma das bandeiras, mas não faz isso sozinho. Sua filha, o ajuda com os gastos para a confecção do pano, que é pintado à mão. Nesse ano, eles deram 5 caixas de pistolas e mais de 60 litros de tiberna.



Figura 11: Bala, ficou com a bandeira da festa de 2013, tornando-se juiz da bandeira dos homens para a festa de São Pedro de 2014.

Dentre os pescadores mais velhos tive a oportunidade de conversar com o seu Ademar. Ele é conhecido pelos outros pescadores como “Afoga Santo”. Isso porque certa vez naufragou com a canoa que acompanhava o cortejo fluvial que acontece durante a celebração do Círio de Nossa Senhora do Rosário. “O povo pensava que era eu quem vinha trazendo o santo”.

Como ele naufragou todos disseram que ele tinha afogado o santo, mas na verdade o santo vinha no barco de trás e não na sua canoa, porém, como ele mesmo faz questão de afirmar: “a história é boa, o apelido pegou”.

Seu Ademar contou um pouco sobre suas atividades como pescador. Relatou que já tentou comprar um barco a motor, mas que não conseguiu pagar o financiamento, fazendo com que ele continuasse pescando em seu barco a vela. Seu barco se chama “Cristiano”, homenagem a um dos filhos que perdeu ainda criança.

Perguntei-lhe como se praticava a pesca antigamente, e contou que “pescava só de rede mesmo”, e que “não era de passar muito tempo pescando, saía e pegava no guarda mão²², e sentia que a rede estava com peixe, caso estivesse recolhia a rede e retornava para terra”.

Sobre a festa de São Pedro, Afoga Santo contou que a festeja desde criança, quando vivia no Cururu, que é uma vila próxima de Joanes, localizada na Água Boa. Teve sete filhos e “perdeu” um quanto tinha um ano e vinte e oito dias, afirma que nunca influenciou os casamentos das filhas, mas que sempre teve sorte e fez de tudo para agradar os genros. É proveniente de uma família grande, de nove irmãos.

Outra juíza de bandeira que consegui entrevistar foi a Sra. Galdelina Barros, de 75 anos. Minha primeira questão foi sobre como ela tinha conseguido a bandeira e se tornado uma das juízas. Segundo ela, bastou que pedisse para o chefe da festa, Bucho, a bandeira e ele a deu, deixando que confeccionasse uma nova bandeira para ser afixada junto ao mastro das mulheres.

Tia Lira, como é conhecida, disse que pode fazer os pedidos para São Pedro pela saúde, pela vida doméstica, para qualquer tipo de benção que se queira conseguir do santo, sendo que esse espera em troca uma bela bandeira que será feita em sua homenagem. Ela é muito devota de São Pedro e mandou fazer a sua bandeira em abril. Além da bandeira afirmou que outras homenagens seriam a própria regata do santo, a missa e a manutenção dessa tradição. Quando perguntei sobre o consumo da tiborna, ela respondeu que sempre bebeu.

Juraci Penante, conhecido por Paru, é natural de Joanes, tem 75 anos de idade e é marido de Tia Lira. Segundo ele, passou 64 anos pescando em “montaria a remo”, chamada “Nova Esperança”, cujo dono é seu Edgar, enquanto que ele era só o acompanhante ou o “parceiro”. Antigamente quando pescava com o pai a pescaria era feita de espinhel, com 120, às vezes até 140 anzóis. Depois com o companheiro já



Figura 12: Caixa de madeira acondicionando o espinhel, apetrecho pode ser composto por mais de 150 anzóis.

²² Parte da rede que é uma corda que fica presa ao barco e a própria rede enquanto a mesma está fundeada esperando os peixes.

pescava com rede. Passou por dois acidentes, mas conseguiu recuperar a embarcação. Recorda que “antes a pescaria era muito farta, agora não”, ele consegue marcar essa diferença pelo início das operações de uma indústria pesqueira que se instalou na região a cerca de 10 ou 15 anos atrás. Já pegou sete filhotes de uma só vez sendo que um deles chegou a pesar 125 kg, isso com a rede, pois no espinhel, no máximo se pega peixes de até 30 kg.

O espinhel é uma armadilha que consiste em uma corda não muito grossa, porém bastante longa, sendo que a partir dela são presos diversos anzóis, podendo chegar a 120 ou até 140 anzóis em um único espinhel. Para usar a armadilha é preciso iscar outros pedaços de peixes, atraindo assim a espécie desejada. O nome do artefato remete à espinha do peixe²³.

Oswaldegina Monteiro Barbosa, conhecida como Gina, no ano de 2014 foi a madrinha do mastro das mulheres juntamente com sua filha, enquanto uma amiga ficou com a bandeira. Pagou dez reais para um rapaz tirar a madeira no mato e entregar o mastro para ela já pronto para ser pintado. Ela mesma comprou a tinta e seu genro pintou o mastro para deixá-lo mais bonito. Também comprou bebidas e encomendou tiborna, lembra que pagou cinquenta reais em um camburão de 60 litros da bebida, adquiriu pistolas, pelo menos quatro caixas, relembra que na época custou R\$ 17,90, cada caixa. E por fim, contabilizou mais quatro garrações de vinho, dois de 5 litros e mais quatro de 1 litro.

Gina, já havia sido presidente do mastro da localidade de Paixão, uma comunidade quilombola de Salvaterra, e como gosta muito de celebrar as festas de santo, já havia participado anteriormente em Joanes também, mais de uma vez: “eu sempre gosto de participar porque aqui, essa é a nossa tradição!”.

Ela se recorda da celebração da festa desde “quando já se veio entender como gente”, e diz que já existia uma tradição do mastro:

“desde a minha infância, acompanhando, depois que eu comecei a trabalhar, já começava a participar de qualquer forma ajudando e tudo, e até hoje se for necessário eu ajudo, porque eu digo assim que num tem que deixar morrer essas tradições. Eu acho pro nosso lugar muito importante, é uma brincadeira sadia, apesar de envolver muito a igreja católica e o nosso bispo não queria que tivesse bebida, mas a tradição do povo é a bebida, assim fica difícil para tirar essa parte das bebidas, porque por lei da igreja católica, se dependesse do bispo não existiria bebida no mastro e nem música, era só pra ir rezando o terço, mas só que é tradição!”

²³ Segundo Mussolini (1980, p. 231 e 232) espinhel é “uma forma de pescaria que se encontra desde o Amazonas até o extremo sul do Brasil e que, de origem portuguesa, se conservou perfeitamente idêntico ao modelo original, inclusive na designação de suas partes, nada mais é que um aparelho feito de cordas fortes, em forma de H, sendo que da haste horizontal do centro pende uma porção de anzóis, que variam em tamanho e número segundo a natureza do peixe a que se destinam. O espinhel é mantido fundeado por meio de boias na parte superior das duas hastas verticais e de *poitas* na inferior. Vai-se lançando o aparelho n’água, anzol por anzol, de dentro de uma canoa. Deixa-se, então, o aparelho poitado e de vez em quando vai-se “visita-lo” e fazer a “despesca”, isto é, a coleta do peixe. Dois homens bastam para o manejo: enquanto um rema, o outro deita ou recolhe o aparelho.”

Antigamente a diferença é que os mastros não eram pintados, eles eram envoltos com uma planta, tipo um cipó e era só um mastro, o mastro dos homens, dos adultos, diferente de agora que são três mastros, o dos homens, das mulheres e das crianças. Ela também relembra que se colocavam muitas frutas nos mastros e que isso não acontece mais, “já mudou um pouco a tradição”.

Pede para São Pedro que a festa seja tranquila, sem nenhum tipo de confusão, principalmente pelo fato de ter consumo de bebidas alcoólicas durante o evento. Gina também gosta de pescar, principalmente camarão no igarapé, com tarrafa e anzol, mas se queixa de no momento estar sem canoa.

Quando pergunto sobre o Seu Valentim ela diz:

O negócio dele era boi bumba, todo ano ele colocava o boi, e era muito bonito viu, na época dele era muito bonito, eu me entendi com meus pais, eles traziam a gente, a gente morava numa comunidade longe daqui, um sítio, a gente morava muito distante daqui, mas quando era nessa tempo de mês de junho ele trazia a gente pra vir assistir as brincadeiras, já não se faz mas como era de primeiro, a quadra junina, as roupas, a tradição, já é tipo assim um grupo de dança, cada qual quer dançar melhor que o outro, num é aquilo bem caipira mais como era de primeiro, mudou tudo.

E continua contando sobre as sobrinhas dele que hoje em dia tentam continuar com essas tradições e brincadeiras de boi:

Elas sempre colocam a brincadeira, num é como velho, mas é pra não morrer de vez a tradição, mas o velho quando ele colocava essas brincadeiras você apreciava mesmo viu. O Chirrano é ele que faz as músicas para o boi do pai dele. Quase a maioria já morreu, Seu Valentim, finado Farinha, ele bebia que só, mas pra brincar um boi era uma maravilha, ele animava mesmo, ele era o palhaço do boi, era uma coisa muito animada, muito bonito mesmo. Só que agora ainda fazem, mas num é aquela coisa...mas ainda fazem pra num acabar a tradição.

Dalvina Barbosa, tem 37 anos e é natural de Joanes e foi madrinha da bandeira das mulheres na Festa de São Pedro de 2014. Mandou fazer a bandeira com um rapaz de Salvaterra, o pano foi ela quem deu, sendo que o rapaz apenas o pintou. O pano da bandeira assemelha-se a um cetim. Ela revela que pagou 30 reais ao pintor e que o suporte onde o pano fica preso, chamado de estandarte ou armação, quem fez para ela foi Bucho.

Assim como os outros juizes de mastro e de bandeira ela forneceu dois camburões de 60 litros de tiborna, a um custo de 70 reais, deu quatro caixas de pistolas, e mais sete litros de vinho. Dalva afirmou que: “Essa festa é muito tempo já, todo ano tem, aqui de Joanes eu num falto, tanto que eu já tô com outro mastro, o de São Tomé, que acontece em dezembro, o pau do mastro e a bandeira, dividiu eu e minha outra irmã, de 2015 eu que sou responsável”.

Além de gostar muito da festa de São Pedro, Dalva tem outra motivação para participar, pois seu aniversário – dia 28 de junho - é sempre comemorado durante o festejo, uma vez que no dia 29 é o dia do santo, “aproveitando para fazer uma festa só”.

“Essa cultura é importante pra cá. Ficou diferente porque teve um tempo que ficou mais parado, agora a gente resgatou de novo, agora que a gente tá começando também a sair pela rua, a gente queria ter condições de fazer uma coisa melhor, mas a gente não tem condições”.

Seu Alexandre Brito é conhecido por todos como Seu Dedé. Em 2014 o mastro das crianças saiu da sua casa. Não queria ter ficado responsável pelo mastro, mas sua neta pediu muito e, por isso, ele cedeu ao desejo da menina.

A menina (neta) foi juíza do mastro, eu terminei com ela foi só esse ano mesmo, ela queria, queria o mastro, foi o mastro das crianças. Eu disse olha isso é despesa e isso eu num posso tá frequentando, ela disse não vovô eu queria o mastro, então bora lá, e pegamos, peguei o mastro pra ela, aprontei tudo. O nome dela é Maíza, tem nove anos, aí eu disse ó minha filha terminou, só esse ano pra fazer sua vontade.

Nascido e criado em Joanes, o senhor tem 75 anos e afirma que desde criança já existia a festa de São Pedro, e que além dela se comemorava também a festa do Divino, de Santa Maria e de Rosário, que segundo alguns narradores deixaram de existir por falta de interesse nas festividades ou pela falta de pessoas, que se responsabilizassem por sua organização. Cabe ressaltar que, desde que iniciei a minha pesquisa, alguns grupos começaram a se mobilizar para retomar a realização de festas que não eram mais celebradas.

Revela que “nunca tinha colocado mastro”, e que só fez isso para “fazer a vontade da neta”. Explicou por que não queria participar com o mastro: “Eu num gosto de tá me metendo nessas coisas, porque sempre dá despesa. Se chega na hora num dá pra gente fazer, fica meio feio pra gente, é uma responsabilidade”.

Seu Dedé contou que para conseguir fazer o mastro precisou pagar R\$15,00 para um rapaz. O homem tirou e descascou uma madeira de ucuuba, já que esse tipo de madeira é mais leve, o que facilitaria para que as crianças pudessem carrega-lo pelo cortejo. Além disso, precisou comprar tinta e pincel para pintar o mastro, mas esse trabalho ele mesmo fez.

Outros gastos de sua participação foram mais duas caixas de pistolas, trinta litros de tiborna, e R\$70,00 em dinheiro. Podemos observar como ele explica sua estratégia para conseguir realizar o desejo da neta em participar no mastro das crianças:

Aí a gente fica numa responsabilidade, de repente a gente fracassa, num sai como deve ser, tem que ser uma pessoa que tenha sempre um ganhozinho mais avançado. Eu vim me planejando há muito tempo, fui encomendando tudo com tempo, quando ia receber (aposentadoria) comprava a pistola e deixava guardado, depois no outro mês ia e comprava a tinta, quando chegou na ocasião a gente já tava com tudo meio arrumado,

porque se deixar tudo em cima da hora, muitas das vezes num dá certo. Porque o pobre num pode guardar dinheiro.

Desde pequeno trabalhava com o pai no “cabo da enxada”, com “o serviço grosseiro”. Já fez de tudo, produziu farinha, pegou açai, já deu “murro na vida desde pequeno”. Frequentou muito pouco a escola, mas afirma que era ele que não queria aprender, não ia às aulas, pois só queria saber de estar do lado do pai, trabalhando. Sente saudade do trabalho, e se ainda tivesse “firmeza nas pernas” estaria pescando. Ele pescava com Zebu e diz que sua relação com ele é “como se fosse de irmão”. Vive há seis anos sozinho, depois que sua última mulher faleceu não quis mais se relacionar com ninguém.

Quando questionado sobre como eram as festas de antigamente, e em especial a de São Pedro, ele contou que:

A Festa de São Pedro de antes era muito diferente, primeiro que era na frente da igreja, tinha alvorada de manhã cedo. Era tudo música de assopro, tinha um conjunto de uns músicos aí, eles faziam alvorada as 6h, eles faziam aquele leilão bazar, faziam aquele quebra pote, era muito animado, tudo as festas tinha essa tradição. A festa da Nazaré, sobretudo, que nesse tempo era Nazaré. Antigamente a festa acontecia atrás das ruínas, onde tinha uma sede, uma cooperativa grande, do lado do primeiro farol. Ainda hoje pode se ver as colunas no chão com os restos da construção. Com muitas barracas vendendo bebidas e comidas, mas era muito movimento. Tudo acontecia ao redor da igreja e da praça. Nessa época só tinha um mastro, ainda não era que nem hoje que tem três. São Pedro, Divino, Santa Maria, um mastro e uma bandeira. Agora tá tudo mudado, muito diferente. De primeiro eles formavam ladainha, na igreja, hoje num tem mais isso.

Seu Dedé diz que a “Banda Papa Chana, é a papa cana mesmo!” e que ele também gostava dessa brincadeira, mas agora não pode mais ficar andando por aí, ele gostava muito desse “negócio de batucada”. Ele foi compadre do Seu Valentim, e afirma que a festa dele era a brincadeira de boi, que “ele não se metia muito nessas coisas de santo não, o negócio dele era brincar boi”.

Para ele, faltam pessoas para assumir a responsabilidade de fazer essas brincadeiras,

Porque para sair numa coisa dessa, é responsabilidade de ir desde o começo até o fim, logo quando ele começou a colocar brincadeira aqui, brinquei com ele um bocado de tempo, tinha boi que a gente amanhecia brincando. Amanhecia na rua brincando. Os filhos já não se incluem muito, essa rapaziada nova num são de assumir responsabilidade, bebe, abandona a brincadeira, fica estranha as coisas.

Podemos observar nas falas apresentadas acima, de juízes e juízas de mastro e de bandeira, remetem a uma brincadeira que é uma grande responsabilidade. Relembrem como eram as festas de antigamente e apontam como a tradição está mudada. Outro ponto importante são as indicações de gastos para se assumir esse papel, trazendo para alguns um tipo de medo em não conseguir suprir as necessidades que sua participação exige e “ficar feio” perante o dono da festa, o santo e a comunidade.

Junto das histórias de festas acaba sendo inevitável a fala sobre a pesca, essa é outra característica que se mostrou muito marcante durante a pesquisa, por isso mesmo, foi muito difícil separar a festa da pesca, o que me levou a trabalhar com duas temáticas diferentes, mesmo sabendo do risco que corria academicamente, de não conseguir organizar as informações no mesmo trabalho apresentado aqui.

5.1 – Os Mastros como Marcadores de Tempo

Na festa de São Pedro existem os mastros e bandeiras que são oferecidas por um “juiz” ou “dono”. Candido (2010) apresenta uma nomenclatura diferente para os mesmos atores com as mesmas responsabilidades, ele se refere ao dono da festa, do mastro e da bandeira como “festeiro, capitão do mastro e alferes da bandeira” (p. 87), respectivamente.

A maneira de se tornar dono de um mastro ou bandeira é bem simples: o interessado deve se dirigir antecipadamente a Bucho (dono da festa) e à sua esposa, Cirene, pedindo para ser juiz de mastro ou da bandeira na festa do ano seguinte. Sendo aceito esse pedido, no final da festa corrente quando os mastros forem derrubados, a última machadada será daquele homem ou daquela mulher ou criança que fez o pedido para assumir essa responsabilidade com a festa, e a homenagem a São Pedro para o próximo ano.

Outro fato importante relatado por Bucho sobre a pessoa que será o juiz ou juíza de mastro e bandeira da festa, é que ele ou ela precisam ser pessoas conhecidas por sua responsabilidade com o evento, “tem que ser uma pessoa que seja de confiança e que se sabe que terá condições”, inclusive financeiras, de adquirir o mastro ou a bandeira e também as bebidas e as “pistolas”²⁴, que são oferecidas durante o cortejo, que antecede o levantamento dos mastros.

Juntamente com um novo mastro e uma nova bandeira que a pessoa terá que oferecer, é costume que se ofereça um ou mais galões de tiberna, garrafas de refrigerante e outras bebidas alcoólicas, que acompanharão todo o cortejo de levantamento dos mastros e, continuará posteriormente, sendo oferecido na casa dessa pessoa durante todos os dias da festividade.

Os mastros se apresentam como marcadores de tempo na Festa de São Pedro, pois as duas ações rituais principais da festa são seu levantamento, que marca o início da festa, e sua derrubada, que simboliza o fim dos festejos.

²⁴ Caixas de fogos de artifício, mais especificamente rojões de doze tiros.

Em minhas observações percebi que a derrubada do mastro atua em dois sentidos, possui duas funções. A primeira função é a de marcação do final da festa, porém no mesmo momento em que cai, na última machadada, fica marcado também o início da festa do próximo ano. Assim que o “pau do santo” é derrubado ele recebe um novo dono, que assume a responsabilidade de dar toda ajuda necessária para a realização da próxima festa, incluindo a doação de tiborna, pistolas e outros mastros ou bandeiras.

Nos dois anos que acompanhei a Festa de São Pedro, Bucho foi o responsável pela realização da festa e de todas as atividades que acontecem durante essa celebração, como a regata e os bailes.

Ele também é pescador e trabalha na embarcação chamada “São Jorge”. Filho de Zebu, neto de sr. Valentim, dividem a mesma embarcação para trabalhar, um barco da família que é compartilhado pelas gerações. Esse mesmo barco foi vencedor das duas regatas que acompanhei, em 2013 e 2014 e, segundo Bucho, isso se dá ao tipo de “fôrma” que foi usada na sua construção, deixando o barco muito rápido na água, “bom de pano”.

Durante o período da Festa de São Pedro foi a primeira vez que observei alguns pescadores trabalhando em seus barcos. Fazendo pequenos reparos na calefação ou caprichando em uma pintura nova. Esse cuidado com os barcos, tem uma motivação que vai além da manutenção para obter melhor desempenho e mais segurança. Os pescadores também estão preparando seus barcos para participarem da regata, que ocorre no final de semana da derrubada dos mastros.

Quando tive a oportunidade de conversar com alguns deles, ainda na praia enquanto pintavam seus barcos, as respostas sobre o que os motivava a realizar aquela manutenção vinham sempre em duas direções. Primeiro pela necessidade de se manter o barco em boas condições para continuar o trabalho e voltar em segurança da pescaria, e segundo, para “ficar bonito para participar da regata”.

A festa alcança uma ligação prática com o cotidiano, como pode ser observado a partir de desdobramentos como esse apresentado acima, sendo capaz de demonstrar como a “festa dos pescadores”, pode criar elos de ligação bem diretos com o trabalho do pescador. Uma boa manutenção no barco para que ele apareça mais bonito durante a regata em primeiro plano, e conseqüentemente, para que depois desse momento de comemoração se possa trabalhar por mais um ano em um barco confiável e seguro.

Sobre o Barracão de São Pedro, sede dos pescadores, Bucho relata que foi organizada pela “Associação do Simão” (ASTAPA – Associação dos Trabalhadores na Aquicultura e

Pesca), e que ele teria dito que aquele “espaço era dos pescadores de Joanes, que aquele espaço ele deixaria para os pescadores dali organizar. Eu já tô fazendo porque ele disse que era nosso, se ele disse que é nosso então a gente vai organizar, vamos convidar mais uns aí, a gente vai fazer, porque isso vai servir pra gente mesmo”.

Os pescadores de Joanes, não quiseram que outra pessoa assumisse a organização do Barracão ou da festa, por isso ele diz que se deu mais um prazo, que será quando ele terminar de levantar o restante dos muros, ao redor do terreno do barracão: “Depois que eu levantar lá eu vou tornar a chamar eles (pescadores) pra ver se eles querem ainda que eu fique no cargo, aí vai depender tudo deles, porque se eles não quiserem eu também entrego, mas tem que ser pra uma pessoa que também queira se responsabilizar por lá”.

Esse ano eu quero fazer melhor, eu quero trazer um sonzinho melhor. Porque os pescadores daqui eles são assim, eles querem uma festividade de São Pedro, eles querem gastar, mas tem que ser uma coisa boa. Já tá até aqui na memória o som mais ou menos que eu quero trazer por aí, só que é um pouquinho mais caro, é por isso que eu quero organizar esse negócio de um bingo, que é pra ver se eu já fico com aquele dinheirinho guardado que quando o som vim eu já dou logo uma parte e fico devendo só a última parte pra ele. Quer dizer que no final da festa a última parcela eu pago e pronto. Esse ano eu quero organizar um torneozinho aí na quadra, a gente faz um negócio de um torneozinho pra gente adquirir dinheiro, aquele dinheirinho que vai entrando ali já vai juntando pra alguma coisa.



Figura 13: Barcos acomodados na Praia Grande de Joanes.

5.2 – O Levantamento dos Mastros

No domingo dia 23 de junho de 2013, enquanto caminhava, encontrei alguns pescadores sentados em um barco emborcado (virado com o casco para cima), talvez o barco estivesse ali para receber futuros reparos. Sobre ele havia um balde cheio de “tiborna”. Eram 7h30 da manhã e alguns pescadores já estavam reunidos desde as 7h, tomando “tiborna” e conversando ao lado do “pau dos homens”, uma maneira jocosa muito comum para se referir ao mastro dos homens. O mesmo tipo de conotação é observado aos outros dois mastros: o “pau das mulheres” e o “pau das crianças”.

Essa foi a primeira concentração que observei antes do início do cortejo e, também, onde encontrei pela primeira vez com os componentes da “Banda Papa Chana”, que começaram a chegar rapidamente cerca de 10 senhores, vestidos de bermudas, chinelos e camisas, devidamente instrumentalizados, começaram um leve aquecimento com piadas, tiborna e batuque.

A “Banda Papa Chana”, que acompanhou o cortejo do início ao fim, animando a todos até o levantamento dos mastros, é composta por homens mais velhos, pescadores e brincantes que, por serem os mais antigos da vila, são conhecidos e respeitados por todos. A banda existe há 45 anos e tem por chefe um senhor apelidado de Bichão, ele é irmão de Chirrano e de Zebu, e todos os três são filhos de seu Valentim. Tanto eles como a banda serão apresentados mais adiante neste trabalho

Aos poucos o clima de festa e alegria começou a tomar conta do ambiente. Por volta das 8h30 da manhã o “mastro dos homens” começou o cortejo pelas ruas da Vila de Joanes, visitando as casas dos pescadores e os comércios locais. Notei que por onde passava, mais pessoas se juntavam a um cortejo em homenagem a São Pedro e também aos próprios pescadores.

O mastro dos homens seguiu seu caminho, sendo carregado nos ombros de alguns pescadores, visitando e entrando nas casas e comércios locais.

Cada visita, era uma parada rápida, não chegando a 10 minutos as mais demoradas. Nessas paradas o mastro recebia algum enfeite: uma flor, uma boia ou um pedaço de rede de pesca velha. É como se a benção chegasse com a visita do mastro de São Pedro, e por isso a necessidade em se retribuir imediatamente com gratidão, enfeitando o mastro e doando bebida para que o cortejo siga até o momento do levantamento dos mastros.

Sobre os tipos de enfeites, observei que no caso do mastro dos homens as referências se relacionam ao mundo do trabalho do pescador. Redes de pesca e boias são amarradas ao mastro, que tem de sete a oito metros de comprimento e é extraído da árvore de andiroba.



Figura 14: Concentração de pescadores e da Banda Papa Chana, para o início do cortejo dos mastros de São Pedro, iniciando pelo Mastro dos homens.

O mastro das mulheres recebe enfeites e arranjos florais e no mastro das crianças aparecem referências ao trabalho da pesca, como uma boia ou um pedaço de rede, e também flores, brinquedos e garrafas de refrigerante vazias, trazendo à lembrança as coisas da infância.

Quando o mastro entra em uma casa ou comércio também pode receber dinheiro e, em alguns casos, bebidas. Mesmo quem não tem nada a oferecer recebe a sua visita, pois não se pode esquecer de visitar ninguém, sob a pena de causar algum tipo de desentendimento com a pessoa, casa ou comércio que, na maioria das vezes, está preparado e esperando a visita do mastro do santo.

O trajeto do mastro segue em cortejo até encontrar com o outro mastro, pois como afirmam, “um pau vai buscar o outro”. Por exemplo, o mastro que iniciou o cortejo, nos dois

anos que eu acompanhei a festa, foi o mastro dos homens, e esse foi “buscar” o mastro das crianças, e por fim os dois foram buscar o mastro das mulheres.



Figura 15: Mulheres enfeitando o Mastro dos homens com flores durante o cortejo. Ao fundo pode-se ver Bala com um balde cheio de tiborna e uma cuia na mão.

Quando um mastro encontrou o outro houve um momento de descanso, nessa hora os mastros ficaram apoiados em algum lugar ou deitados no chão, enquanto as pessoas que acompanhavam o cortejo aproveitaram para beber tiborna e vinho, cachaça e cerveja, além de água e refrigerante para as crianças, tudo com fartura, servindo a todos os presentes.

O mastro das crianças, quando entra em alguma casa recebe garrafas de refrigerante, que são separadas somente para o consumo infantil, porém é possível que bebam a tiborna sempre que a mesma lhes for oferecida. A bebida tem uma graduação alcoólica, aparentemente, muito baixa, não podendo afirmar exatamente o quanto, mas comparativamente, poderia dizer que o teor alcoólico da tiborna é bem menor que de uma cerveja. A tiborna pode ser tomada em cuias, potes, copos, canecas ou em pedaços de garrafas pet cortadas ao meio.

O cortejo seguiu pela vila e os dois mastros, o dos homens e o das crianças, encontraram o mastro das mulheres na praça da vila, a mesma desde tempos coloniais, próxima da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, e das ruínas da “Igreja Velha”, ali os três mastros se juntaram e

seguiram pelas ruas de Joanes, visitando casas, comércios e bares, até que finalmente passaram pela Praia do Porto ou praia dos pescadores, e pela Praia Grande de Joanes, de onde seguiram até o Barracão de São Pedro.



Figura 16: Crianças participando do cortejo com o Mastro das crianças. Ao fundo a Banda Papa Chana seguia animando a caminhada.

No trajeto, além dos mastros, o cortejo encontra também com as três bandeiras de São Pedro. As bandeiras acompanham seus respectivos mastros, ou seja, a bandeira das mulheres com o mastro das mulheres, a bandeira das crianças com o mastro das crianças e a bandeira dos homens com o mastro dos homens.

Apesar de cada bandeira pertencer a um mastro, quem oferece a bandeira não é o dono do mastro, são pessoas distintas que assumem como obrigação a confecção de cada bandeira.

Os mastros foram fincados, ou “plantados”, na frente do “Barracão de São Pedro”, um ao lado do outro e a partir daí a festa estava oficialmente iniciada. Cada mastro recebeu uma decoração diferente durante o cortejo. Enquanto visitavam cada casa ou comércio os mastros

eram enfeitados. O dos homens recebeu adereços relacionados ao universo da pesca. Os mais comuns eram pedaços de rede de pesca e boias diversas, que eram enroscadas e amarradas a ele.

O mastro das mulheres foi enfeitado predominantemente por flores e plantas. Foi carregado durante todo o cortejo por mulheres, e em alguns momentos recebeu o reforço e a participação animada de alguns gays, que inclusive participaram do desfile de “Miss Caipira Gay” de Joanes, durante uma festa junina que foi realizada pela Associação Educativa, Rural e Artesanal da Vila de Joanes (AERAJ) em 2013, e que se repetiu em 2014, sendo que nesse último ano, tive o prazer de ser convidado para participar como jurado dessa competição.



Figura 17: Da esquerda para a direita: Mastro das crianças, das mulheres e dos homens, fincados, marcando o início da Festa de São Pedro de 2013.

O mastro das crianças é carregado somente por elas, algumas mulheres e homens, vez por outra, ajudam as crianças na realização das coreografias que são realizadas com os mastros durante o cortejo. As crianças seguem levando o mastro misturadas entre meninas e meninos, que variam a idade entre 8 e 12 anos. O mastro das crianças é enfeitado com garrafas de refrigerante vazias, alguns pequenos pedaços de rede de pesca e algumas flores. Ou seja, o mastro das crianças recebe enfeites e representações do mundo dos homens, nos pequenos

pedaços de redes de pesca; do mundo das mulheres, nas flores que também adornam o mastro; e no próprio mundo infantil representado na doçura de um refrigerante gelado.

Do momento inicial desse relato, que compreende desde a hora em que encontrei com o primeiro grupo de pescadores e o mastro dos homens, até o momento em que os três mastros foram “plantados” em frente ao Barracão de São Pedro, passaram-se pouco mais que cinco horas. Um cortejo de longas caminhadas, acompanhado por músicas e bebidas à vontade.

Logo que os mastros chegaram ao Barracão uma pequena aparelhagem sonora e muitas cervejas esperavam pelos pescadores e seus familiares. Assim que os três mastros foram levantados, Bucho e sua esposa começaram uma oração em agradecimento pela oportunidade de todos participarem daquele momento por mais um ano. Rezaram um Pai Nosso e uma Ave Maria, e finalizaram com fogos e gritos de “Viva São Pedro! Viva!!! Viva!!! Viva!!!”

A aparelhagem que tocava brega, saldou o levantamento dos mastros e a Festa de São Pedro, promovida pelos pescadores da Vila de Joanes. Todos dançaram até a noite e foi possível observar a maneira como eles celebravam juntos, dançando uns com os outros, bebendo e a todo momento brincando entre si, com piadas e muita alegria.

Grande parte dos presentes tem alguma relação de parentesco, seja por consanguinidade ou por afinidade, cunhados e compadres de fogueira, afilhados e padrinhos, todos se reconhecem. Um dos brincantes afirmou que tinha mais de 20 compadres de fogueira.

Durante um dia inteiro, pouco mais de 15 horas acompanhando a Festa de São Pedro, pude conversar com várias pessoas que se aproximavam para conhecer e saber o que eu estava fazendo ali, qual era meu interesse, quem eram meus contatos na vila. E assim, por algumas vezes se iniciaram bons diálogos.

A oportunidade de acompanhar e participar da festa de levantamento dos mastros de São Pedro, me possibilitou a aproximação com muitos pescadores e seus familiares. Minha passagem pela festa, havia me tirado da condição de estranho naquele ambiente para uma pessoa que, no geral, se sabe que está ali pesquisando e escrevendo sobre a festa dos pescadores.

Me senti incluído naquele universo por ter podido acompanhar do início, desde as primeiras cuias de tiborna, até o final do evento. Alguns pescadores se mostraram muito satisfeitos com a minha participação na “brincadeira deles”, e de fato, isso fez grande diferença na aproximação e na relação que se estabeleceu com o grupo, podendo sentir que minha aceitação entre eles havia aumentado.

Sinto que essa participação na festa, bem como minhas saídas para acompanhá-los na pescaria, possibilitou uma comparação e uma aproximação com o que aconteceu com Clifford

Geertz durante suas pesquisas em Bali. Na ocasião, o pesquisador acompanhava uma rinha ilegal, uma “briga de galos” (2013, p. 187) e num dado momento, teve que fugir da polícia, se misturando com os outros fugitivos. Esse fato possibilitou que sua presença fosse mais aceita entre o grupo com o qual pretendia trabalhar.

A primeira coisa que percebi de mudança com relação às pessoas na vila, foi no dia seguinte ao levantamento dos mastros, quando passei a ser cumprimentado enquanto percorria as ruas pelos pescadores que eu encontrava no caminho. Diferente das ocasiões anteriores em que eu sempre tomava a iniciativa em cumprimentar e acenar para as pessoas, agora, eles faziam questão em me cumprimentar, fazer algum comentário ou brincadeira, as vezes perguntando: “e aí, cadê a tiborna?”.

5.2.1 – O cortejo do mastro dos homens 2014 e a relação com Água Boa

A procura para ser padrinho ou madrinha de bandeira vem aumentando ano após ano, assim como a maior quantidade de visitantes e participantes que vem de outras vilas próximas, como Água Boa, Jubim, Monsarás, Cururu Grande, etc.

Bucho fez questão de explicar sua motivação para que o mastro dos homens do ano de 2014 saísse de Água Boa. Relatou que Marreca não queria que saísse de lá com medo que o pessoal ficasse chateado. Mas, Bucho foi taxativo em dizer que se o mastro era dele, tinha que sair da casa dele, e fazer o percurso até em Joanes. Contou também que Marreca ajudou bastante, com muitas pistolas e bebidas, cooperando para a realização da festa.

Apesar do fato de ter dado o mastro da festa de Joanes para um pescador de Água Boa, ter gerado algumas reclamações por parte de alguns pescadores de Joanes, Bucho confirmou que a participação do morador de outra comunidade foi muito boa, e de uma certa maneira fez com que os pescadores de Joanes se interessassem mais em participar de forma mais ativa da festa.

Em sua perspectiva o pessoal de Joanes está se unindo mais que os de Água Boa, e por isso a festa também está crescendo. Lembra que antigamente era o contrário, por um tempo, a festa de Água Boa era bem maior e mais animada que a de Joanes e os pescadores de lá (Água Boa) eram mais unidos do que os daqui (Joanes).

A construção do barracão foi feita em parceria com a associação e os pescadores de Joanes, sendo que muitos ajudaram com trabalho e outros com material. Hoje já está quase tudo murado ao redor do barracão, faltando apenas cercar um dos lados do terreno. O trabalho

compartilhado, ganha força com o apoio financeiro, ou com a doação de tiborna e de outras bebidas, seja para a festa, ou para algum trabalho coletivo.

Reginaldo Rodrigues de Souza, conhecido como Marreca, mora a 27 anos em Água Boa e foi o juiz do mastro de São Pedro da festa de Joanes no ano de 2014. Tornou-se juiz de mastro através de uma brincadeira:

Isso foi uma brincadeira, o rapaz que era responsável do mastro (Bucho), disse que preferia dar o mastro nesse dia pra mim ser juiz, a vontade dele era eu ser responsável do mastro e nós leva o mastro daqui (Água Boa) pra Joanes. A vontade dele que saísse daqui. Quem falou foi o João Bucho, aí eu disse rapaz mas só que nesse ano eu tô meio com uma dificuldade, ele disse não, eu num quero nem saber você vai ter que pegar agora, apareceu mais outro lá e ele disse não, o mastro já tá dado o rapaz é o responsável, eu disse se tu confia em mim, a gente vamo levar, porque tem que derrubar o mastro pra ser o juiz, aí ele pegou derrubou o mastro e colocou na minha mão, ele disse: a partir de hoje você vai ser o juiz do mastro do São Pedro pra nós trazer de lá, porque eu nunca tinha pegado aqui (em Água Boa), já tinha tentado pegar aqui da minha comunidade, mas ainda num tinha oportunidade, aí eu já tinha pedido dele pra ser o juiz de lá, no primeiro ano que eu pedi já tinha outro na minha frente, quando foi nesse dia ele disse olha esse ano você vai ser o juiz do mastro porque num tem ninguém.

Marreca possui relação de parentesco com a esposa do Bucho, Cirene, por isso ele considera o Bucho como um primo também. Completa afirmando que ele e a esposa passaram o ano todo “batalhando” para que conseguissem levar o mastro de Água Boa para Joanes, já que ele tinha assumido a responsabilidade. Durante nossa conversa explicou como conseguiu o mastro novo:

Convidei meus amigos que tavam responsáveis pelo outro mastro daqui da comunidade, eles disseram que quando eu fosse tirar o meu, eles iam comigo pra nós tirar o deles também, a gente fomos, fomos cinco pessoas, fomos lá no mato, me ajudaram a cortar e trazer, chegamos aí no campo, já tiramos a casca, eu trouxe pra cá. A madeira era louro vermelho. Quando tem mastro aí, eles pedem pra mim pintar. Eu já pintava mastro e com o meu já pinte 4 mastros. Eles não sabiam como é, tem uns que pintam quadradinho, e eu pinto só enroladinho. Esse ano fui juiz do mastro, São Pedro concedeu a gente saúde, vida né, deu pra gente levar e brincar lá com eles. O mastro tem que ser tirado pelo menos com um mês de antecedência da festa pra dar tempo de pintar pra festa, pinta umas duas semanas antes. Além do mastro, dei 300 litros de tiborna.

Um pouco chateado Marreca revela que foi procurado pelos organizadores do Círio de São Pedro de Água Boa, para ser o juiz do mastro dos homens, mas que ele não aceitou.

Pelo que foi confirmado tanto por Marreca como pelo Bucho, o mastro de São Pedro, de Joanes, nunca tinha saído de outra vila como ocorreu em 2014, quando o mastro saiu da Vila de Água Boa. Porém, esse era um desejo que se tinha para que o percurso ficasse maior.

Marreca se orgulha em dizer que deu uma das maiores quantidades de tiborna em uma festa de santo como essa, cerca de 300 litros. Para conseguir quitar com todas essas

responsabilidades, disse que foi pagando em pequenas parcelas, e por isso não sabe exatamente quanto gastou, mas afirma que não foi pouco, “só de pistola, comprei 15 caixas”.

A tinta usada para pintar os mastros é a mesma que se usa para pintar os barcos, tinta a óleo. Sua preferência vem pela sua durabilidade na madeira, que é bastante grande.

Pelo que recorda, a festa de Joanes sempre aconteceu, pelo menos nos 17 anos que ele vive em Água Boa, ela foi realizada todos os anos. Participa porque a festa de Joanes não coincide com a de Água Boa, já que uma acontece no sábado e a outra no domingo.



Figura 18: Marreca com as bandeiras da festa de 2013. Ele foi o juiz do mastro dos homens da Festa de São Pedro de 2014.

Outra lembrança das festas de antigamente é a Banda Papa Chana, a esposa de Marreca afirmou já ter brincado nos bois do “Tio Valentim”. O uso do “tio”, nesse caso, não é por uma relação de parentesco, mas sim um costume e uma forma de respeito em se chamar os mais velhos.

Reconhece que a festa de São Pedro é muito representativa para os pescadores, pois nesse dia podem se reunir e se divertir com suas famílias, além de ser também uma homenagem que é feita ao santo pelos pescadores.

Em todas as comunidades existe alguma celebração para São Pedro, desde a Foz do Rio (Camará) até a sede de Salvaterra. Essa homenagem ao santo se deve também porque segundo a lenda o próprio Pedro, era pescador. No Círio de São Pedro que é celebrado em Água Boa, na sexta-feira o santo é levado em uma romaria fluvial para outra capela localizada em Cururu Grande. Na manhã do sábado, o santo é trazido pelo Círio, por terra, até a igreja de Água Boa. Lá, assim como em Joanes, também há regata com premiação aos vencedores, além de bingo e festa de aparelhagem. A festa é um marcador da identidade dos pescadores, já que “a Festa de São Pedro é a Festa dos Pescadores”.

Assim como, a realização da festa e a distribuição de mastros e bandeiras pode ser algo que serve para congregar as comunidades, também pode tomar um papel desagregador. No exemplo citado por Marreca, existe uma mágoa com os organizadores da festa de Água Boa, pelo fato de terem negado a ele a responsabilidade de ser juiz do mastro do santo, deixando-o frustrado, fazendo com que na oportunidade que lhe foi oferecido ele não aceitasse. “É uma responsabilidade muito séria, não pode deixar na mão, tem que fazer uma coisa bonita”.

A mudança que ele destaca em relação à festa de antigamente para a de agora, é o acréscimo de mais dois mastros no cortejo, o mastro das mulheres e o mastro das crianças, fato que aconteceu a mais ou menos dez anos, começando em Água Boa e depois sendo adotado em Joanes. Marreca, sempre pede para São Pedro que tenha saúde e o proteja enquanto está no mar.

5.2.1.1 – ASTAPA e a Vila de Água Boa

O atual presidente da ASTAPA é Simão Ribeiro, nasceu na vila de Água Boa, tem 66 anos de idade. Atualmente a associação conta com 530 associados, e também atende os pescadores que estão ligados à Colônia Z-2, de Salvaterra, não fazendo nenhum tipo de discriminação na prestação de serviços como: pagamento do seguro defeso, pedidos de aposentadoria, auxílio saúde e maternidade.

A ASTAPA tem 9 anos de existência, começou suas atividades em 2004, se oficializando em 2006. A associação foi criada pela necessidade dos pescadores que encontravam dificuldade para ir a Salvaterra receber o seguro defeso, como conta Simão:

Eles (os pescadores) vieram aqui comigo, nesse tempo eu num queria ser presidente porque eu trabalhava na pesca, comprava também um peixinho dos pescadores. Eu tinha um primo que morava aqui e falei pra ele que não queria ser o presidente, eu peguei e falei pra ele se ele queria ser o presidente, aí ele foi e aceitou. No dia que foi a eleição o negócio foi diferente, até hoje eu não me esqueço disso, foi ali numa igreja duns crentes, quando foi na hora eles (os pescadores) disseram que não, todos eles falaram que quem tinha que ser o presidente era eu. Meu primo ficou muito constrangido e eu também fiquei muito constrangido. Perguntei por que aquilo e eles

disseram que não! Que tinha que ser eu! Porque se fosse ele (o primo) eles achavam que ele num ia levar em frente o negócio, e eles sabiam que eu ia levar em frente e eu levei mesmo.

Antes da criação dessa associação que fica sediada na vila de Água Boa, existia uma outra na vila do Jubim que era muito mais velha, mas não progrediu por falta de dinheiro, pois a maioria dos processos e serviços precisam ser realizados no município de Belém. Como na época Simão trabalhava com compra e venda de pescado, e como ele mesmo disse “tinha uma condiçãozinha financeira”, acredita que por isso os pescadores quiseram ele à frente da associação.



Figura 19: Simão, Presidente da ASTAPA.

Na criação da associação apenas um rapaz chamado Carlinhos era da vila de Joanes, porém nos dias atuais, a maioria dos associados são pescadores de Joanes e a diretoria é composta somente por pescadores.

Simão fala sobre o barracão que tem em Joanes, que os pescadores podem usar para fazer festa e reuniões também. Relata que antes eles tinham um barracão de madeira, bem pequeno e quando foi fundada a ASTAPA, ele perguntou se os pescadores tinham uma área para fazer outro barracão, e assim ele fez. Quando terminado avisou que aquele lugar pertence

a associação, mas deu toda liberdade para que eles usassem para qualquer coisa que fosse relacionado com a pesca.

Ainda segundo Simão, já tiveram outras eleições, mas ele é sempre reeleito. O trabalho na associação é muito desgastante e a Administração Municipal não dá nenhum tipo de apoio para a entidade. No período que realizei a entrevista ele estava fazendo o recadastramento de todos pescadores.

Afirma com orgulho que os pescadores não pagam nenhum centavo para se associar, eles pagam uma mensalidade que em 2014 estava em R\$3,00 e em breve passaria para R\$5,00.

Entrevistando o presidente da ASTAPA, na Vila de Água Boa, aproveitei o fato de estar em outra localidade para buscar mais informações sobre a história do lugar e das festas que seriam feitas ali, incluindo o Círio de São Pedro. Dessa maneira, encontrei Dona Terezinha, de 77 anos de idade.

Cheguei até sua casa, que fica quase de frente do barracão de festas da vila de Água Boa e fui conversar com ela, que gentilmente me pediu para retornar no dia seguinte, para que pudesse se preparar para nossa conversa. Quando questionei sobre o esforço de uma preparação para um bate-papo, tentando convence-la de que seria algo rápido, ela insistiu, pois disse que tinha um livro e que iria “dar uma olhada nele” para lembrar tudo que pudesse sobre o Círio de São Pedro de Água Boa.

Chamou minha atenção em nosso primeiro encontro o desejo que ela demonstrou em se “preparar” para poder conversar comigo e contar a história da festa do padroeiro da vila de pescadores vizinha à vila de Joanes, que compartilha com ela muitos festejos.

Dona Terezinha, foi a primeira presidente da Diretoria de São Pedro em Água Boa, além disso, ela escreveu um livro, que fica guardado em seu poder, não podendo nem ser fotografado. Em seu conteúdo ela relata as histórias da Vila de Água Boa, contando sobre o início da vila e suas festividades e tradições.

Retornei no dia seguinte e encontrei Dona Terezinha, sentada em seu pátio com um livro nas mãos, me aguardando para começarmos a entrevista. De início, fez questão de salientar que não era mais católica e sim, Adventista, e destacou que não tinha problema nenhum em me contar como foi o início do Círio de São Pedro, que é celebrado em Água Boa, mesmo ela não seguindo mais a doutrina católica.

Começou sua fala contando que antes não tinha três mastros, era um só. Morava em Macapá e se mudou para Água Boa. Quando chegou ficou triste porque não tinha uma igreja na vila, “não tinha nada”. Foi quando soube que uma vizinha, que era mulher de um tio dela,

“tinha um santo, e que esse santo era o São Pedro”. Essa imagem pertenceu a um primo chamado Jorge, e ele comprou o santo e começou a fazer o festejo, “no modo dele, né”, e depois que se separou da mulher, “desviou-se e começou a beber, não ligou mais pro santo e deixou na mão dela”. Dona Terezinha foi falar com essa mulher e disse: “se faziam essa festa praí, por que que a gente não continua fazendo, aí ela falou com ele, e ele falou que podia fazer”.



Figura 20: Dona Terezinha com seu livro de memórias e histórias sobre a localidade de Água Boa, vizinha à Joanes.

Relatou como começaram a se unir para fazer a festa, mas então ela interrompe a entrevista e me diz que prefere ler isso para mim, porque: “eu esqueço muito, eu esqueço demais”. Da mesma maneira que ela parou de falar sobre a festa, por esquecer muito, ela retomou a descrição, sem mesmo chegar a pegar o livro para auxílio.

Nós fizemos uma diretoria com as pessoas que a gente tinha confiança e fomos levando pra frente, a gente fazia cada mês uma ladainha pra depois da ladainha fazer uma [esqueceu], fazia a ladainha e depois fazia essa coisa aí, o que ganhasse [de dinheiro] era em benefício de se fazer uma capela.

Em seguida ela aponta para um piso que existe até hoje em frente da Igreja de São Pedro, e que pertenceu à primeira Capela que eles construíram juntos, em comunidade, bem como o primeiro barracão, que ficava no mesmo local onde é o atual, mas era construído em madeira, sendo que o mais novo já foi feito em alvenaria.

-+Com um ano de trabalho, que a gente fazia todo mês, nós conseguimos fazer a capela, ela era pequena, mas nós conseguimos fazer. Foi muito sacrifício, porque num tinha água encanada aqui, aí a gente ia buscar tudo na praia: areia, pedra, água, tudo nós trouxemos, foi uma união tão grande que teve, porque pra você levar um trabalho de comunidade pra frente você tem que ser uma pessoa fiel, para poder o povo confiar, aí ele ajuda, mas se as pessoas for bandalha, as pessoas não querem trabalhar. Quem quer dar seu suor, seu trabalho pra outra pessoa? Então a gente teve muito êxito por causa disso. A diretoria foi muito boa, a gente trabalhou e eles ajudaram mesmo, Não tem um tostão de prefeito e ninguém nem foi pedir nada dele, tudo foi feito com nosso suor, as vezes quando era noite de lua, a gente se juntava: vamô! bora juntar pedra na praia, porque de dia a gente tinha que trabalhar pra gente né, a gente ia buscar pedra na praia, pra fazer o trabalho, quando amanhecia o dia já tava pronto aqui, e assim foi, eu sei que foi feita a capela, o padre veio só pra inaugurar.

“Nesse tempo...”, e decidida se levanta e sai em busca do livro, que ela escreveu a partir de suas próprias vivências e experiências, e também por ouvir as histórias dos mais velhos, criando um livro de memórias da Vila de Água Boa. Então, ela senta-se novamente e começa a leitura de seus escritos:

Por ser um povoado de muitos pescadores, religiosamente católicos, acreditavam que São Pedro era o protetor dos pescadores. No ano de 1967 foi comprada uma imagem de São Pedro, de 60cm de altura pelo senhor José Ribeiro Nunes [primo dela] e passou anualmente a festejar o referido santo com ladainhas, fazia a ladainha, todo mundo junto, a comunidade toda vinha, era um mingau que era feito pra vender, levantação do mastro, o mastro era pintado com 2 cores de tinta, depois enfeitado com frutas que o povo doava, pendurava também no mastro peixe seco, boia de pesca, linhas, era rezada a ladainha e logo depois a festa dançante, com isso ficou considerado que São Pedro fosse o padroeiro de Água Boa e que agora se tornou Círio. Todo o povo daqui ajudava, num tinha ninguém que dissesse não, tinha o seu Raimundão, ele dizia: “homem que foi homem nunca fez, agora mulher vai fazer [a capela], mas as mulheres fizeram, eu mandei chamar ele e disse: ó tá pronto! O santo ficou na casa de Benedita durante 6 anos, que era zeladora do mesmo, quando Jorge parou de fazer festejos. Em uma reunião no dia 21 de setembro de 1973 foi fundada a diretoria de São Pedro: Dona Terezinha, presidente; Maria Ribeiro Nunes, vice-presidente; Benedita Tião Ribeiro, tesoureira; Nair Nunes, secretaria; Raimundo Ribeiro Nunes, 1º procurador; Joaquim Ribeiro e Pilar, zeladores do santo.

Dona Terezinha relata que nessa data, as 8 horas da noite, iniciou-se uma ladainha na residência da dona Benedita Santana e logo após a ladainha, foi realizado um leilão. Ficou combinado pela diretoria que todos os meses teria uma ladainha e logo em seguida um leilão, buscando assim conseguir recursos para a construção da capela.

Os objetos leiloados eram pratos, louças “para as senhoras, e conforme o dinheiro ia aumentando, a diretoria ia aumentando o prêmio e sempre procuravam comprar coisas que os pescadores e suas famílias precisavam, como ferramentas, por exemplo”.

“Foi muito bom, muito bonito, porque foi um trabalho que o povo confiou nas mulheres e metendo homem pelo meio.”

O leilão juntamente com as vendas de iguarias e todas as outras rendas seriam em benefício da construção de uma capela. No dia 12 de maio de 1974, teve início a construção da capela de São Pedro na povoação de Água Boa. A capela foi construída em alvenaria e teve

participação de toda a comunidade, nos mutirões para carregar pedra, areia e água, “quase tudo vinha do igarapé. Na alimentação para os trabalhadores, em todos os trabalhos via-se a participação e a alegria do povo”.

Quando o povo vê que aquilo é sério mesmo, ele leva, agora eu num sei que já faz tempo, se você fizer um trabalho bem feito que o povo goste, ele ajuda.

No dia 22 de junho de 1974 foi entregue pelo mestre de obras seu José Flexa a construção, no dia 22 de julho de 1974 realizou a inauguração com a presença do padre Ernani, da paróquia de Salvaterra, que começou as 9h da manhã e teve a participação de várias pessoas e das povoações vizinhas.

A missa começou as 9h da manhã, podia se ver a alegria no rosto dos participantes, a tarde houve a levantação do mastro, o primeiro juiz do mastro foi Orlando Barbosa, como primeira juíza da bandeira foi Maria Alves Barbosa, eles eram moradores do Cururu Grande.

Tem a bandeira, a bandeira aquilo é um compromisso, ele tem que dar a bandeira desenhada e comprada, pintada tudo por sua conta. No dia que vai subir o mastro, a gente vai na casa daquela pessoa, aquela pessoa fazia uma comemoração ali, um agrado para as pessoas que estavam acompanhando. Nessas coisas assim nunca ninguém pode governar o povo, as vezes eles compram bebida pra levar, tudo que faz eles querem bebida no meio. Cachaça, tinha uma bebida que eles faziam que era a tiborna, feita da mandioca, essa tiborna passando de um dia para outro ela azeda e ela embriaga. Eu tomava enquanto eu participava, depois que eu saí não tomei mais. Eles não queriam que eu saísse, mas eu disse assim: como eu fiz outro pode fazer, e continua até hoje.

Dona Terezinha, se ressentia que a comunidade já não se junta para fazer as coisas como antigamente.

A novena era assim, ela durava oito dias, a novena dos marceneiros, das crianças, das senhoras, dos baiuqueiros, dos pescadores, e assim ia tudinho. Daí tinha a novena, sempre tinha um responsável e tudo era por conta dele, ele fazia como queria, do gosto dele, porque eu não governava ninguém.

Na manhã de 29 de junho, dia de São Pedro, ocorreu a regata dos pescadores, essa regata saía de frente da praia, participava somente reboque de vela, tendo como ponto de partida dessa competição, um local em frente da igreja de Monsarás, uma vila que em relação a quem vai de Água Boa em direção à foz do rio, está localizada depois de Joanes.

Eles saíam conforme a maré, e iam de enchente assim empurra mais o barco. Tinha prêmio para o primeiro, o segundo e o terceiro lugar, e o último colocado também ganhava uma premiação. Participaram dessa competição vários reboques, todos enfeitados por bandeirinhas e quando chegavam nas boias, soltavam pistolas.

Na tarde, 4 horas era rezada a missa e tinha batizados de crianças. O arraial era aí, enfeitado com bandeirinhas plásticas e as 8 horas da noite era cantada a última novena.

A gente mandava, tinha um senhor que tinha aparelhagem e ele vinha, trazia o aparelho dele com motor próprio, colocava aí e a festa comia! Eles ficavam aqui os oito dias, a gente criava capado (porco) grande, e dava comida pra eles, peixe também.

Conta que fez o livro pensando nas crianças que depois iam precisar saber sobre a história do lugar, não fez para ganhar dinheiro, e tem muito cuidado com o livro, sem emprestar para ninguém. Dona Terezinha permitiu que eu reproduzisse o que ela leu, mas não deixou nem mesmo que tirasse uma foto do livro, com receio de perder seu conteúdo.

5.3 – A Família de seu Valentim e a Banda Papa Chana

Até aqui não tive a oportunidade de apresentar algumas pessoas que se tornaram os principais atores e interlocutores dessa pesquisa. Além de abordar aspectos conceituais e teóricos sobre festas e festividades, não poderia tardar em apresentar quem são os responsáveis para que esse evento possa acontecer todos os anos, afinal quem faz a festa são as pessoas.

Na Festa de São Pedro pude identificar uma estrutura familiar que se estabeleceu no decorrer do tempo, na organização e promoção da celebração. A família de seu Valentim de Castro Nunes, sendo ele próprio apontado como referência para assuntos relacionados às tradições festivas da vila, de todos os tipos, e não somente relacionados à Festa de São Pedro.

Hoje, seu neto, Bucho, juntamente com sua esposa, Cirene, são os principais responsáveis pela organização do Barracão de São Pedro, das demandas sobre a venda de comidas e bebidas, sobre as premiações da regata e o contato com as aparelhagens que vão animar os bailes. Praticamente todas as atividades que dizem respeito a Festa de São Pedro na Vila de Joanes tem a intervenção desse casal.

Eles não fazem tudo sozinhos, pois são auxiliados por parentes e amigos. Em 2014, por exemplo, suas filhas ficaram responsáveis pela venda de bebida no barracão; o irmão de Bucho atuou como um “braço direito” dele, inclusive pintando os muros e o barracão para a festa. A Banda Papa-Chana, também ajuda na animação dos pescadores, para que acompanhem o cortejo dos mastros e participem dos bailes, do bingo e da regata.

Diene Aires Santos Silva, tem 25 anos, é responsável pela organização e pelo dinheiro que é angariado para realização da festa. Ela brinca e diz que só gasta o que é dela, no dinheiro do santo ela não mexe. É filha do Flávio e sobrinha do Bucho.

Gosta de participar da regata e do cortejo, mas na regata só vai acompanhando em barco a motor, diz que se envolveu mais com a festa e sua organização há quatro anos, e entende que a festa vem sendo resgatada nos últimos anos, pois estava um pouco esquecida.

Nunca participou como juíza de mastro ou de bandeira, mas afirma que tem vontade de participar também dessa forma, porém ressalta que tem gastos e que no momento ela não pode arcar com eles.

O dinheiro que foi arrecadado com as festas, será usado para terminar de murar o barracão de São Pedro. Ela é bisneta do seu Valentim, e conta que saía com o boi dele quando era “menorzinha”, lembra que era bem divertido participar da brincadeira com o bisavô. Ela

entende que a família se envolve muito com as festas por uma questão de tradição que vai passando de uma geração para outra, mantendo assim as festas.



Figura 21: Parte da Banda Papa Chana tocando na brincadeira de boi, no centro de preto, Chirrano, um dos filhos de Seu Valentim.

Em 2013 e 2014 acompanhei a Festa de São Pedro e um fato que merece destaque é a relação da família do seu Valentim com a festa. Seus três filhos - Chirrano, Zebu e Bichão - fazem, parte da banda, sendo que Bichão atua mais como regente e coordenador do cortejo, chamando as coreografias e incluindo as crianças nas atividades. O neto de seu Valentim, Bucho, filho de Zebu é o dono da festa. Ele é quem organiza a compra e vendas de bebidas, as contratações das aparelhagens que vão tocar nos bailes, determina quem serão os responsáveis por mastros e bandeiras de um ano para o outro, quais serão os prêmios para os vencedores da regata, bem como o uso do espaço do barracão de São Pedro.

A família de seu Valentim, não participa ativamente apenas da festa de São Pedro, eles participam de outras festas durante os festejos juninos, através da apresentação de “Boi”. Nelma e Cíntia, duas sobrinhas de seu Valentim, são as principais organizadoras dessa “brincadeira”.

Outro evento muito importante que a família participa é o Círio de Nossa Senhora do Rosário, que ocorre no segundo final de semana de novembro. A frente do cortejo que segue de uma igreja a outra, levando a santa em sua berlinda, vai um grupo de marinheiros, todos “paramentados” com suas roupas muito brancas, carregando réplicas de barcos de madeira nos ombros. Eles andam serpenteando e fazendo coreografias pelo meio de um grupo de crianças, também vestidas como marinheiros, trazendo bandeiras e estandartes. Quem lidera todo esse grupo é Zebu, que atua como chefe dos marinheiros, organizando as coreografias e as passadas de todos.



Figura 22: Cortejo dos Marujos, Marujas e Marujinhos, no Círio de Nossa Senhora do Rosário.

Seu Valentim, faleceu em maio de 2014, e de acordo com a memória de alguns, sempre foi o animador e responsável pela participação ativa dos pescadores na festa de São Pedro e em todas as outras atividades lúdicas que tivessem relação com música, dança e festividades tradicionais.

Seu nome não é citado e lembrado na vila tão somente por suas brincadeiras de boi, ou sua inteligência para composição de toadas, mas também por ser um grande pescador. Na monografia de Alessandra Carolina da Silva e Silva (2012), intitulada “O Coração da Camboa:

um estudo sobre as relações entre o patrimônio arqueológico e a construção do sentimento de saudade entre os (as) pescadores (as) da vila de Joanes, ilha do Marajó, Amazônia, Brasil”, a autora traz em seus relatos as referências sobre a “camboa do Seu Valentim” (p. 30), Ainda segundo Silva (2012, ver Bezerra 2010), camboas “consistem de armadilhas feitas de pedras dispostas na praia, a fim de capturar os peixes durante a vazante das marés” (p. 12-13).

Nos dias atuais, são seus filhos, netos e sobrinhas que mantem a família à frente da festa de São Pedro. A maioria dos músicos que compõem a “Banda Papa Chana”, responsável pela animação do cortejo de levantamento dos mastros e das apresentações das toadas de boi cantadas e encenadas durante as “brincadeiras de boi”, realizadas nos arraiais juninos na vila de Joanes e nas vilas vizinhas, tais como Água Boa, Olho D’Água, Cururu, Jubim, Monsarás, para citar algumas, também é composta por parentes de Seu Valentim.

As histórias que recaem sobre a continuidade e o repasse do conhecimento sobre os santos celebrados, para as gerações mais novas, entre os filhos, os pais e os avós, são importantes, pois tratar-se de um evento tradicional, no sentido do repasse geracional do conhecimento e daquela prática festiva, sendo possível refletir sobre a sua didática e seus métodos para repassar o conhecimento.



Figura 23: Seu Valentim brincando boi. (fotos cedidas pela família).

Partindo do “trabalho da memória” (BOSI, 2009) que precisa ser constantemente revisitada para que se faça presente - e apreendida - nas vidas dos mais jovens. Sendo um tema ensinado na prática cotidiana, de forma lúdica, sobre uma atividade que se torna uma referência importante, quando se assume como a festa “dos pescadores”.

Ser pescador é assumir uma identidade, um tipo de relação e de reação diferenciada com o sagrado, com os outros, com o mar e com o que dele se tira. Isso se aprende pelo repasse de conhecimentos, realizado através da oralidade e da convivência cotidiana com as paisagens e as práticas do lugar.

Sobre seu Valentim, acredito que uma boa definição de sua importância para a festa e as festividades populares de Joanes de uma forma geral, é apresentada em uma reflexão de DaMatta (2010) sobre o conceito de pessoa, em relação ao grupo social a que faz parte, e a partir do qual pode tanto interferir como receber sua interferência:

[...] o conceito de *pessoa* é qualificado pelo seu pertencimento a um feixe vivo de relações sociais. A pessoa vai sempre além de si mesma. Ela projeta uma *sombra* nos espaços onde atua [...]. A *sombra* social é um sinal de relações sociais. No fundo, a *pessoa* nunca está só, pois é sempre [...] um conjunto de elos sociais ou de um grupo. (p. 41)



Figura 24: Cirene (esquerda) e Bucho (direita), organizadores da Festa de São Pedro.

Do mesmo modo, quando reflito sobre a Vila de Joanes, sou capaz de ver as pessoas em suas especificidades, cada uma desenvolvendo seus próprios afazeres, e alguns que, assim como DaMatta nos afirma, projetam uma “sombra” sobre o grupo. Neste caso, pode-se afirmar que seu Valentim, seria essa pessoa a que o autor se refere.

Esse tipo de sombra social, parece ter coberto seus filhos, netos, sobrinhos e amigos de uma maneira muito especial, ao ponto de com o passar do tempo, e o próprio falecimento de

seu Valentim, seus parentes mais próximos tornarem-se referências sobre as festas na Vila de Joanes.

Bichão tem 64 anos, seu nome de batismo é Joaquim da Silva, é pescador, filho de Seu Valentim. Durante o cortejo dos mastros é ele quem vai à frente, com um apito na boca e um chapéu de palha na cabeça, “chamando” as coreografias que devem ser feitas e guiando o caminho que o cortejo deve seguir.

Atual chefe da Banda Papa Chana, figura como um dos que tem grande conhecimento sobre as coreografias que podem ser executadas com o mastro durante o cortejo. Alguns desses movimentos relatados por ele: “meia lua”, “esquerda e direita”; tem também os movimentos jocosos: “balança o pau”; “tira o sebo do pau”; “mete o pau”, e “mete o pau no buraco” que é quando o mastro é fincado no chão e levantado em homenagem ao santo.

Essas coreografias que foram descritas acima são as mesmas para os três mastros. De fato, algumas delas só podem ser feitas quando já se tem pelo menos dois mastros participando do cortejo. De qualquer maneira, o ápice dos movimentos coreográficos acontece quando estão reunidos o mastro dos homens, das mulheres e das crianças, principalmente quando os mastros já estão bem enfeitados e o cortejo animado.

Existe um tipo de conotação sexual implícita na brincadeira, mas até onde observei a jocosidade não passa do ato de nomear as coreografias com referências fálicas, porém como o próprio mastro de São Pedro, é comumente chamado de “pau do santo”, as interpretações e insinuações vão aparecendo na brincadeira durante o cortejo, porém nunca presenciei nada que pudesse ser, de certa forma, ofensivo.

A seguir pretendo apresentar algumas imagens que consegui realizar em campo, de momentos em que aconteciam essas coreografias indicadas por Bichão. A Festa do Círio de Nossa Senhora do Rosário ficou sob responsabilidade da igreja, porém as festividades de santos, não só de São Pedro, como outros, ficaram para os moradores da vila organizar. Para ele, tem muita diferença na maneira como a festa é celebrada hoje, e como era antigamente, “naquele tempo num tinha aparelho, aparelhagem como tem agora, esse sonzão, não, era só no pau e corda, violino, violão, banjo, pandeiro, tocava de tudo, hoje se a gente pegar uma menina dessa pra dançar uma valsa, num sabe, um samba, num sabe, agora é só tecnobrega”.



Figura 25: De cima para baixo: mastro dos homens passando em baixo do mastro das mulheres (mete o pau); mastro das crianças passando em baixo do mastro dos homens (mete o pau); mastro das crianças colocado de pé (levanta o pau).

Quando perguntei por que a família dele era responsável pelas festas, afirmou que eles gostam, seu contato com as festas vem desde quando era pequeno, através de seu pai. Ele não participa somente na animação do cortejo e da banda, mas também desenvolve uma atuação na política cultural do Estado do Pará, participando do Conselho das Cidades:

Levantamos o Mastro de São Tomé, e chegou um carro do governo com um convite pra ir pro Conselho das Cidades. Lá se fala sobre o governo, o que ele faz e o que ele não faz. Fui pra fiscalizar a reunião, sou o cara mais velho lá do grupo. Analisei assim que é um conselho muito despreparado, num tem uma base do que vai ocorrer, todo mundo quer falar, nós somos em 60 conselheiros. Depois do evento, ainda fui fazer entrega de brinquedo do “Criança Esperança” em Icoaraci. Fui convidado para ser o Papai Noel, lembrei que eu via na televisão como o Papai Noel fazia: ho ho ho. Papai Noel do Marajó.

Bichão cantou toada feita em Breves quando viajava para Belém. [...] “tava na proa do navio, pronto para a largada, um marinheiro gritô de lá: solta os cabos lá garoto! Eu vim mentalizando aquilo né, quando foi no meio (da viagem) o pessoal todo dormindo, eu tomei um café. Aí comecei a bolar assim:

Solta os cabos do navio
que nós vamos viajar
vou atrás do meu amor
que não sei por onde tá

não sei se tá em Bélem
ou se tá no Marajó
aonde eu vim te encontra
dançando meu carimbó

quebra quebra quebra quebra
mostra sorriso na cara
caboclo do pé rachado
caboclo marajoara.

“Num carece cópia pra mim, fica tudo na cabeça. Uma vez papai (Seu Valentim) queria colocar uma brincadeira de boi e a mamãe não queria deixar, mas ele decidiu colocar e tirou uma toada, eu era pequeno, é muito antiga essa”:

A minha família não quer que eu brinque boi esse ano
A minha família não quer que eu brinque boi esse ano

eu brinco boi esse ano nem que seja a paisano
eu brinco boi esse ano nem que seja a paisano

eu sei que preocupada ela fica

mas da terra nós come
no meio de 12 anos
minha mãe chama o meu nome”.

A Banda Papa Chana começou na Água Boa, só com cinco pandeiros, sendo esse, inclusive, o nome inicial da Papa Chana. “Ainda tenho o meu taí ó, tem mais de 40 anos esse pandeiro, coro de sucuriçu, coro de cobra.”



Figura 26: Bichão com seu pandeiro de couro de sucuriçu.

Nós tava bebendo tiberna, um camburãozão de tiberna lá no meio assim, era umas 4h da madrugada a gente fazendo serenata. Tinha terminado, lá na casa do Tio Roxo, que era o cara que ensaiava as brincadeiras de lá, nós daqui era só os músicos mesmo. Ele perguntou como era o nome da banda, e a mulherada dançava, eu achava bonito e o dia já vinha raiando, mas sim, como é o nome da banda? Ai vem uma mulher lá de dentro e disse o nome da banda vai ser Papa Chana. Isso nós trouxemos como cultura, a gente olhou um pra cara do outro e começamos a rir, aí ficou, isso faz uns cinquenta e pouco anos, eu tinha mais ou menos uns 14 anos.

Bichão recebeu uma homenagem da Escola Municipal de Joanes, foi titulado como Mestre da Cultura de Salvaterra, no Dia da Raça, pelas professoras e pela direção da escola, que doou para a Banda Papa Chana todos os instrumentos de sua antiga banda de fanfarra, pois

tinha recebido instrumentos novos. Na festa de São Pedro de 2014 a Banda Papa Chana já usou os instrumentos que foram doados pela escola.

Hoje os componentes da banda são: “Chirrano, Padre, Mario Jorge (filho de Seu Valentim), eu, Tio Benico, Zebu, Jair, um menino do Pingo D’água que entrou com a gente, Bucho, Siri, Leonis, Jango, Paulo Sergio. Sendo treze componentes, o mais novo tem uns trinta e poucos anos e o mais velho, que é o Zebu, tá com oitenta anos”.

Lamenta que muitas vezes a própria comunidade não dá valor ao trabalho deles, por isso eles gostam mais de tocar em outras localidades, onde são mais queridos, considerados e respeitados. Desde que eles estão envolvidos com os cortejos de mastro, nunca tiveram uma discussão. A banda participa na maioria das festividades, nas brincadeiras de boi, no círio com os barquinhos e os marinheiros, na Festa de São Pedro e de São Tomé, no carnaval e em outras comunidades, que sempre procuram por eles para tocar nas “levantações” dos mastros.

Outro componente e interlocutor importante nessa pesquisa é o sr. Zebu, também conhecido como Tio Dinho, com 73 anos de idade, me foi apresentado pelo Tio Leno em uma das primeiras visitas que fiz em Joanes com o intuito de conversar com os pescadores mais velhos da vila. Em nosso primeiro encontro, ele estava em sua casa, sentado ao pé de uma



Figura 27: Zebu em sua casa trabalhando na manutenção de seus apetrechos de pesca.

árvore, fazendo alguns remendos em uma de suas redes de pesca.

Me apresentei e conversamos um pouco sobre pescarias e festas de santo. Quando questionei o que ele fazia na “Banda Papa Chana”, afirmou: “Bato pandeiro”. Zebu é o filho mais velho de Seu Valentim, sua família sempre foi responsável pelas festas locais, lembra-se de acompanhar o pai, para brincar boi junto com ele, “diz que é brincadeira, mas na hora tem que ter responsabilidade também. Quando alguém convida, tem que ir”.

Raimundo da Silva, Zeburana ou Zebu, não tem em seu nome o sobrenome de seu pai que era Nunes,

mas sim o de sua mãe, Silva. “Como eles não eram casados legalmente, só recebi o sobrenome da mãe, que se chamava Joana da Silva Pereira.

A primeira festa que participou com seu pai, foi em uma brincadeira com o Boi Ramallete. Em sua primeira participação já foi tocando o pandeiro, e desde então é seu instrumento musical. Para ele a banda é muito importante para a cultura de Joanes, e mesmo nas outras localidades todos já sabem e conhecem a banda.

Em suas atuações artísticas além de tocar pandeiro na Banda Papa Chana há onze anos, ele sai à frente do cortejo do Círio de Nossa Senhora do Rosário, que ocorre todo mês de novembro na Vila de Joanes. Zebu, acompanha a procissão com uma formação de marinheiros que vão abrindo o caminho para a santa passar. Desde que assumiu esse trabalho, ninguém quer deixar que ele pare de fazer, pois antes tinha bebida envolvida com a procissão e segundo ele, “isso não dava certo, e agora só pode beber antes ou depois da procissão, na hora da responsabilidade é responsabilidade, ainda mais assim na frente de uma imagem, num pode beber”.

Uma de suas atribuições durante essa homenagem que é feita para a Santa padroeira da



Figura 28: Zebu preparado para iniciar o Cortejo dos Marujos, que segue à frente do Círio de Nossa Senhora do Rosário, padroeira de Joanes.

Vila, é dar as orientações que comandam os movimentos dos marinheiros: “fazer o manejo na hora da gente ir na rua, fazer o manejo todo, como a gente vai bordejando lá fora, na canoa, a gente vai fazendo, à frente do cortejo da santa, fazendo o caqueado pra galera”.

Esse grupo de marinheiros que vão à frente da santa, já existia antes, mas tinha algumas diferenças, “já tinha a participação das barquinhas e do pessoal vestido de marinheiro, mas não tinha uma pessoa que fosse a responsável por comandar a apresentação lá na frente, depois que a velharada começaram a morrer e foi ficando esses novatos. Foi aí que me tiraram para comandar, eu nunca me

meti em nada disso, e pra aprender a gente tem que estudar né, depois de 2, 3 anos, 4 anos e pronto”.

As “barquinhas”, não são pequenas, elas ficam na igreja e não se sabe quem as fez, mas uma das maiores, existe desde quando ele era criança. “Desde que me entendi, aquela barquinha já existia, desde de pequeno. Elas são de madeira, e são pesadas, não são de miriti, que é madeira leve, são feitas em um tronco cavado”.

Através de seus relatos foi possível deduzir que as “barquinhas” existem pelo menos há 60 anos, pois ele se recorda delas desde sua infância. Todos os anos elas são reformadas. “É muito antiga essa barquinha. Por aqui não tem em lugar nenhum, essas coisas de marinheiro”.

Durante nossa conversa ele passou a chamar os participantes desse cortejo de “marujos” e “marujas”, e fala dos “marujinhos”, que são as crianças que vão acompanhando os marinheiros, assim como as mulheres, e todos carregam suas barquinhas.

Com relação ao trabalho de pescador, só sai para pescar quando possível, não gosta de pescar sozinho, e tem saído com o neto adolescente nos períodos que ele não está em aula. Não sente tanta cansaço na pescaria e quando para de pescar fica doente, tem que estar lá, pescando. Se fosse pela vontade dos filhos já tinha parado de trabalhar, já é aposentado, e não tem mais tanta necessidade de trabalhar para se manter:

Digo deixa eu pescar, eu trabalhar, porque se eu ficar entocado aqui aí o negócio não vai prestar, não fio neles não eu me fio é em mim, eu não durmo mais, só dô um sono, da meia noite pro dia já fico acordado, num durmo mais, horário de saída de pesca. Durmo de dia, meia noite pra uma hora, vou na praia fico andando, acho boia com corda, trago, encontro com gente por aí, tem muita gente aí na praia que anda de noite.

Perguntei o que ele já tinha visto durante suas caminhadas noturnas pela praia, se já tinha visto alguma visagem ou assombração, e ele respondeu:

A gente tem medo dos vivos e não dos mortos. Já vi esse negócio de remorso, negócio de assobio, essas coisas, um pio da visagem que dizem né, mas nunca me fez mal graças a deus. O remorso é uma pessoa. De primeiro, quando eu esticava a rede na beirinha para pegar tainha, lá naquelas pedras pra li, umas três vezes vi um homem de pé lá na ponta da pedra, três vezes eu vi, ficava lá parado em pé, dizia que era meu cunhado, mas num era ele, de manhã eu perguntava e ele dizia que num era ele mesmo, só via, num escutava nada, mas num ia lá ver, ficava de longe. Assovio é Matinta Pereira que anda em cima, cria asas, engerada, é mulher, nunca ouvi dizer de homem que engera em Matinta Pereira.²⁵

²⁵ Sobre as visagens que o pescador cita: a) Remorso: Na explicação de outro pescador trata-se de “situações em que se ouvem vozes no meio das águas, conversas e assovios que podem ser ouvidos no meio do mar, longe da mais remota porção de terra, ou de outro tipo de embarcação ou de qualquer tipo de presença humana.” b) Assovio: aparece relacionado ao remorso e também ao assovio da Matinta Pereira, representada por uma mulher que se transforma (“engerada”) em bruxa e em coruja (rasga mortalha), o assovio e maneira que ela tem de se anunciar. Outra característica dessa visagem é que ela pode passar na casa das pessoas pedindo tabaco ou café. Para mais informações sobre “visagens” ver: MONTEIRO, Walcyr. – Visagens e Assombrações de Belém. 3ª edição, BASA, SEMEC/MOVA, Belém, 2000. Além de: GALVÃO, Eduardo. - Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas – 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

Apesar de seu envolvimento tão intenso com as festas que são celebradas na Vila de Joanes, e principalmente na Festa de São Pedro, diz que nunca saiu de juiz de mastro e nem de bandeira, só sai mesmo com a Banda Papa Chana e relembra um tempo em que a festa era diferente:

Era bom mesmo, as músicas eram bacanas, a geração também mudou, num tinha esse negócio de aparelhagem, nada, era só música de assopro, o mastro era só um. Um mastro e uma bandeira, agora que já inventaram o das crianças e o das mulheres, eu acho bom se é pra influir nas crianças, vão aprender né. O negócio anima. O que eu vi eu conto, agora o que eu não vi eu num posso contar, graças a deus esse lugar aqui não é tanto faminto, já vi grande fartura aqui, tem semana que dá muito peixe mesmo, de primeiro no tempo que eu me entendi, tinha mais né, mas pescava de linha, só de espinhel, vi meu pai soltar bagre pra embarcar piramutaba que tinha mais valor.

Fala da camboa do seu Valentim (SILVA, 2012) que ficava na praia:

Num tempo desse, esse negócio de peixe pedra, dava duas três viagens, dava muito. Esses dias tava dando muito, matamos um bocado de piaba. É por maré né, num é todo dia que a gente vai e mata avortado²⁶. Mas a maré que dá certo, a gente mata, quando vai pescar arrastando, ou pesca escorado, bem aí na frente. Eu gosto de pesca, gosto muito, fui acostumado com meu pai, trabalhei quantos anos cuidando da montaria dos outros. Trabalhei 4 anos com um compadre que já morreu, ele indicava: o senhor arrumou família eu vou lhe ajudar. Quando ele se prostrou mesmo, eu já tinha o que era meu, comprei espinhel, comprei uma montaria no Jubim, comprei um casquinho. Nesse tempo era 25 mirreis. Um cara do Jubim veio e quis comprar o casco, disse que tinha uma montaria, pronta e nova, que ele comprava o casco, dava a montaria mais uma pontinha de 15 mirreis, fui na montaria do papai, com a outra a reboque, era 4 horas da madrugada, deu a maré a gente levou o casco, ele mostrou a montaria, era Flor do Rio o nome dela, feita de tábua de andiroba, Tá aqui a montaria, o remo, a corda, a amarra, o ferro, entregou tudo. Ele sempre vinha em casa, agora até morreu ele.

E continuou:

Não me acho mal contento de nada, Num me acho mal contente de tá vivendo no mundo. Eu gosto de trabalhar no que é meu porque o que é meu eu sei o que eu faço. Camarada chega comigo se ele quiser meu peixe, se ele num tiver dinheiro ele vir comer. Se der pra vender para ele eu vendo, se não eu dou, pra ele fazer aquele boião.

Foi dono de seis montarias, a atual chama-se São João, mas ela ainda não está pintada. “Pra batizar leva uma cachaça, faz uma tiborna ou leva um vinho, bota a montaria na água e batiza. Qualquer um pode batizar, é só rezar um padre nosso”.

Sobre a pescaria de espinhel ainda explicou que é preciso “iscar cada anzol, se usava muito boto para isca, tinha que se mandar para o mar e achar o cardume de botos, ali ficava e esperava ele se aproximar do barco pra poder arpoar ele, se fazia muita isca, dava até pra vender isca por aí.” Em seguida a nossa conversa, me levou para ver seus apetrechos de pesca, me mostrou o antigo arpão, os espinheis e todas suas ferramentas.

²⁶ Muito, de grande quantidade, farto, à vontade.



Figura 29: Chirrano, pescador, além de atuar na Banda Papa Chana, mostrando como se “estrova” o anzol.

Outro filho do seu Valentim e também integrante da Banda Papa Chana que pude entrevistar foi Chirrano. Valentim da Silva me recebeu em sua casa, onde relatou um pouco como era ser filho do sr. Valentim de Castro Nunes, referência mais antiga da vila sobre festas.

Hoje com 60 anos de idade, pesca desde os 14. Relatou que com 28 anos foi convidado para ir para Belém, para ser ajudante de pedreiro, porém como não deu certo, voltou para Joanes para “labutar na pesca”.

Relembra o nome da embarcação na qual trabalhava: “Cristo Rei”. Um barco a vela pequeno, que em Joanes é conhecido por “reboque”. Relata que naufragou oito vezes por conta da maré, do vento e das pedras. Aprendeu a pescar com o pai, que tinha por apelido Marreca, e segundo ele, pescou até os 78 anos.

Quando questionado sobre qual tipo de pesca mais lhe agrada, Chirrano afirmou que gosta de pescar de anzol e espinhel, sendo que este último ele fez questão de demonstrar como se prepara: “estrova o anzol, casea o cabo, trança a corda, emenda um cabo no outro”. Seu parceiro de pesca é Piaba, seu filho mais velho.

Chirrano, é uma figura muito atuante em todos os festejos que pude acompanhar durante minha estada em campo, ele se apresenta com a Banda Papa Chana, faz parte da banda que acompanha a brincadeira de Boi, participa de todos os bailes, e no levantamento e derrubada dos mastros.

5.4 – Regata dos Pescadores



Figura 30: Mapa com o trajeto percorrido pela Regata, e seus pontos de largada e chegada.

Gostaria de descrever como foi a regata dos pescadores nos dois anos de pesquisa, 2013 e 2014. O evento é muito tradicional entre os pescadores de diversas localidades e ocorre no período próximo ao dia de São Pedro. Os três primeiros barcos a chegar recebem prêmios, normalmente relacionado com a atividade pesqueira, redes e carretéis de linha.

Na Festa de São Pedro de 2013 que aconteceu na Vila de Joanes, a regata foi realizada um dia antes da derrubada dos mastros de São Pedro, no sábado dia 29 de junho de 2013 pela parte da tarde. Quem ganhou a regata foi o “bote” (barco a vela pequeno) “São Jorge”, de propriedade de João Bucho, mas como ele é o presidente e organizador da festividade foi pilotado por um outro pescador que é seu parceiro de pescaria.

A regata é anunciada por intermédio dos fogos e somente os barcos à vela podem participar, sendo separados em duas categorias, uma com os barcos menores chamados de “botes” e outra com os barcos maiores, que tem mastro fixo e são chamados de “reboques”. Na

regata de Joanes os botes são maioria. Durante a largada é possível avistar muitas velas posicionadas no horizonte, em diferentes cores como azul, amarelo e laranja. As velas ou “panos”, como são chamadas pelos pescadores, são todas maiores que o normal, possibilitando conseguir mais vento e assim, ganhar mais velocidade.

Os barcos que participam na regata são os mesmos que realizam o trabalho de pescaria no dia a dia do pescador. Esse tipo de nomenclatura citada acima para classificar os tipos de barcos, também podem ser observadas no trabalho de Maria Angélica Motta-Maués, “Trabalhadeiras” e “Camarados”. Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica” (1993, p. 30). Nessa obra, a autora realiza sua dissertação de mestrado sobre as relações entre homens e mulheres de Itapuá, no município de Vigia e traz entre outras informações um item específico para as “embarcações de pesca”.



Figura 31: Barco São Jorge participando da regata dos pescadores na Festa de São Pedro.

De acordo com minhas observações e conversas em campo, os pescadores de Joanes e de Vigia se conhecem, eles dividem conhecimentos sobre como pescar, compartilham inclusive os mesmos pontos de pesca, demonstrando uma boa possibilidade de aproximação entre as duas pesquisas, realizadas em diferentes regiões, porém próximas em costumes e realidades.

O início da regata ocorre na praia do Pilão, perto do igarapé do Limão. Eles partem em direção à Praia Grande de Joanes, onde são colocadas três boias marcando a linha de chegada. Algumas embarcações não chegam a concluir todo o percurso, seja por algum problema técnico, ou mesmo, por desistirem quando percebem que não tem mais chance de ganhar a disputa.

Comecei a assistir a regata em 2013 observando a largada da Praia do Porto, em seguida fui até a Praia Grande para acompanhar a chegada. Ali um lindo arco-íris apareceu para premiar todos os participantes e muitas pessoas que estavam na praia para acompanhar mais essa atividade que compõe as homenagens dos pescadores para o santo padroeiro.

A regata começou por volta das 14h e terminou entre 16h e 17h, as premiações foram entregues no barracão de São Pedro pelo Sr. Clodoaldo, vereador de Salvaterra e representante de Joanes. Os três primeiros colocados, bem como o último, foram premiados. Em seguida mais uma festa de aparelhagem começou tocando muito tecnobrega.

Já no ano de 2014 tive a oportunidade de acompanhar a regata a bordo do barco de pesca a motor do Ovo, mudando meu olhar sobre o evento e minha proximidade das “canoas” participantes.



Figura 32: Barcos alinhados, disputando posições durante a Regata dos Pescadores, na Festa de São Pedro.

A competição aconteceu no sábado, dia 28 de junho de 2014, coincidindo com o ano anterior, e repetindo um padrão da própria festividade, que prevê que a realização da regata deve ocorrer no sábado, penúltimo dia da Festa de São Pedro, antes do domingo, último dia da festa, quando ocorre a derrubada de mastros.

O percurso e a divisão em categorias diferentes de barcos, também se repetiu como um outro padrão da festa. A regata se iniciou no Igarapé do Limão e terminou em frente à Praia Grande de Joanes. A proximidade proporcionada por estar em um barco na água, possibilitou perceber que os primeiros colocados, tiram a boia da água, e dão uma volta com ela dentro do barco, concluindo assim o trajeto.

Novamente, a premiação foi realizada no Barracão de São Pedro e contemplou os três primeiros colocados de cada categoria, bem como os últimos colocados, com redes de pesca e uma caixa de latas de cerveja, cada um.

Logo após a premiação da regata a festa foi retomada, momento em que a aparelhagem que estava presente voltou a tocar brega, recolocando pescadores e pescadoras, familiares e curiosos para dançar, festejar e beber.

5.5 – A Derrubada dos Mastros

Um dos momentos mais marcantes da Festa de São Pedro é, sem dúvida, aquele que envolve o levantamento dos mastros, com seu cortejo e a movimentação, acompanhados do alvoroço que são capazes de causar por toda a vila. Porém, a derrubada dos mastros também merece destaque, principalmente a importância do momento da derrubada dos mastros e



Figura 33: Entrega de prêmios para os participantes da Regata.

bandeiras para a continuidade da tradição, bem como da festa como um todo para o ano seguinte.

A derrubada dos mastros e bandeiras, representa a continuidade da festa, já que os futuros “dono(a)s”, “padrinho(a)s”, ou ainda, “juíze(a)s” de mastro e bandeira, se tornarão responsáveis pela colaboração direta para a realização da Festa de São Pedro no ano seguinte.

No ano de 2013, me dirigi para o Barracão de São Pedro por volta das 9h para acompanhar a “derruba”. Os fogos costumam avisar o início das atividades durante todos os dias da festa, imaginei que aconteceria da mesma maneira para a derrubada dos mastros. Decidi, então, esperar pelos fogos e aproveitar que tudo estava quieto para comprar algumas frutas e água para levar para casa, pensando que daria tempo para fazer isso e voltar em seguida, ou mesmo, se ouvisse algum som dos fogos ou de música, poderia retornar imediatamente para o Barracão e presenciar a finalização do evento.

Um erro simples, foi me afastar do evento, levei cerca de uma hora para fazer todo o percurso descrito acima, e quando retornei para o Barracão pude observar que, infelizmente para mim, os três mastros já haviam sido derrubados. Poucas pessoas estavam presentes e a festa estava encerrada.

Minha dificuldade em acompanhar algumas etapas e entender o funcionamento da relação com o tempo na Vila de Joanes, mais uma vez se mostrou como um desafio em campo. Isso já havia acontecido em outra ocasião muito especial, quando acabei sendo informado que um funeral seria realizado em uma determinada hora, e mesmo chegando com mais de uma hora de antecedência, fui surpreendido com as pessoas retornando do cemitério.

Essa relação diferenciada com o tempo, que não é marcado de maneira burocrática pelo relógio, revela que as pessoas não se preocupam muito em determinar uma hora específica para realizarem as coisas, mesmo com eventos importantes como os relatados acima. O que se pode experimentar é uma relação com um tempo prático, parecendo que as coisas podem ser mais fluidas, menos rígidas e mais flexíveis, de acordo com o desejo de alguém, ou através da concordância do grupo.

Após essas duas situações, que considero falhas em minha atuação no campo de pesquisa, decidi ficar presente em todas as ocasiões importantes, sem arredar o pé para fazer qualquer outra coisa, em qualquer outra parte da vila, que não fosse me manter observando e aguardando a realização de uma atividade durante a Festa de São Pedro.

No ano seguinte, no dia 29 de junho de 2014, último domingo da festa e dia que ocorre a derrubada dos mastros me dirigi para o Barracão de São Pedro. Fiquei por lá aguardando, em vigília, para acompanhar a derrubada dos mastros.

O mastro foi derrubado com um machado e todos os presentes tinham o direito de dar um golpe, até que o mastro caísse. A última pessoa que desse a machadada antes do mastro cair, seria o indivíduo responsável pela confecção do mastro no ano seguinte.

O primeiro mastro a ser derrubado foi o das crianças, todas as crianças podiam participar. Porém, durante todo o tempo, adultos monitoravam os movimentos e a proximidade de outras pessoas ao mastro e ao machado, ajudando as crianças e cuidando da segurança dos que estavam assistindo.

O segundo mastro a ser derrubado foi o das mulheres, que demonstraram sua força e agilidade, associados a uma alegria contagiante enquanto golpeavam o “pau do santo”, até ele cair.

Por último foi derrubado o mastro dos homens, simbolizando o fim da celebração, concluindo esse momento/ritual que apresenta de forma interessante uma representação dupla. Pois, a derrubada do mastro de São Pedro, indica o fim da festividade, mas também, o início da festa do ano seguinte, já que no momento em que os mastros caem, seis pessoas tornam-se responsáveis por dar continuidade a esta tradição no próximo ano.

Pela “tradição da festa”, e segundo afirmações e relatos de diversos interlocutores, quem dá a machadada final fica como juiz do mastro. Num primeiro momento, eles remetem esse fato



Figura 34: Menina desferindo golpes de machado para derrubar o Mastro das Crianças.

como se fosse algo relativo à sorte, ou simples coincidência, talvez uma indicação do próprio santo. Porém, existe um certo controle pelos organizadores da festa, que permanecem atentos a cada golpe de machado para ver se o mastro aguenta mais golpes. Assim, no momento em que se percebe que o mastro está para cair, o machado é passado para as mãos da pessoa que já tinha pedido para ser juiz de mastro e, então, o último golpe de machado é desferido, confirmando assim, a tradição que remete a posse do mastro na festa do ano seguinte para aquela pessoa que der o último golpe de machado e derrubar o mastro de São Pedro.

Assim que os mastros caem, as pessoas que também já tinham se oferecido para ser juízes das bandeiras, retiram a bandeira do mastro e passam a festejar com ela, batendo fotos e se exibindo para todos, até mesmo dançando com sua bandeira.



Figura 35: Mastro dos homens sendo derrubado e amparado pelo Bucho.

A consequência de ser juiz ou juíza de mastro, ou de bandeira, na festa de São Pedro, é que essa pessoa passa a assumir uma grande responsabilidade com a comunidade para a próxima festa, se comprometendo a doar o objeto, seja o mastro ou a bandeira, e além disso, a colaborar com a festa dando tiborna, cerveja, vinho, cachaça, refrigerante e “pistolas” (em sua maioria caixas de rojões de 12 tiros).

Após o ritual de derrubada e repasse dos mastros e bandeiras para seus respectivos juízes, a festa tomou conta do Barracão de São Pedro, que se encheu com os pescadores e seus familiares e amigos, para beber e dançar, agradecendo por mais um ano em que puderam comemorar a festa de São Pedro juntos, que conseguiram tirar da pesca seu sustento e tiveram suas vidas protegidas das intempéries do mar. Pelo que tudo indica poder chegar na festa e “brincar” com todos, “beber sua cervejinha”, é a grande vitória e isso merece ser celebrado!



Figura 36: Mastro das Mulheres sendo derrubado.

Existe um diálogo possível de se estabelecer entre a etnografia realizada durante a Festa de São Pedro e as ideias e conjecturas apresentadas por Maffesoli (1994) sobre “espaços de celebração”.

A perspectiva do autor sobre a “paisagem, [como aquilo] que reúne o essencial de uma coisa, a cristalização espaço-tempo” (p. 66), reforçando o “*ethos* de cada espaço” (p. 67), também são afirmações possíveis de se observar em campo. Essa “paisagem” e esse “*ethos*” aparecem na festa, por exemplo, durante o cortejo quando toda a vila é saldada pelos mastros e

bandeiras, mas deve-se dar destaque às casas de pescadores e pequenos comércios, de onde se espera alguma doação, em geral de bebidas (refrigerante, vinho, cachaça e cerveja).

Quase no final do cortejo, a última parada é na Praia Grande de Joanes. Nos dois anos que acompanhei esse momento da festa, o caminho se repetiu, iniciando a entrada à praia pela Rua Terceira, que dá acesso à Praia Grande, entre os restaurantes que estão na beira da praia. Seguindo pela areia até a saída da praia, em uma subida que dá acesso à Rua Sétima, que passa ao lado do Barracão de São Pedro.



Figura 37: Descanso e última parada do cortejo dos mastros, na Praia Grande de Joanes.

Antes de chegar ao barracão o cortejo para um momento, quando é possível descansar sob algumas árvores e se escorar em barcos que estão esperando a maré encher para voltarem para a água, em busca de peixes. Nessa última parada, um sentimento muito positivo e fortalecedor é compartilhado entre todos que chegaram até ali, em sua maioria pescadores e familiares. Pode-se fazer uma pausa, descansar e beber à vontade, pois é um momento de muitas brincadeiras e risadas. Solta-se mais fogos, saldando o que está por vir. A chegada ao barracão e o levantamento dos mastros, marcando assim, a abertura oficial da Festa de São Pedro, na Vila de Joanes.

O cortejo, as visitas nas casas e comércios, a última passagem e parada na praia, antes de chegar ao barracão, a solenidade do levantamento dos mastros, são momentos que “cristalizam o espaço-tempo”, reforçam a identidade com o lugar, com a vila, com o sentido especial que a Festa de São Pedro tem por integrar a todos, em especial os próprios pescadores.

A festa, obviamente, não acontece sozinha, ela é resultado das agências das pessoas, que assumem compromissos e responsabilidades para garantir que o evento ocorra em toda sua plenitude. Para apresentar essas pessoas e como suas ações específicas moldaram o que resulta em uma semana de celebração, me pareceu conveniente narrar algumas histórias de vida de moradores que estão diretamente ligados à realização da festa, no presente e no passado, buscando, sobretudo, aqueles que são apontados como referência para o restante do grupo quando o assunto é a Festa de São Pedro. O objetivo das entrevistas realizadas com os narradores e narradoras foi o de entender quais eram as suas motivações em realizar a festa, o que entendiam por tradição e se consideravam a festa uma tradição.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia inicial dessa pesquisa era realizar uma etnografia com os pescadores de Joanes e, através disso, apresentar seu modo de vida, a formação de sua identidade, suas crenças, e a execução de seu trabalho. Porém, entre um campo e outro, e entre uma orientação e outra, se tornava claro que não conseguiria realizar esse empreendimento.

Sendo assim, procurei encontrar junto aos pescadores o que poderia ser representativo para eles, algo que pudesse perpassar aquelas questões iniciais, me deparando então, com a Festa de São Pedro. Uma “festa de pescadores”, feita pelos pescadores e para os pescadores. Percebi que através da observação desse evento, poderia encontrar representações sobre as diversas dimensões sociais relacionadas ao modo de vida dos pescadores, suas crenças, seu trabalho, seus modos de sociabilidade, a formação de sua identidade, a política e a economia.

A Festa de São Pedro se mostrou como um “fato social total” (MAUSS, 1974), pois assim como no pensamento do autor, a festa apresenta relações em diversas dimensões da vida dos pescadores, podendo inclusive extrapolar essas relações para outras localidades, como é o caso de Água Boa. Esse evento específico interfere na economia local, nas crenças, nas políticas, nas relações de parentesco, e promove uma relação de reciprocidade mútua entre as pessoas.

A religião está em destaque, pois trata-se de uma festa de santo, uma tradição popular que mesmo sem a ação direta da Igreja Católica, é celebrada pelos pescadores. Dois rituais podem ser destacados como principais, o cortejo do levantamento dos mastros e a derrubada dos mastros.

Os dois rituais citados acima, demarcam temporalmente o início e o fim da celebração, sendo importante observar que a queda do mastro é o recomeço de tudo, já que outra pessoa passa a assumir a responsabilidade da realização e da promoção da festa para o ano seguinte.

Participar da Festa de São Pedro proporcionou outras reflexões no campo das Ciências Sociais, uma delas se apresentou na relação entre a realidade do campo e os pensamentos sobre as categorias durkheimianas do sagrado e do profano (DURKHEIM, 1996). A primeira dificuldade da aplicação da teoria na prática foi tentar determinar onde e o que poderia ser considerado sagrado ou profano naquela realidade festiva, de uma vila de pescadores na Ilha do Marajó.

A celebração toda dura uma semana, dias antes do cortejo inicial do levantamento dos mastros, que marca oficialmente o início da festividade, as famílias já estão com seus litros de

“tiborna” prontos, sendo oferecidos para os amigos que aparecem para uma visita. O próprio cortejo, que pode durar mais de quatro horas, tem por costume o consumo da tiborna e também de outras bebidas como vinho, cerveja, cachaça para os adultos, e refrigerante para as crianças, durante toda sua realização.

Assim que os mastros são “plantados” no chão, um círculo se forma ao redor deles e um pai nosso é rezado, agradecendo as bênçãos e a proteção de São Pedro em mais um ano. Para em seguida, se iniciar o primeiro baile da festa com muito tecnobrega e brega saudade²⁷, para os pescadores e seus familiares dançarem e se divertirem.

Esse breve relato que trago acima, serve para ilustrar a difícil tarefa que se impõe em definir as limitações do sagrado e do profano, durante a Festa de São Pedro. Entendo que em alguns momentos o profano pode se sacralizar, como no costume de consumir bebidas alcoólicas durante o cortejo. A tiborna se torna uma bebida sagrada, mesmo que ela possa ser secularizada em outros momentos, para aqueles que estão celebrando, tomar tiborna durante a festa é sagrado.

Diante dessas reflexões entre o sagrado e o profano levadas pelas concepções das teorias durkheimianas, tive a oportunidade de conhecer o trabalho de um antropólogo latino-americano chamado Cristian Parker (1995) e encontrar em seus pensamentos, caminhos para compreender a realidade das festas populares, principalmente na América Latina, enquanto um modelo de difícil aplicação das teorias e pensamentos dicotômicos de Durkheim a respeito da separação entre o sagrado e o profano. Isso porque, as diferenças culturais e as percepções de contextos históricos não poderiam ser aproximadas a esse ponto, por se tratarem de realidades muito distintas.

Parker demonstra em seu artigo que uma reflexão além de Durkheim é necessária diante das festas de santo populares brasileiras ou chilenas ou mexicanas, pois nossas questões sobre o que é o sagrado e o que é o profano são muito distintas das dos europeus ou dos grupos que eram pesquisados no século XIX. Pode-se dizer que existe uma fluidez entre objetos e rituais que podem ser sagrados e profanos, como por exemplo a “tiborna” que se coloca como bebida ritual principal no cortejo da festa, e daí assume um caráter sagrado durante essa etapa da festividade, para logo em seguida, continuar sendo oferecida em todas as casas ou comércios que se visite e que se tenha da bebida para oferecer. Não podemos esquecer que essa mesma

²⁷ Ver notas de rodapé 5, 10 e 11 sobre Festas de Aparelhagens, brega saudade e tecnobrega nas páginas 13 e 42, respectivamente.

bebida, segundo relatos dos moradores da vila, também deve ser oferecida e consumida durante o fazer “convidado” (mutirão), para dar força na hora do trabalho pesado.

Vale destacar o trabalho de Eduardo Galvão (1976), em “Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas”, onde se procura descrever as relações observadas nas festas de santo daquela comunidade. Demonstrando a importância desse tema na literatura antropológica, principalmente dando destaque aos estudos realizados na Ilha de Marajó.

A posição da Igreja Católica de Salvaterra é bastante clara sobre a proibição do consumo de bebidas alcoólicas em celebrações que envolvam santos católicos. Porém, a paróquia assume que ter o controle total das celebrações que acontecem em cada comunidade do município é inviável, sendo assim, eles procuram observar essa regra na comemoração do santo padroeiro de cada localidade, nos Círios. Nesse evento, existe uma participação oficial da Igreja Católica, com a presença do padre, seguida da celebração de missas e batizados.

Sobre as questões entre o “sagrado e o profano”, tenho por intenção apresentar um diálogo com outros autores que tratam desse tema, relacionado ao mundo religioso. Principalmente por ser algo que me interessa discutir teoricamente, por poder me incluir entre um clássico da literatura antropológica e um antropólogo de origem latino-americana contemporâneo, por encontrar ressonância em minhas observações em campo sobre essa relação.

Parker (1995) apresenta uma perspectiva diferente da durkheimiana sobre o sagrado e o profano, afirma que na América Latina, esta polarização não é observada. Para ele o que se vê é a natureza fluida entre essas dimensões, sobretudo, nas festas populares. No caso de Joanes, a Festa de São Pedro vai ao encontro da perspectiva colocada por Parker. Durante o trabalho de campo a tiborna se mostrou como um bom exemplo dessa fluidez, pois quando usada para “fazer convidado” (mutirão) seria apenas “uma bebida para dar força para o trabalho”; enquanto que durante a festa ela estaria “celebrando o santo”, é a “bebida do santo”. Isso demonstra que a tiborna é mobilizada num jogo em que o sagrado e o profano fluem de uma condição à outra, se misturam mais que se separam²⁸.

Na festa do Círio de Nossa Senhora do Rosário, que ocorre na Vila de Joanes no mês de novembro, a tiborna não está presente. Segundo os moradores isso ocorre porque a “igreja não

²⁸ Isso vai de encontro ao pensamento de Durkheim (1996) que entende “[A] divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano” (p. 19). Não há espaço em tal afirmação para um pensamento que possa sugerir uma passagem do sagrado para o profano, ou o contrário. Não enquanto uma condição final, mas sim como uma condição momentânea. Segundo ele “[N]ão existe na história do pensamento humano um outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferenciadas, tão radicalmente opostas uma à outra” (p. 22).

permite”. Ou seja, quando a festa é realizada por uma “autoridade” – no caso a Igreja Católica – a divisão entre o sagrado e profano é instaurada pela instituição religiosa. Enquanto que na Festa de São Pedro, sem o controle oficial da igreja, essas instâncias são mobilizadas pelos participantes de forma fluida.

Podemos aproximar essas realidades com o trabalho do professor Raymundo Heraldo Maués, “Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia”, publicado em 1995. O livro é a publicação de sua tese de doutorado, suas discussões estão apoiadas em pesquisa de campo realizada no município de Vigia (PA).

Maués (1995) entende: o “catolicismo popular em oposição ao catolicismo oficial” e afirma que o catolicismo popular é “aquele conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como católicas, de que partilham sobretudo os não especialistas do sagrado, quer pertençam as classes subalternas ou às classes dominantes” (p. 17). Acredito que essa condição apontada pelo autor se aplica também sobre as festas e relações religiosas que puderam ser observadas na presente pesquisa. Tanto nas práticas e crenças dos pescadores de Joanes, como nas falas dos padres e no posicionamento da igreja católica de Salvaterra. A não permissão do consumo de bebidas alcoólicas, mesmo as tradicionais como é o caso da tiberna, nas festas oficiais, ou a proibição da realização dos bailes dançantes, demarcam e expõe um controle eclesiásticos sobre essas práticas.

O sagrado e o profano, se bem que separados na mentalidade popular, não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro. Não obstante, elementos que seriam vistos como profanos guardam também alguma coisa de sagrado no momento em que se integram no contexto da festa do santo. Um jogo de futebol como parte das comemorações da festa de Santo Antônio não é, certamente, um jogo comum. E o mesmo se pode dizer das brincadeiras de arraial, das comidas, dos leilões, da bebida e da própria festa dançante. (MAUÉS, 1995, p. 170)

Durkheim (1996) afirma que “[A]s representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas” (p. XVI). Partindo dessa premissa, a Festa de São Pedro, é uma representação coletiva, dos pescadores, e apresenta uma representação religiosa, na figura do santo católico.

Essa representação religiosa, tanto pela instituição católica, quanto pela festa celebrada na Vila de Joanes, exprime uma realidade coletiva, pois é interessante lembrar que São Pedro foi também um discípulo de Jesus Cristo, o santo que é celebrado pelos pescadores teria sido

ele próprio pescador um dia, ou melhor, nunca teria deixado de ser pescador, apenas deixando de pescar peixes para tornar-se um “pescador de homens”²⁹.

Compreendo que o profano só permanece nessa condição quando não é de alguma forma, sacralizado. Em Joanes é possível encontrar alguns exemplos claros disso: a tiborna, o baile da saudade e a regata dos pescadores, podem ser considerados profanos. A tiborna, é uma bebida alcoólica e também pode ser usada em trabalhos em grupo. Os bailes são considerados festas seculares, onde existe relação com bebidas alcoólicas e dança, e a regata bem como o bingo, são representações de jogos.

Porém, esses mesmos elementos quando passam à condição de objetos de celebração durante a festividade de São Pedro, alcançam imediatamente a condição de sagrado, já que são diferentes tipos de atividades que compõe as celebrações e homenagens que os pescadores dedicam ao santo padroeiro.

Por outro lado, o mastro é um objeto sagrado que passa a ser profano durante a realização do cortejo, enquanto está na condição de “pau” do santo, estabelecendo uma relação jocosa entre o santo, os mastros e as pessoas que estão participando da celebração, através das coreografias e dos enfeites, seguindo para sua sacralização final, primeiro, no momento do levantamento e posteriormente na hora da derrubada, tudo feito em homenagem a São Pedro.

Essa mesma relação de jocosidade e entre o sagrado e o profano, também foi verificada nas pesquisas de Maués (1995), como pode-se acompanhar a seguir:

[...] Isso permite o comportamento folgazão das pessoas que festejam Santo Antônio, carregando seu mastro e bebendo cachaça, soltando improperios e dando vivas ao santo, ao mesmo tempo que realizam uma espécie de dança que simula, nos movimentos executados com o mastro (“pau” do santo), um ato sexual. [...] Essas atitudes são condenadas por muitos, mas, na verdade, são também esperadas como parte dos festejos do santo, assim como as rezas, as ladainhas, as missas, as procissões, o arraial, a festa dançante, as brigas, os namoros e tudo o mais que compõe uma verdadeira festa de santo.

O catolicismo popular apresenta, assim, um componente lúdico que lhe é inseparável e que, a despeito das tensões que provoca na sua manifestação, permanece sempre presente, o que confere à categoria festa uma importância toda especial. [...] contanto que a obrigação (devoção) venha antes da diversão, o divertimento do devoto fica justificado. (MAUÉS, 1995, p. 169)

No caso pesquisado e apresentado aqui, o sagrado e o profano se misturam, de forma fluída, sendo que as condições do momento, durante o evento é que determinarão se um dado objeto, naquela situação, será acionado como sagrado ou profano.

Nessa tentativa de abrir ainda mais o diálogo sagrado/profano, catolicismo popular/catolicismo oficial, novamente convido Parker (1995) a contribuir na discussão, a partir

²⁹ O evangelho segundo Lucas, capítulo 5, versículo 10 e O evangelho segundo Marcos capítulo 1, versículo 17. Bíblia Shedd, segunda edição, São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

de seu artigo intitulado: “*La Sociología de la Religión y la Modernidad: Por una revisión crítica de las categorías durkheimianas desde América Latina*”, o autor procura visitar as teorias de Durkheim à luz da realidade latino-americana, e traz as seguintes reflexões:

[L]a tensión en torno a la forma como diversos grupos sociales accenden a la definición de lo que se entiende por sagrado en cada sociedad y época determinada condiciona en buena medida la forma social de representación de lo que en esa sociedad y en esse momento histórico se considera sagrado y profano. (Parker, 1995, p. 133-134)

Seguindo por esse caminho, concordo com Parker que a realidade latino-americana deve ser considerada como um contraponto diante da realidade em que Durkheim se baseou para suas reflexões, seja ela a europeia ou a relatada nos estudos etnológicos sobre os quais ele se debruçou para pesquisar.

O sagrado e o profano em Durkheim e Parker, encontram eco na Festa de São Pedro. Na tentativa de compor melhor o sagrado que pôde ser observado nessa festa de santo popular, vivenciada em Joanes. Compartilho de alguma concordância com as reflexões de Parker (1995) sobre o sagrado que ele vislumbra para a América Latina:

Ello plantea un serio desafío a la definición socialmente dominante de lo sagrado – que sutilmente, por lo demás, está siendo impuesta no por una sociedad supraindividual, sino por los grupos e instituciones que detentan el monopolio de lo sagrado. En efecto, la capacidad de creación religiosa de los laicos – no especialistas – (muy presente en las creaciones colectivas de las religiones populares, por ejemplo) significa introducir una cuña en la noción substancialista durkheimiana de lo sagrado. Lo sagrado – no como el espacio hierático de la hierocracia institucionalizada – sino como presencia del espacio vectorialmente ligado a lo extraordinario y sobrehumano, en la experiencia del Pueblo latino-americano está ligado, de una u otra manera, a la vida de todos los días. (Parker, 1995, p. 138)

Outro ponto importante que deve ser retomado nessas últimas considerações sobre os resultados da pesquisa, leva à família de seu Valentim, que se mostrou como a detentora do conhecimento e também do poder simbólico sobre a realização das festas e celebrações populares da Vila de Joanes. Após o envelhecimento e o falecimento de Seu Valentim, essas atividades e conhecimentos são mantidos através de seus filhos, netos e sobrinhos, que tratam de manter sua memória viva nas falas e no reconhecimento das pessoas que brincaram com ele em suas apresentações de bois.

Acredito que a Banda Papa Chana seja um referencial dessa memória, principalmente por ter em sua formação muitos senhores, parentes e compadres que conviveram com seu Valentim e por manter as tradições de celebrações como as festas de santo e as apresentações das brincadeiras de Boi, na vila de Joanes e em outras da região.

A proximidade que existe entre a Vila de Joanes e a de Água Boa, ultrapassa os aspectos físicos e aparece de maneira importante nas relações festivas e nos costumes das duas localidades. São Pedro, por exemplo, é celebrado nas duas povoações, sendo que em Água Boa celebra-se o Círio, já que lá ele é o santo padroeiro e na Vila de Joanes se celebra a Festa de São Pedro.

Outro fato em comum é que a Vila de Água Boa também é uma vila de pescadores, e alguns laços de parentesco se estabelecem entre os moradores. Algo que chamou atenção foi a saída do cortejo dos mastros dos homens da Festa de São Pedro no ano de 2014, já que foi realizada a partir da casa de um pescador e morador de Água Boa, chamado Marreca.

Além disso, em Água Boa, tive a grata surpresa de ter conhecido Dona Terezinha e compartilhado de seu conhecimento sobre a história do local, fato que foi muito importante para o registro de seu livro e de seu trabalho nessa dissertação, proporcionando uma ótima fonte de conhecimento sobre as histórias da vila de Água Boa e de Joanes.

Acredito que a sociabilidade festiva se confunde com a sociabilidade do trabalho dos pescadores, o que possibilita pensar que isso seja uma característica própria do grupo social. Advindo da interdependência da colaboração coletiva, que aparece nas relações de trabalho, festivas e do cotidiano, entre parentes, compadres e comadres ou amigos. Assim, a sociabilidade se encontra com a reciprocidade, e leva ao estabelecimento de relações contínuas entre as pessoas, e essas relações transparecem e se tornam mais evidentes durante a Festa de São Pedro.

BIBLIOGRAFIA

ADRIÃO, D. G. S. **Pescadores de Sonhos: um olhar acerca da mudança nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do turismo balnear em Salinópolis-PA.** 2003. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia) - Universidade de Campinas - UNICAMP, Campinas – SP.

ALENCAR, E. F. **Pescadeiras, companheiras e perigosas: a pesca feminina na ilha dos Lençóis, MA.** 1991. 184 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília – UNB, Brasília - DF.

AMARAL, R. Para uma antropologia da festa: questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. In: PEREZ, L. F. et al. **Festa como perspectiva e em perspectiva.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

AVIZ, A. **A empresa pesqueira em Icoaraci – tempo e disciplina.** 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém - PA.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I - magia e técnica, arte e política.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, H. **Memória e vida.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, M. *Nossa Herança Comum - Considerações Sobre a Educação Patrimonial na Arqueologia Amazônica.* **Arqueologia Amazônica**, Belém, v. 2, p. 1021-1036. 2010.

_____. **O Pegador de Peixe:** Um projeto de Arqueologia Etnográfica em uma Vila de Pescadores na Ilha do Marajó, Amazônia, Brasil. Relatório. CNPq, 2012.

_____. *Signifying Heritage in Amazon: a public archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil.* **Chungara**, Arica, v. 44, n. 3, p. 533- 542, set. 2012.

_____. As Moedas dos Índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 57-70, jan./abr. 2011.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos,** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008. cap. 3: Apêndice 1: A ilusão biográfica, p. 74-82.

BRANDÃO, C. R. **Memória do Sagrado – Estudos de religião e ritual**. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n.º 10.779, de 25 de novembro de 2003. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 nov. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.779.htm>. Acesso em: 22 ago. 2013.

CANDIDO, A. **Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do Antropólogo: o olhar, o ouvir e o escrever**. São Paulo: UNESP/Brasília, DF: Paralelo 15, 1998.

CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007.

COSTA, A. M. D. **Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, G. T. **Na rota do camarão: um estudo antropológico sobre pesca e comércio do camarão em zona costeira**. 2000. 133 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém - PA.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Fé em Deus e pé na tábua, ou, Como e por que o trânsito enlouquece no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, sitiantes e trabalhadores do mar**. 1980. 314 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – USP - São Paulo - SP.

DURKHEIM, E. **As formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, J. **Festas e Civilizações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FERREIRA, L. G. **O lugar de ver relíquias e contar história: o museu presente/ausente na Vila de Joanes, Ilha do Marajo – Pará**. 2012. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém - PA.

FURTADO, L. G. **Curralistas e redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará**. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi – CNPq/MCT, 1987.

_____. **Pesqueiros Reais & Pontos de Pesca. Traços da Territorialidade Haliêutica ou Pesqueira Amazônica. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 18, n. 1, p. 3-26, 2002.

FURTADO, L. G.; LEITÃO, W.; MELLO, A. F. **Povos das Águas: realidade e perspectiva**. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi - CNPq, 1993.

GALVÃO, E. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1976.

GEERTZ, C. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GUÉRIOS, P. R. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 9-29, 2011.

LEITÃO, W. M. **O pescador mesmo: um estudo sobre o pescador e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil**. 1997. 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém – PA.

LOPES, P. R. C. **A colonização portuguesa da Ilha de Marajó: espaço e contexto arqueológico-histórico na Missão Religiosa de Joanes**. 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS.

LOUREIRO, V. R. **Os parceiros do mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi – CNPq/MCT, 1985.

MAFFESOLI, M. O Poder dos Espaços de Celebração. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 116, p. 59-70, jan./mar. 1994.

MALDONADO, S. C. **Pescadores do Mar**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
Introdução. Tema, método e objetivo desta pesquisa.

MANESCHY, M. C. **Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada**. 1. ed. Belém: Editora Universitária UFPA, 1995.

MARCEL, J. “*Mauss et Halbwachs: vers la fondation d’une psychologie collective (1920-1945)*”. **Sociologie et sociétés**, Montréal, v. 36, n. 2, p. 73-90, 2004.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: CEJUP, 1995.

MAUSS, M. O ensaio sobre a dádiva – forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENESES, U. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103-117, jul./dez. 1983.

MONTEIRO, W. **Visagens e Assombrações de Belém**. 3. Ed. Belém: BASA, SEMEC/MOVA, 2000.

MOTTA-MAUÉS, M. A. “Trabalhadeiras” e “Camarados”. **Relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica**. Belém: EDUFPA, 1993.

MUSSOLINI, G. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTNER, S. B. *Subjectivity and cultural critique*. **Anthropological Theory**, v. 5, n. 31: p. 31-52, 2005.

PARKER, C. *La Sociología de la Religión y la Modernidad: Por una revisión crítica de las categorías durkhenianas desde América Latina*. **Sociedad y Religión**, n. 13, p. 120-151, 1995.

PEIRANO, M. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEREZ, L. F. et al. **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PRADO, R. P. S. **Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa**. São Luís: EDUFMA, 2007.

RAVAGNANI, L. R. **O passado, a escola e o sítio: o patrimônio arqueológico na percepção de professores e alunos da vila de Joanes, Ilha do Marajó**. 2011. 73 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém – PA.

SAEZ, O. C. O lugar e o tempo do objeto etnográfico, *Etnográfica [Online]*, Lisboa, v. 15, n. 3, 2011. Disponível em <<http://etnografica.revues.org/1086>>. Acesso em: 23 set. 2015.

SAUTCHUK, C. E. Gestos, águas e palavras na pesca amazônica. **Anuário Antropológico**, Brasília, p. 83-105, 2011.

SILVA, A. C. S. **O coração da camboa: um estudo sobre as relações entre o patrimônio arqueológico e a construção do sentimento de saudade entre os (as) pescadores (as) da vila de Joanes, ilha do Marajó, Amazônia, Brasil**. 2012. 78 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém - PA.

SILVA, A. **Tanta tainha, pouca farinha: antropologia histórica da vila de Monforte (antiga aldeia de Joanes) nos tempos do diretório (1759-1769)**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém - PA.

SILVEIRA, F. L. A. Poética do cotidiano missionário: etnografia e reflexão sobre si mesmo. Compartilhando imagens e emoções com os contadores de causos nas Missões Gaúchas. **Cadernos de Campo**, São Paulo: n. 16, p. 13-29, 2007.

SILVEIRA, F. L. A.; BEZERRA, M. Paisagens fantásticas na Amazônia: entre as ruínas, as coisas e as memórias na Vila de Joanes, Ilha do Marajó. In: Maués, R. H.; Maciel, M. E. **Diálogos Antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias**. Belém: L&A Editora, 2012, p. 119-150.

SILVEIRA, I. M. **Quatipuru agricultores, pescadores e coletores de uma vila amazônica**. Belém: Publicações Avulsas n.34, Museu Paraense Emilio Goeldi, 1979.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

TAMBALIAH, S. J. Conflito etnonacionalista e violência coletiva no sul da Ásia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 4-24, jun., 1997.

VELTHEM, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan.-abr. 2012.

VERÍSSIMO, J. **A pesca na Amazônia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.